PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

Não há nada superior ao título de membro do Partido, cujo fundador e chefe é o camarada Lenin.
J. V. STALIN

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Sem teoria revolucionária não pode haver também movimento revolucionário...
V. I. LENIN

N.º 412 — RIO DE JANEIRO, 1 DE JUNHO DE 1952 — ANO XXVII

Telegramas de Stálin a Otto Grotewohl, A. Zapotocky, Petru Groza e Gh. Gheorghiu-Dej

"Ao Primeiro Ministro da República Democrática Alemã, camarada Otto Grotewohl — Berlim.

Rogo ao Govêrno da República Democrática Alemã e a vós pessoalmente, camarada Primeiro Ministro, que aceiteis meu agradecimento pela amistosa mensagem por motivo do sétimo aniversário da libertação do povo alemão da tirania fascista.

Desejo ao povo alemão e ao Govêrno da República Democrática Alemã êxitos na luta por uma Alemanha unida, independente, democrática e pacífica, pela mais rápida conclusão do Tratado de Paz e a retirada das tropas de ocupação da Alemanha, no interêsse da Alemanha e da paz em todo o mundo.

—)o(—

J. STALIN."

"Ao Presidente do Conselho de Ministros da República Tchecoslovaca, camarada A. Zapotocky — Praga.

Por motivo da festa nacional da Tchecoslováquia, o sétimo aniversário de sua libertação dos invasores hitlerianos, rogo-vos, camarada Presidente, e ao Govêrno da República Tchecoslovaca que aceiteis minhas felicitações amistosas e o desejo de que o povo tchecoslovaco alcance novos êxitos na edificação da nova Tchecoslováquia, democrático-popular.

—)o(—

J. STALIN."

"Ao Presidente do Conselho de Ministros da República Rumena, camarada Petru Groza, ao Secretário Geral do Comitê Central do Partido Operário Rumeno, camarada Gh. Gheorghiu-Dej — Bucarest.

Rogo ao Govêrno da República Popular Rumena, ao Comitê Central do Partido Operário Rumeno e pessoalmente a vós que aceiteis meu agradecimento pela amistosa saudação por motivo do 75.º aniversário da proclamação da independência estatal da Rumênia.

Desejo ao povo rumeno, ao Govêrno da República Popular Rumena e ao Comitê Central do Partido Operário Rumeno novos êxitos na edificação da nova Rumênia livre, democrático-popular.

J. STALIN."

EDITORIAL

Levemos à vitória a campanha por 5.000.000 de assinaturas para o apêlo por um Pacto de Paz

Cresce e se reforça em todo o mundo a luta pela paz. Cêrca de 650 milhões de assinaturas já apostas ao pé do Apêlo por um Pacto de Paz entre as Cinco Grandes Potências comprovam o profundo desejo de paz dos povos e a extraordinária amplitude da iniciativa do Conselho Mundial da Paz — maior mesmo do que a da campanha contra as armas atômicas.

Também no Brasil a luta pela paz tem alcançado sérios êxitos, revelados pelos 4.000.000 de assinaturas já coletadas para o Apêlo, pela manifestação de centenas de câmaras municipais e de grande número de personalidades de todo o país a favor do Apêlo por um Pacto de Paz, e pela organização de numerosas e amplas delegações aos diversos Congressos internacionais de que têm participado os partidários da paz no Brasil.

Também a jornada de 8 de maio, embora não atingindo todos os seus objetivos, contribuiu poderosamente para incentivar a luta pela paz. Ainda no ativo da luta pela paz no Brasil, devemos destacar o fato de que o govêrno continua impossibilitado de mandar tropas para a Coréia e de que diante da repulsa do nosso povo o carniceiro Acheson foi obrigado a adiar sua acintosa "visita" ao Brasil.

Os comunistas, que se encontram na primeira linha de todas as lutas populares, revelam uma melhor compreensão e dedicam uma maior atenção ao reforçamento e ampliação da luta pela paz e, em especial, do Movimento dos Partidários da Paz. Para isto muito contribuiu, sem dúvida, a entrevista do camarada Stálin aos jornalistas americanos, destacando os frutos que vêm sendo produzidos pela luta pela paz, e o informe do camarada Prestes ao Pleno de Fevereiro do Comitê Nacional, esclarecendo e fundamentando a luta pela paz como nossa tarefa central e decisiva. A assimilação de tão valiosos ensinamentos pela vanguarda do proletariado brasileiro — a classe mais interessada na luta pela paz e mais consequente no lutar por ela — já começa a produzir resultados.

Entretanto, forçoso é reconhecer que o avanço do movimento da paz em nosso país não corresponde ainda ao que é possível e necessário alcançar. E' preciso que os comunistas, aprofundando a compreensão e assimilando cada vez melhor os ensinamentos do camarada Stálin, dêem uma contribuição ainda mais decisiva para a ampliação e estruturação do Movimento da Paz e para organizar a luta pela aplicação das suas resoluções.

Mas a ampliação e o desenvolvimento da luta pela paz exigem também que ela se ligue mais estreitamente às diversas reivindicações que interessam às massas. A luta pela paz não pode ser apenas a luta contra a guerra em geral, mas tem de se dirigir contra todas as manifestações da preparação guerreira, manifestações estas que atingem o nível de vida das massas, que violam a soberania nacional, que conduzem a maior perseguição de todos os democratas e patriotas e suas organizações. A luta pela paz também deve adaptar-se às particularidades locais para atingir mais profundamente as massas. A política de guerra e a militarização da economia são algumas das causas preponderantes dos sucessivos aumentos de impostos e preços dos gêneros de primeira necessidade. Assim, a luta contra a carestia, por aumento de salários, contra toda elevação de impostos é também uma luta contra a preparação de guerra. A luta contra a dominação e a exploração imperialistas do Brasil é uma luta contra a guerra, pois se dirige contra o Tratado Militar com os Estados Unidos — que nega a soberania nacional; contra a entrega de petróleo e dos minérios estratégicos aos trustes imperialistas, que pretendem fazer desses nossos recursos armas de guerra; contra a permanência de generais americanos à testa de nossas fôrças armadas, os quais dirigem todos os seus esfôrços no sentido de prepará-las para agressões externas; contra a entrega de bases às fôrças armadas norte-americanas para que as utilizem na preparação de suas agressões à União Soviética e às democracias populares.

A luta pelo estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com todos os países do mundo é também um aspecto da luta pela paz, da mesma maneira que a luta pelas liberdades públicas e contra a nova Lei do Serviço Militar, que coloca milhões de jovens brasileiros à disposição das aventuras imperialistas.

Na luta pela paz devemos dar a maior importância à coleta de assinaturas e nessa tarefa concentrar nossos esfôrços. Ao lado disso, outras formas de luta pela paz devem ser enfrentadas — a luta contra a guerra bacteriológica, a comemoração do Dia da Infância, a comemoração do milenário de Avicena. Estas são tarefas específicas que permitem a mobilização de milhares e milhares de cidadãos, de intelectuais, de organizações populares, de estudantes, de mães de família para a luta pela paz.

Os problemas de organização e de propaganda da luta pela paz também devem merecer a maior atenção. Atrair os partidários da paz para a luta ativa pela paz deve ser uma preocupação constante de todos quantos estão nela empenhados e em particular dos comunistas. Isso permitirá também fortalecer os laços entre os Conselhos de Paz e os milhões de cidadãos que assinaram o Apêlo, permitindo mobilizá-los para as tarefas diárias da luta pela paz.

Impõe-se ainda a criação de formas novas de propaganda e de coleta de assinaturas. Ainda há numerosas localidades e zonas que não foram atingidas ou o foram muito superficialmente. A organização de caravanas, de conferências, de debates públicos dará certamente resultados positivos. Devemos também lutar pelo melhoramento da propaganda, através de folhetos, cartazes, etc., bem como conseguir novas manifestações de câmaras municipais e personalidades destacadas.

Incentivar a emulação tanto em escala nacional, como estadual e local deve também constituir uma preocupação permanente, estimulando-se dessa maneira a iniciativa dos partidários da paz.

A realização de todas estas tarefas políticas e de organização devem, neste momento, ter presente o principal objetivo imediato da luta pela paz em nosso país: a cobertura da cota de 5.000.000 de assinaturas até o dia 30 de junho. Os comunistas, que se têm revelado os mais ardorosos combatentes da paz, devem ser os primeiros a lutar para que o objetivo a que se propõe o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz seja alcançado.

A vitória da campanha de 5.000.000 de assinaturas valerá também como uma clara manifestação de repúdio do nosso povo à criminosa guerra microbiana desencadeada pelos generais de Truman contra os povos da Coréia e da China.

Assim consolidaremos as vitórias já alcançadas e abriremos caminho para novos e mais importantes êxitos na luta pela paz.

Desenvolve-se no país a campanha Por um Pacto de Paz

SAGRAM-SE CAMPEÕES OS JOVENS FLUMINENSES — APÓIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE ANÁPOLIS — DENUNCIADO O ACÔRDO DE GUERRA BRASIL-ESTADOS UNIDOS — VEEMENTE CONDENAÇÃO À GUERRA BACTERIOLÓGICA

Durante os últimos trinta dias desenvolveu-se em todo o país a campanha por um pacto de paz entre as cinco grandes potências, contra o emprêgo da arma bacteriológica pelos agressores americanos na Coréia e na China e contra a política de guerra do govêrno Vargas, sob os seus vários aspectos.

Dentre os atos mais sinngnificativos ocorridos nesse período, destacam-se as comemorações no dia 8 de maio. Dia da Vitória, transformado em todo o continente em Jornada pela Paz Mundial, de acôrdo com uma decisão adotada na Conferência Continental Americana pela Paz que se reuniu em Montevidéu. No Distrito Federal, em Niterói e em outras cidades fluminenses, na Bahia, em São Paulo e em numerosos outros Estados a data foi festejada em atos públicos, além dos comandos gigantes que se realizaram pela coleta de assinaturas.

Conforme tinha sido estabelecido pelo Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, a campanha de assinaturas devia atingir nesse dia a elevada soma de 4 milhões e 200 mil firmas por um pacto de paz. Posteriormente o MBPP informou, em nota pública, que havia sido alcançada nessa data a cifra das 4 milhões e fixou como nova etapa a ser atingida no dia 30 de junho o montante de 5 milhões de assinaturas por um pacto de paz.

PRÊMIOS

O Movimento Carioca dos Partidários da Paz efetuou a entrega de vários prêmios conquistados durante a semana de 1 a 8 de maio, e que foram os seguintes: 1) "Flâmula Joliot-Curie" conquistada pelo Conselho de Paz do Centro, que coletou 1.127 assinaturas na Semana do Dia da Vitória; 2) "Flamula Apêlo por um Pacto de Paz", conquistada pelo Conselho de Paz do Arsenal de Marinha. Na última semana esse Conselho conseguiu 16 novos sócios; 3) "Flamula Conferência Continental da Paz", conquistada pelo Conselho de Paz de Colégio, que se colocou na dianteira na arrecadação de fundos para a campanha da paz, angariando mais de 300 cruzeiros.

Além dêsses, foram distribuídos prêmios de viagem a São Paulo, com passagem e estada pagas, com fim de intercâmbio de experiências com partidários da paz bandeirantes; os membros dêsses Conselhos que mais se destacaram no trabalho.

COBERTURA DE QUOTA

Os jovens fluminenses cobriram sua quota de 160 mil assinaturas, colocando-se assim na vanguarda dos jovens partidários da paz de todo o país. Aliás, sua quota inicial era de 60 mil assinaturas. Com entusiasmo, atiraram-se à tarefa, cobrindo e ultrapassando essa soma. Assim fizeram com as novas quotas que lhe foram sendo fixados: 120, 150, 160 mil assinaturas. São os recordistas nacionais da campanha, e um só deles — Otheres de Andrade Emmerick — coletou dezenas de milhares de firmas por um pacto de paz.

O "ARATAIA"

Especial menção merece também o grupo de partidários da paz do "Arataia", o navio que chamou a atenção de todos ao entrar no porto de Cabedelo com uma bandeira branca no mastro. Os tripulantes do "Arataia" desenvolveram grande trabalho em defesa da paz. Toda vez que iam a terra coletavam assinaturas, organizavam conselhos de paz e nas entradas e saídas dos portos deixavam cair ao mar latas e caixas vazias com inscrições em favor da luta pela paz. Várias vezes realizaram reuniões de confraternização com os tripulantes de outros barcos, levando-lhes palavras esclarecedoras sôbre a necessidade de ser conquistada a paz, recolhendo assinaturas e fundos para a campanha por um pacto de paz.

ASSOCIAÇÃO FEMININA DO D. FEDERAL

A Associação Feminina do Distrito Federal, realizou em sua sêde uma palestra sôbre a Conferência Continental da Paz, tendo falado as sras. Eline Mochel e Helena Boaventura de Matos, ambas delegadas à reunião de Montevidéu. O ato esteve bastante concorrido e foi então apresentada e acolhido com entusiasmo o plano para a coleta de mais 20 mil assinaturas pelas mulheres cariocas até o dia 8, Jornada da Paz. Compareceu ao ato o juiz José do Patrocínio Galloti, de Florianópolis, que se encontrava nesta capital.

APÓIO DA CÂMARA DE ANÁPOLIS

A Câmara Municipal de Anápolis, importante município goiano, aprovou por unanimidade uma moção em apoio ao apêlo por um pacto de paz. Um dos vereadores, o banqueiro e ex-secretário da Fazenda, dr. Benedito B. Abreu, justificou seu voto a favor da moção com as seguintes palavras: "Os que lutam pela paz são mais sinceros do que os que tentam assenhorar-se de mercados. Apôio esse movimento pela paz porque são os países coloniais os que mais sofrem com a guerra, motivo porque todos devem cerrar fileiras na luta pela paz".

O texto da moção é o seguinte: "A Câmara Municipal de Anápolis congratula-se com o M.B.P.P., pelos brilhantes resultados da Conferência Continental Americana pela Paz, realizada em Montevidéu, e exprime a convicção de que as questões internacionais podem ser resolvidas por meios pacíficos. Por essa razão, a Câmara Municipal de Anápolis manifesta seu apoio ao apêlo do Conselho Mundial da Paz por um pacto de Paz entre as cinco grandes potências".

Durante a discussão, vários vereadores reafirmaram seu apoio à luta pela paz, contra a remessa de tropas para a Coréia

DENUNCIADO O PACTO DE GUERRA

A Associação Feminina de Tiradentes, Goiânia, realizou grande festa da qual participaram centenas de mulheres. Durante a festa, sob aprovação geral, foi denunciado como um pacto de guerra o Acôrdo Militar firmado pelo govêrno de Vargas com o dos Estados Unidos.

No Distrito Federal e em vários Estados estão correndo listas para um abaixo-assinado a ser enviado ao Parlamento para que não seja ratificado esse cam promisso de guerra.

PARTIDÁRIOS DA PAZ LIBERTADOS

Os operários paulistas Heron Amaral de Lima, Henrique Mesias e Angelo Arroyo, que tinham sido presos por coletarem assinaturas para o apêlo por um pacto de paz, foram postos em liberdade.

A heroina da Paz Elisa Branco lançou um apêlo a todas as mulheres brasileiras — mães, esposas, noivas, etc. — a fim de que intensifiquem a luta pela libertação das irmãs Gimenez, presas em São Paulo, e de Jean Sarkis e Maria Afonso Lins, presas no Distrito Federal todas as quatro processadas e condenadas por terem lutado contra o envio de tropas para a guerra dos americanos.

PELA COEXISTÊNCIA PACÍFICA

O deputado estadual Osvaldo Lima Filho, de Pernambuco, declarou a imprensa: "Sou favorável à coexistência pacífica entre o Ocidente e o Oriente".

CONSELHO DA PAZ

Entre os Conselhos da Paz organizados em Porto Alegre destaca-se o Conselho de Defesa da Paz da Vila Floresta. Êste Conselho tem realizado comandos aos sábados e domingos que terminam com sucesso. Os comandos são planificados com antecedência e realizados com entusiasmo.

COMANDOS-GIGANTE

Na Bahia têm obtido os melhores resultados os comandos-gigante nas ruas e bairros, em pról de um pacto de paz. Outra experiência positiva dos partidários da paz da Bahia foi a organização de conferências de zona pela paz, abrangendo vários municípios. Reuniões dêsse tipo foram organizadas no Sul, no Nordeste e no Recôncavo, para as quais foi obtido o apoio inclusive de autoridades municipais.

Outra experiência ainda da Bahia é a remessa de cartas a diversas pessoas, acompanhadas de listas de Apêlo, solicitando que preencham as listas com amigos, vizinhos, parentes, etc. e as devolvam ao Movimento da Paz. Milhares de firmas foram coletadas por esse meio.

CONTRA A GUERRA BACTERIOLÓGICA

As denúncias sôbre o emprêgo na Coréia e na China da arma bacteriológica, pelos agressores americanos, têm tido imensa repercussão em nosso país. Além das entrevistas à imprensa, como em São Paulo, na Bahia, no Distrito Federal, no Rio Grande do Sul, em que diversas personalidades protestam contra o uso de tão monstruosa arma, tem havido pronunciamentos coletivos de grande importância.

Professores universitários, como o catedrático Estácio de Lima, da Faculdade de Medicina da Bahia, escritores de renome como o romancista Erico Veríssimo, têm-se manifestado nesse sentido. Além disso, organizações como o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, a Federação de Mulheres do Brasil, a União dos Estudantes da Bahia e tantas outras têm se dirigido à ONU e ao Conselho Mundial da Paz protestando contra o hediondo crime de guerra.

O advogado Letelba Rodrigues de Brito, que regressou há dias da Europa, participou de uma Comissão de Inquérito da Associação Internacional de Juristas Democratas, que visitou a Coréia e all comprovou a prática da guerra microbiana pelos militares americanos. Sua entrevista a um jornal carioca, sôbre o assunto, desperiou a mais viva repercussão.

Em manifesto ao povo brasileiro, um grupo de personalidades denuncia a utilização da arma microbiana como um crime de guerra, conclta a que todos os brasileiros exijam que os Estados Unidos assinem e respeitem o protocolo de Genebra e cessem imediatamente a guerra bacteriológica. O documento é assinado pelas seguintes pessoas: Henrique Fialho desembargador; Oeni Duarte, juiz de Direito; José do Patrocínio Galloti, juiz de Direito; Campos Vergal, deputado federal; Coutinho Cavalcanti, deputado federal; Evandro Lins e Silva, criminalista; Eusébio Rocha, deputado federal; Plínio Coelho, deputado federal, Gondim da Fonseca, jornalista; Odilon Batista, médico; Mário Fabião, médico; João Luiz de Carvalho, vereador do Distrito Federal; Moreira da dionorRocha, deputado federal, e Clodomir Miller, deputado federal.

SÔBRE O 30º ANIVERSÁRIO DO P. C. B.

Na presente edição são publicadas duas matérias sôbre o 30.º aniversário do Partido, para as quais chamamos especialmente a atenção dos nossos leitores. Trata-se de um artigo escrito por A. Sicolobon (na última página), que apareceu na "Pravda", órgão central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS, em sua edição de março último. A segunda é um comentário do semanário "Por uma Paz Duradoura, Pela Democracia Popular", órgão do Bureau de Informação dos Partidos Comunistas e Operários, número 177, edição de 28 de março último.

SAUDAÇÃO DE PRESTES AO CONGRESSO NACIONAL DO P. C. DA COLOMBIA

"Caros camaradas!

Saudamos fraternalmente vosso Congresso Nacional e fazemos votos de êxitos em vossa luta pela paz, a democracia e a libertação nacional.

Atualmente nossos povos desenvolvem históricas lutas patrióticas na América Latina pela paz, por pão, terra e liberdade, contra o envio de tropas à Coréia e contra as sanguinários imperialistas americanos. Nesta luta o povo colombiano desempenha importante papel, dirigido pelo Partido Comunista da Colômbia. Augurando o mais completo êxito em vossas deliberações, enviamos fraternalmente as mais calorosas saudações.

a) LUIZ CARLOS PRESTES
Secretário Geral do P. C. B.

EXIJAMOS A CESSAÇÃO DA GUERRA MICROBIANA

Novas e mais esmagadoras provas do monstruoso crime que o imperialismo norte-americano vem praticando contra os povos da Coréia e da China vieram à luz nas últimas semanas. A Comissão de Juristas Democráticos que visitou aquêles países apresentou um relatório impressionante, em que se especificam as condições em que numerosas bombas foram atiradas, os insetos utilizados e os micróbios de que eram portadores. E depois da divulgação das impressionantes fotografias das armas portadoras dos insetos infeccionados e dos próprios insetos, vieram as confissões dos tenentes Kenneth Enoch e John Kenny, confirmando totalmente as denúncias anteriores e confessando terem participado pessoalmente do lançamento de bombas microbianas sôbre Hwangju e Tungwa, na República Democrática da Coréia. Suas declarações foram gravadas em disco e divulgadas pelo Rádio de Pequim. Um grupo de comerciantes ingleses visitou a exposição de guerra bacteriológica organizada pelo govêrno chinês e um dos seus componentes, o sr. W. G. Mac Leiland, disse: "É inconcebível que as provas que nos apresentaram tenham sido falsificadas".

A estas denúncias concretas, a estas provas irrefutáveis, os porta-vozes do imperialismo americano continuam a opôr simples desmentidos de palavras. Mas ao fazê-lo fogem sempre — como o sr. Acheson — a admitir que seria inadmissível o emprêgo da arma microbiana, negam-se a fazer qualquer afirmação categórica de que os Estados Unidos são contra o emprêgo dessa arma criminosa.

Ao contrário, acumulam-se as provas de que os bandidos imperialistas planejaram e prepararam cuidadosamente o emprêgo da arma microbiana e que continuam dispostos a persistir na prática do crime. Ainda em janeiro dêste ano, o general Creasy, chefe da Seção de Pesquisas e Aperfeiçoamento dos Serviços Militares Químicos dos Estados Unidos proclamava: "Creio que a arma cuja criação asseguramos, agora permitirá, com um mínimo de dispêndio com o seu transporte, reduzir a capacidade defensiva do inimigo e levar assim à vitória sem destruição da sua economia... A guerra bacteriológica, na verdade, é o contrário da proteção à saúde pública e da profilaxia... A guerra biológica representa uma nova tentativa de estudar as fôrças da natureza e de controlá-las para o bem do povo, especialmente em relação com suas aplicações militares. Ao contrário da bomba atômica e de tôda outra arma explosiva, a arma bacteriológica dirige-se especialmente contra os homens, não destrói nem as construções nem as máquinas, age contra o próprio homem ou contra o que o alimenta, isto é, o gado e as culturas."

A 3 de abril, o "Washington Post" admitia abertamente a preparação da guerra microbiana pelos Estados Unidos. Informava êsse jornal: "O exército americano passa agora da etapa experimental para a da produção em serie no terreno das armas bacteriológicas e pediu ao Congresso os créditos necessários para duplicar a capacidade do seu centro de pesquisas de Campo Detrick, em Maryland. E Mr. Sikas, vice-presidente da subcomissão de finanças da Câ-

(Conclui na 2ª página)

1870-1965

DICIONÁRIO

"O IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO" — Título de uma das principais obras teóricas de V. I. Lênin, escrita na primavera de 1916, durante a primeira guerra imperialista mundial. Nêste livro se demonstra, sôbre a base da análise do "conjunto dos dados que ilustram os fundamentos da vida econômica de 'tôdas' as potências beligerantes e do mundo "inteiro", que o imperialismo é a fase superior do capitalismo putrefacto e agonizante, o umbral da revolução socialista. Êste livro teve e continua tendo um importância extraordinàriamente grande para o proletariado internacional; suas conclusões serviram para fundamentar as teses teóricas e políticas mais importantes do leninismo. Nos primeiros seis capítulos Lênin analisa os cinco traços fundamentais do imperialismo. Primeiro traço: a transformação da concorrência em monopólio. Sob o imperialismo, "algumas das particularidades fundamentais do capitalismo começavam converter-se em sua antítese". A livre concorrência é a particularidade fundamental do capitalismo, o monopólio é a antítese da livre concorrência, porém esta última, pelo enorme crescimento da concentração da produção, que é sua consequência, "se converteu sob as nossas vistas em monopólio". A concorrência, porém, não fica eliminada; continua existindo por cima e ao lado do monopólio, conduzindo assim a uma acentuação particularmente aguda e profunda de tôdas as contradições do capitalismo. O monopólio aumenta em muitas vezes a escravização dos trabalhadores; "o jugo de um grupo pouco numeroso de monopolistas sôbre o resto da população torna-se cem vezes mais duro, mais sensível, mais insuportável". Segundo traço do imperialismo: a fusão do capital bancário com o industrial e a formação do capital financeiro. Os Bancos, que antes desempenhavam o modesto papel de intermediários, converteram-se em "monopolistas onipotentes" que dispõem de quase todo o capital monetário e da maior parte dos meios de produção, assim como das fontes de materias primas. O punhado de donos dos maiores Bancos, os reis das finanças, a oligarquia financeira, eis aqui a fôrça dominante que submete tôdas as instituições econômicas e políticas da sociedade capitalista. Terceiro traço do imperialismo: o predomínio da exportação de capital sôbre a exportação de mercadorias. A exportação de mercadorias era característica do capitalismo pré-imperialista. Mas, em consequência do monopólio preponderante dos países mais ricos, a acumulação do capital alcança na época do imperialismo proporções gigantescas, e o "excesso" de capital é exportado para os países atrazados, onde as matérias primas e a mão de obra são baratas, e os lucros dos capitalistas fabulosamente grandes. O capital financeiro, escreve Lênin, "estende sua rêde... a todos os países do mundo". Quarto traço do imperialismo: a repartição do mundo entre os monopólios capitalistas. Os cartéis, os trustes, os sindicatos mais poderosos dividem entre si o mercado mundial, distribuindo-se as "esferas de influência", formando cartéis internacionais. A luta entre os diversos grupos de capitalistas se torna aguda ao extremo. Lênin desmascara a mentira de Kautsky. Êste afirmava que a constituição dos cartéis internacionais conduz à paz entre os povos, quando na realidade conduz a um agravamento das contradições entre os países capitalistas. Quinto traço do imperialismo: a luta entre as "grandes potências" pela nova divisão do mundo já dividido. O imperialismo agravou em enorme medida a luta entre os Estados capitalistas pelas colônias. A divisão do mundo entre as "grandes potências" terminou em princípios do século XX, sem que haja territórios não ocupados pelos imperialistas. "De modo que o que para frente pode efetuar-se são unicamente novas divisões sob outra forma, isto é, a passagem de territórios de um "amo" a outro e não a passagem de um território sem amo a um "dono". A lei de desenvolvimento desigual sob o imperialismo evidencia-se pelo fato de que os países capitalistas jovens, que se desenvolvem ràpidamente, se adiantam aos velhos países capitalistas. A ameaça de guerras imperialistas de rapina e banditismo "pela divisão do mundo", pela nova divisão das colônias, das "esferas de influência" do capital financeiro, etc." é inevitável enquanto existir o imperialismo. Os bandidos mais poderosos envolvem em sua guerra pela repartição do seu botim, tôda a Terra".

(Trecho extraído do verbete "O imperialismo, fase superior do capitalismo" do Dicionário filosófico marxista" de M. Rosental e P. Yudin.).

VIDA DO PARTIDO

SAUDAÇÃO DO C. E. DE MINAS GERAIS AO COMITÊ NACIONAL

"Prezados camaradas do C. N.

O C. E. de Minas Gerais do PCB, reunido sob a presidência de honra de nosso grande e querido camarada Luiz Carlos Prestes e dos demais membros da Comissão Executiva do Partido e tambem dos camaradas Dolores Ibarruri e Rodolfo Ghioldi, resolveu exprimir aos prezados camaradas o seu unanime, inteiro e caloroso apoio ás Resoluções do último pleno do Comitê Nacional, em particular a Resolução que expulsa das fileiras do nosso glorioso Partido o renegado e traidor José Maria Crispim.

O C. E. agradece a inestimavel ajuda que representam para o nosso Partido em Minas os magnificos Informes apresentados ao Comitê Nacional pelos camaradas Prestes e Arruda. Lutando infatigavelmente contra os nossos erros e debilidades, tudo continuaremos fazendo, cheios de entusiasmo, de alegria e de confiança, para honrar a justa critica que nos foi feita. Armados com os ricos ensinamentos dos informes do C. N. haveremos de cumprir as importantes tarefas de nosso Partido, unindo e organizando o proletariado e o povo de nosso Estado na luta pela paz, nossa tarefa central e decisiva, e construindo, ao calor desta luta, um forte Partido enraizado nas grandes empresas e concentrações agricolas fundamentais e amplamente ligado às massas.

(Conclui na 7.ª pág.)

EXPULSO DO P. C. B. ARLINDO ANTÔNIO DE PINHO

COMUNICADO DO COMITÊ METROPOLITANO

"O Comitê Metropolitano comunica a expulsão de Arlindo Antonio de Pinho das fileiras do Partido Comunista do Brasil, por exercer atividade desagregadora e contra-revolucionária.

Arlindo Antonio de Pinho, violando os principios organicos e estatutários do Partido, na tentativa de aliciar elementos para a atuação fracionista e provocadora do renegado José Maria Crispim, tenta promover a luta contra a Direção Nacional e a nossa linha politica.

Depois de reconhecer e de se declarar de acôrdo com a expulsão do traidor Crispim, Arlindo de Pinho não só se desdisse como ainda procurou intensificar sua ação anti-partidária contra os interesses da classe operária e do povo, pondo-se a serviço do inimigo.

O Comitê Metropolitano, ratificando a expulsão de Arlindo Antonio de Pinho, levada a efeito pela célula a que pertencia, chama a atenção de todos os membros e amigos do Partido, para que não mantenham a menor relação com êsse traidor.

Rio, Maio de 1952.

O Comitê Metropolitano do Partido Comunista do Brasil".

INFORMAÇÕES DOS PP. CC.

VII CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA COLÔMBIA

Em meio à mais profunda ilegalidade, realizou-se de 6 a 12 de abril último o VII Congresso Nacional do Partido Comunista da Colômbia. 59 delegados participaram dos trabalhos, tendo sido eleitos para o presidium de honra os camaradas Stálin, Mao Tsé Tung, Togliatti, Thorez, Blas Roca, Luiz Carlos Prestes e Foster. Da ordem do dia constaram os seguintes pontos: 1) O fortalecimento do campo democrático e anti-imperialista e os êxitos dos partidários da paz no mundo; 2) A luta pela unidade de ação da classe operária; 3) A luta pela formação da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL; 4) A luta de guerrilhas e o movimento de auto-defesa; 5) A luta contra os desvios de "esquerda" e de direita.

Em seu informe, o camarada Gilberto Vieira, secretário geral do Partido, disse que a luta principal dos partidários da paz e do Partido Comunista deve ser dirigida contra o envio de tropas para a Coréia, pelo fortalecimento da campanha de coleta de assinaturas por um Pacto de Paz e pela criação de um ampla rêde de partidários da paz em todo o país. O informante fêz uma análise autocrítica dos desvios sectários do Partido, que haviam feito o jogo dos agentes do imperialismo em seus esforços por cindir o movimento operário, e destacou a importância das palavras de ordem de UNIDADE DE AÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA e de FRENTE DEMOCRÁTICA.

A luta de guerrilhas que se vem desenvolvendo no país foi amplamente estudada pelo Congresso. Iniciada à base de promessas enganosas de elementos da burguesia liberal, que acenavam com a possibilidade de "golpes de estado", e como fruto da violência oficial, as guerrilhas consolidaram-se em diversos pontos do país, assumindo o caráter de luta de massas. Por outro lado, a palavra de ordem do Partido de auto-defesa diante das agressões da reação também está determinando o surgimento de núcleos de guerrilheiros. O Congresso recomendou que o Partido procurasse ligar o movimento de auto-defesa e as lutas de guerrilhas com as lutas dos camponeses pela terra e por melhores condições de vida.

O Congresso combateu a tendência esquerdista segundo a qual a principal forma de luta na Colômbia deveria ser a luta armada — que leva ao abandono das lutas da classe operária na cidade — bem como toda tendência oportunista à passividade.

Analisando a situação politica nacional, o informe indicou que a ditadura, em vez de consolidar-se, tende a debilitar-se em função das contradições internas no govêrno, da existência do movimento guerrilheiro, da alta dos impostos e do descontentamento crescente das massas. Em consequência disso, novos golpes podem ocorrer.

O Congresso também discutiu os problemas de organização do Partido e o problema agrário, sendo aprovadas as teses apresentadas. O secretário geral, camarada Gilberto Vieira, foi reeleito por unanimidade.

O VII Congresso do P. C. da Colômbia consolidou a obra de unidade do Partido iniciada no Congresso anterior (Congresso de Unidade) e estabeleceu as bases para um amplo desenvolvimento das lutas pela paz e contra o envio de tropas para a Coréia, pela frente democrática e pela unidade de ação da classe operária — tarefas estas que conduzirão à substituição da atual ditadura por um govêrno de Libertação Nacional.

*

A LUTA DO PARTIDO COMUNISTA DA FRANÇA PELA DEFESA E A DIFUSÃO DA IMPRENSA COMUNISTA E DEMOCRÁTICA

Nos últimos dias do mês de março, o Comitê Central do P. C. F. aprovou uma resolução em que apela para todo o Partido no sentido de redobrar de esforços na defesa e na difusão da imprensa comunista e democrática.

A resolução chama a atenção para as dificuldades crescentes que assoberbam os órgãos da imprensa comunista e democrática, dificuldades estas criadas pelos inimigos do povo e da paz, que procuram assim atingir seu objetivo — calar a voz da verdade — já que não conseguem instaurar de imediato a ditadura fascista aberta.

A resolução mostra a necessidade de ser equilibrada ràpidamente a situação de numerosos jornais, cujos déficits crescem e não podem ser cobertos pelo Partido.

A resolução indica a necessidade de serem ràpidamente realizadas quatro tarefas principais; pôr em circulação listas e tomar outras iniciativa para coleta de fundos; reforçar a difusão, especialmente aos domingos, mobilizando-se um maior número de camaradas para esta tarefa, multiplicando-se os postos de venda e as equipes de casa em casa; reforçar a difusão da imprensa através do Partido, nas emprêsas e nos bairros; mobilizar as massas para a luta contra a conspiração de que é vitima a imprensa da verdade e da paz.

A resolução apela também para os redatores e administradores dos jornais para que melhorem seu trabalho e estabelece medidas concretas para o controle das tarefas traçadas.

*

À POSIÇÃO DO P. S. P. DE CUBA DIANTE DO GOLPE DE BATISTA

HAVANA, Março — A edição do dia 15 do "Noticias de Hoy" divulga uma nota da Comissão Executiva Nacional do Partido Socialista Popular sobre o golpe de Batista, apontando-a como uma manobra do imperialismo americano para manter no poder camarilhas de militaristas, latifundiários e dos elementos mais reacionários da burguesia, e destinada a impedir o estabelecimento de um governo com base popular. "Os objetivos imediatos do golpe de estado foram, pois — diz a nota — primeiro: evitar a derrota de Prio e Hevia (o presidente em exercicio e seu candidato) diante da avalanche popular oposicionista, que teria provocado modificações mais profundas e importantes na orientação do país, quaisquer que fossem as "intenções" e os "pontos de vista" da direção burguesa e pequeno-burguesa do Partido Ortodoxo; segundo, colocar o poder em mãos de Batista, com a esperança de que este possa, sem o lastro de impopularidade do governo, reagrupar as fôrças politicas governistas em torno de si, dispensar e confundir as fôrças ortodoxas e concorrer depois a eleições previamente ganhas".

Mais adiante, a nota mostra como a união das forças populares e sua ação é o que pode impedir que o governo tome o rumo da reação aberta. Isto deve ser feito em torno das palavras de ordem de Respeito à Constituição, restabelecimento das garantias constitucionais, respeito ao Congresso, e suas prerrogativas e funções, dissolução efetiva das organizações de "gangsters" e prisão dos "gansters" e espancadores; democracia para os operários, respeito ao direito de greve, respeito à autonomia municipal. Em torno dêsse programa de ação imediata devem ser organizados Comitês de frente única.

A nota chama mais uma vez a atenção para os males que afligem o povo e mostra como, além de uma saida imediata, é preciso não perder de vista uma saida definitiva para êles, saida que só se encontrará "através da Frente Democrática Nacional e do estabelecimento de um governo de Frente Democrática e da aplicação da plataforma de paz, democracia, bem-estar, unidade operária e honestidade administrativa elaborada pelo nosso Partido Socialista Popular em sua VII Assembléia Nacional".

A importância das "Obras"

A edição do primeiro tomo das OBRAS do camarada Stálin, em nosso idioma (J. V. Stálin — OBRAS — I — Editorial Vitória, 1952, Rio), constitui um grande êxito dos militantes e amigos do nosso Partido e de todo o povo trabalhador e progressista. Trata-se de um trabalho realmente indispensável na prática do movimento revolucionário. Vale dizer que êle é indispensável, antes de tudo, aos militantes comunistas.

Os artigos e estudos que este tomo encerra foram escritos entre os anos de 1901 a 1907, periodo rico de grandes experiências, como as que se extrairam das lutas de antes, durante e logo após a revolução de 1905. E é êsse tesouro de experiência que agora está à disposição dos leitores brasileiros, devidamente estudadas, criticadas e teorizadas pelo camarada Stálin, cuja genialidade compensava largamente, como homem de partido, revolucionario e teórico, o verdor da sua juventude.

Devemos, aliás, chamar a atenção aqui para esses três aspectos que ressaltam da figura do camarada Stálin, através das páginas dêsse livro. Tomemos, por exemplo, o trabalho intitulado: "Algumas palavras sôbre as divergências no Partido", e observemos como êle defende intransigentemente — e com que veemência! — a unidade do Partido, como põe a nú o carreirismo de certos grupos, como pugna pelos principios do centralismo democrático contra os que pretendem desrespeitar resoluções de órgãos superiores. Assim, não só pelos argumentos que expende, como pela firmeza de sua atitude, o camarada Stálin nos oferece o melhor exemplo do espirito partidário.

Tambem em numerosos capitulos dêsse volume o revolucionário aparece de corpo inteiro: sem ilusões na burguesia, cujas vacilações e oportunismo desmascarava, ao mesmo tempo que depositava nas mãos do proletariado, "o poderoso titã da revolução russa", tôdas as esperanças. Quanto maiores e mais dificeis eram as lutas, tanto maiores eram seu entusiasmo e sua vontade de vencer. Basta, para nos dar uma idéia de sua grandeza revolucionária, a leitura dos artigos intitulados "Tiflis, 20 de Novembro de 1905" e "Dois Choques".

E basta, para compreendermos a importância que êle dava à teoria (êle que sempre se distinguiu como um homem essencialmente de ação, à frente dos trabalhadores em suas lutas de classe), a leitura das substanciosas páginas de "Anarquismo ou Socialismo?" Porém, mais que simles leitura, este trabalho — como, de resto, toda a obra — merece um estudo atento. Em tom polêmico, o jovem marxista destrói as falsas teorias anarquistas, revelando a profundeza de seus conhecimentos da doutrina de Marx, um dominio completo de todos os aspectos — politicos, econômicos, filosóficos, etc..

Por tudo isso, não se pode qualificar senão como histórica a resolução do Comitê Nacional do nosso Partido, adotada no Pleno de fevereiro de 1951, para que fossem editadas em português, em nosso país, as Obras completas do camarada Stálin. Entregando este primeiro volume aos comunistas e a todos os patriotas, por ocasião do 30.° aniversário do Partido Comunista do Brasil, a Editorial Vitoria prestou por sua vez, uma das mais significativas homenagens ao partido de vanguarda do proletáriado brasileiro.

DIRETOR:
Maurício GRABOIS

Redação e Administração:
R. TEÓFILO OTONI, 15
SALA 807 - 8.º ANDAR
RIO DE JANEIRO

RESPOSTA
à sua pergunta

QUAL A FRENTE DE LUTA MAIS IMPORTANTE PARA A REVOLUÇÃO?

Do leitor F. A. Corrêa, de Taubaté, recebemos carta em que pergunta:

1.º — qual a frente de luta mais importante para a revolução;
2.º — se os operários de uma emprêsa devem ser levados à greve quando não há célula do Partido na mesma.

* * *

Comecemos pela questão da "frente de luta mais importante para a revolução".

Todas as frentes de luta são importantes para a realização da revolução democrático-popular, pois todas elas desembocam numa única e grande caudal — a luta pela paz, hoje nossa tarefa central.

A frente sindical é muito importante. A unidade da classe operária constitui, como diz DEMOCRACIA POPULAR, "condição fundamental para uma luta vitoriosa pela paz, pelos interesses vitais dos trabalhadores".

A frente de agitação e propaganda não é menos importante. E' através dela que convencemos o Partido da importância de nossas tarefas, é através dela que levamos nossas palavras de ordem às massas, que as ganhamos para nossos pontos de vista, que a despertamos para a luta.

A frente de organização também é fundamental. A organização é a própria vida do Partido e o Partido é o dirigente, a cabeça das lutas das massas.

O mesmo poderiamos dizer sobre os diversos aspectos do trabalho de massas. Todos êles são muito importantes. Mas para que sejam realmente uteis para a revolução, o que é preciso é que todas estas frentes de luta convirjam agora para a "nossa tarefa central e decisiva" — a da luta pela paz.

Ao chamar a atenção do Partido para a importância da luta pela paz, o camarada Prestes adverte ao mesmo tempo contra toda tendência a considerá-la uma simples frente de luta ou uma tarefa exclusiva dos comunistas ou da classe operária. Ele esclarece, no seu informe ao Pleno de Fevereiro: "LUTAR POR UMA PAZ SÓLIDA E DURADOURA E' O NOSSO OBJETIVO PRINCIPAL E PARA ALCANÇÁ-LO DEVEMOS A ESSA TAREFA CENTRAL DO MOMENTO SUBORDINAR TODA A NOSSA ATIVIDADE".

Está claro, pois, que para a realização dessa tarefa devemos a ela subordinar toda a nossa atividade, isto é, para ela devemos voltar todas as nossas frentes de trabalho. Estas, por sua vez, formam um conjunto harmônico, todas são igualmente importantes para a revolução, desde que voltadas neste momento para a luta pela paz. E voltadas para a luta pela paz porque é precisamente "através da luta pela paz que se fará avançar o movimento de libertação nacional, é através da luta pela paz que mais rapidamente nos aproximaremos de nossos objetivos fundamentais", como diz o camarada Prestes. E é ainda êle quem esclarece: "... a luta pela libertação nacional nós a fazemos hoje com a bandeira da luta pela paz".

Isto, entretanto, não deve dar lugar a qualquer confusão entre a tarefa da luta pela paz em geral, em toda sua amplitude, e o Movimento dos Partidários da Paz. Este é um movimento específico, com um programa próprio, uma frente única pela paz, UM dos grandes meios de se lutar pela paz. Mas a luta pela paz, encarada em toda sua amplitude, exige tambem enfrentar a solução dos problemas fundamentais do país, problemas que têm sua raiz no próprio regime dominante. O movimento da paz não é, nem deve ser, um movimento "nosso", mas sim um movimento de ampla frente única de todos os que se opõem ao crime do desencadeamento de uma nova guerra e que mobilizam para a luta contra a sua preparação — quaisquer que sejam seus pontos de vista sobre as possiveis causas da guerra. Esse movimento já conseguiu o apoio de milhões de brasileiros de todas as tendências politicas, de todas as crenças religiosas, que assinaram o Apêlo contra a bomba atômica e o Apêlo por um Pacto de Paz. Já recebeu o apoio de centenas de câmaras municipais, de personalidades de destaque em todos os campos da vida nacional, bem como do proletariado e de largas camadas de camponeses. Nós, comunistas, representamos um papel destacado nesse movimento dos partidários da paz, mas não abdicamos de lutar pelo programa do Partido como maneira decisiva de lutar pela paz. E estamos convencidos de que é precisamente lutando pela ampliação do movimento dos partidários da paz e da luta pela paz em todos os seus aspectos, que conduziremos as massas para a luta contra o imperialismo, que isolaremos os inimigos do povo e que nos aproximaremos de nossos objetivos fundamentais.

* * *

Passemos à segunda questão: "deve-se levar os operários à greve quando não há célula do Partido na emprêsa?"

A questão de levar a massa à greve não pode depender, evidentemente, da existência ou não de um organismo do Partido na emprêsa.

E' falsa a teoria de "organizar primeiro para lutar depois". A organização pode e deve levar à luta, mas tambem a luta pode e deve levar à organização. A questão de desencadeamento ou não da greve em determinada emprêsa depende centralmente do estado de espírito da massa, de sua experiência, de sua combatividade, bem como dos fatores objetivos — as reivindicações a conquistar, o tipo de negociação que é possivel fazer com os patrões, etc. São estes fatores que devem ser levados em conta para o desencadeamento de uma luta prevista; e eles podem se apresentar favoravelmente ao desencadeamento dessa luta tanto em casos em que não haja comunista algum na emprêsa, como em outros em que tenhamos apenas um único elemento e ainda quando haja um forte célula ali. Ainda quando não haja nenhum membro do Partido em uma emprêsa, se a massa está em condições de ir à luta, nossa obrigação, mesmo de fora, é ajudar a massa a desencadear e levar à vitória o movimento. Em outros momentos, mesmo existindo uma célula poderosa, a tarefa na ordem do dia pode não ser a do desencadeamento de uma greve — se os operários tiveram há pouco tempo um aumento substancial em consequência de luta anterior, por exemplo.

A tarefa central da célula de emprêsa é a de educar politicamente a massa, a de contribuir para a sua organização e para a sua união. Os comunistas são a vanguarda e não se substituem à massa: êles infundem na massa consciência de classe, despertam-na para a vida politica, conduzem-na à luta — tanto às luta pelas suas reivindicações imediatas econômicas como a luta pelos seus interesses politicos — manifestações e abaixo-assinados pela paz, contra o imperialismo, pela independência nacional, pela liberdade. E' através destas lutas econômicas e politicas que as massas se educam e compreendem a justeza do programa do Partido, que se dispõem a marchar sob a bandeira do Partido, assim é que são ganhas para a revolução.

E' errado "forçar situações", isto é, forçar o desencadeamento de lutas mesmo econômicas, quando não há condições; isso pode nos desligar da massa, isolar a vanguarda, facilitar o objetivo da reação que é separar a massa dos seus dirigentes. Mas devemos ter sempre em vista procurar criar as condições para o desencadeamento das lutas, mobilizar as massas para isso, e não vacilar sempre que as condições objetivas e subjetivas se apresentem favoráveis. E' através da luta, é através da greve, que a massa adquire maior experiência, que forma sua consciência. E' através da luta que podemos criar ou reforçar a organização do Partido, com o recrutamento dos operários que mais se distinguirem pela sua combatividade, capacidade de comando, espirito de disciplina e abnegação.

Exijamos a cessação da guerra microbiana

(Conclusão da 1.ª pag.)

mara dos Representantes, afirmava, numa declaração divulgada em todo o mundo pela "Associated Press": "Uma verdadeira guerra bateriológica de represália não depende de super-armas complicadas. Os meios de levar os germes ao território inimigo são simples e dependem de um material de que as fôrças armadas americanas já dispõem em quantidade, semelhante aos "containers" de que nos servimos agora para lançar boletins de propaganda".

A defesa franca da guerra bateriológica e a divulgação de noticias da sua preparação tornam ainda mais evidente que as palavras do sr. Acheson não passam de cínicas e deslavadas mentiras. Mas também é certo que elas revelam que o criminoso não se sente suficientemente forte para arrostar de público com a responsabilidade de suas ações infames.

Ao incêndio de cidades e aldeias, ao bombardeio indiscriminado das populações civis, ao uso das bombas de gasolina gelatinosa, às torturas e fuzilamentos em massa, acrescentam agora os agressores americanos a utilização de armas que a consciência humana desde há muito repeliu. Não resta dúvida de que esta é a melhor confissão de sua impotência em romper a frente formada pelos soldados da República da Coréia e da China, mas é a confissão também das dificuldades que sentem os americanos de conseguir mais carne para canhão dos países dependentes e de convencer seus próprios soldados a lutar nessa guerra imunda. Não podendo também permitir que as negociações de Pan-Mun-Jon conduzam a uma trégua e à paz, porque isso significaria um sério golpe nos interêsses dos grandes trustes fornecedores de material bélico, procuram os generais americanos manter suas posições com a utilização dos mais deshumanos métodos de guerra contra as populações civis.

É evidente que êste crime só cessará se os povos de todo o mundo fizerem ouvir bem alto o seu brado de protesto. Da mesma maneira como a campanha contra a bomba atômica impediu os americanos de utilizarem êsse terrivel engenho de destruição logo de início da guerra na Coréia, também agora protestos vindos de todos os lados poderão obrigá-los a suspender o uso da arma microbiana.

Mas, para atingirmos êste resultado devemos reconhecer que estamos em grande atraso aqui no Brasil. Já surgiram, é verdade, alguns protestos bastantes significativos de cientistas e homens públicos, mas as grandes massas ainda nem siquer tomaram conhecimento dos fatos. Ainda não soubemos mobilizar tôdas as fôrças da paz para uma campanha de esclarecimento e de mobilização da opinião pública contra essa criminosa forma de guerra. Ainda não soubemos demonstrar de maneira bastante clara para as mais amplas massas que não se trata de protestar contra uma arma qualquer, senão contra algo que já constituiu matéria de expressa condenação pela maioria absoluta das nações, através do Protocolo de Genebra, de 1925; que se trata de algo que a própria O. N. U. condenou na sua "Convenção para Prevenir o Crime do Genocídio", definindo como genocídio todo ato, cometido em tempo de paz ou de guerra, "com a intenção de destruir total ou parcialmente um grupo nacional, etnico, racial ou religioso".

São poderosas as fôrças da paz no Brasil. O êxito da campanha contra as armas atômicas e o fato de já nos aproximarmos dos 5.000.000 de assinaturas para o Apêlo por um Pacto de Paz entre as Cinco Grandes Potências indicam que o povo brasileiro também saberá mobilizar-se para a luta contra a arma criminosa que os agressores americanos vêm utilizando em sua guerra contra os povos da Coréia e da China. Nosso dever de comunistas consiste em colocarmo-nos à frente de tôdas as fôrças da paz no Brasil para esclarecer e mobilizar nosso povo para exigir a cessação imediata da guerra microbiana, para exigir que o Brasil e os Estados Unidos adiram à Convenção Internacional de Genebra contra o emprego de armas químicas e microbianas, para exigir a punição de todos os criminosos de guerra.

SÔBRE AS ELEIÇÕES SINDICAIS

JOÃO AMAZONAS

Conforme vem sendo anunciado, realizar-se-ão proximamente, no país, eleições em grande número de sindicatos.

As eleições que se vão realizar, convocadas pelo Ministério do Trabalho, não são livres. São eleições rigorosamente controladas pelo Ministério e sua realização, longe de pôr fim, legaliza o regime das intervenções atualmente em vigor.

Antes de mais nada, a Portaria do govêrno que regula as eleições, exige, como condição para ocupar cargos dirigentes nos sindicatos, a filiação ideológica do candidato ao regime político existente no país. Não podem ser eleitos os que, a critério do Ministério do Trabalho, professarem ideologias contrárias às instituições em vigor.

Que significa isto?

Significa, em poucas palavras que o candidato deve rezar pela cartilha do Ministério do Trabalho e, portanto, abster-se de defender os interesses reais da classe operária. Significa que os trabalhadores são privados do direito de escolherem livremente os que, dentre eles, devam dirigir sua organização de luta. São os senhores do Ministério do Trabalho e não os operários quem decidirão se tal ou qual candidato, devido ao seu modo de pensar e de atuar, podem ou não ser colocados e mantidos à frente dos sindicatos.

Como decorrência dessa orientação, a eleição de qualquer candidato pode ser impugnada, não apenas por qualquer associado do Sindicato e pelo Ministério do Trabalho, mas igualmente por qualquer autoridade — um delegado de polícia, por exemplo. E' suficiente que a polícia declare ser comunista um candidato, ainda que isto não seja verdade, para que sua eleição seja anulada pelo Ministério do Trabalho. Além disto, em qualquer ocasião, depois de eleito e empossado, o dirigente sindical pode ser destituído do cargo, se o Ministério do Trabalho considerar que êsse diretor "fraudou" as exigências oficiais para ser eleito. Basta, assim, que um diretor de sindicato seja preso sob o pretexto de ser comunista — e isto é feito geralmente quando se defende energicamente os interesses da classe operária — para que o Ministério do Trabalho intervenha no sindicato e o substitua sob a alegação de que professa ideologia contrária às instituições. Com êste dispositivo o Ministério do Trabalho tem em vista legalizar o regime das intervenções nos sindicatos.

A portaria do govêrno nega aos operários analfabetos, associados do sindicato, o direito de voto. Os operários analfabetos são tão duramente explorados como os que sabem ler. Seus interesses são comuns. O fato do operário ser analfabeto não o impede de distinguir quais os companheiros que melhor interpretam suas aspirações e mereçam sua maior confiança. Por que deve êle ser privado do direito de eleger os membros da direção do seu sindicato? A eleição de uma diretoria ineficiente, que êle não escolheu, afeta os seus legítimos interesses. Nosso país tem cêrca de 70 % de analfabetos e o analfabetismo é justamente maior entre os camponeses e os operários, que não possuem recursos para instruir-se. Essa medida é uma medida de discriminação entre os trabalhadores, que não encontra qualquer justificativa.

O govêrno, em sua Portaria, interveio até mesmo no processo eleitoral. Não são os associados dos sindicatos nem os Estatutos do sindicato que regularão as normas eleitorais. Em todos os detalhes estas normas são estabelecidas pelo Ministério do Trabalho. E' o Ministério do Trabalho que nomeia a mesa coletora dos votos e que designa também o presidente das mesas apuradoras. Os operários nada podem opinar sôbre o processo eleitoral decretado pelo govêrno.

E' natural em tais condições que os trabalhadores indaguem: afinal os sindicatos são nossos ou são do govêrno?

Como se vê estas eleições não têm nada de livres. São eleições anti-operárias e anti-democráticas, que têm por objetivo manter a atual situação em que se encontram os sindicatos e conservar à frente deles os elementos mais obedientes à orientação do Ministério do Trabalho. Visam, assim, frear as ações do proletariado em defesa dos seus interesses vitais e da paz.

No entanto, a estas eleições é que o sr. Getúlio Vargas chama de livres. "Determinei — disse êle nas comemorações de 1.º de Maio — a mais inteira liberdade nas eleições sindicais, que devem ser sempre realizadas livremente e livremente reconhecidas". Para fazer tal afirmação o sr. Vargas deve julgar os operários como tolos ou imbecis, a quem se pode iludir com facil mentira. Os fatos desmentem inteiramente as suas palavras. A "liberdade" nas eleições, realizadas "livremente" e "livremente" reconhecidas, segundo suas expressões, não passa de um grosseiro embuste, de cínica demagogia.

Os operários não são tolos nem imbecis, não se deixarão enganar pelo sr. Vargas. Cada dia é maior o número de trabalhadores que toma consciência dos seus direitos e luta por êles.

A classe operária organiza-se em sindicatos para pugnar por seus interesses, que são opostos aos interesses dos capitalistas. Só os operários têm o direito de intervir em sua organização. São eles que devem escolher livremente quem deve ou não ficar à frente dos sindicatos. São eles que devem determinar como e quando devem realizar-se as eleições. A escolha dos operários não pode ficar sujeita à aprovação ou reprovação do Ministério do Trabalho, nem os dirigentes sindicais eleitos pela massa podem ser substituidos pelo govêrno. A intervenção do Ministério do Trabalho é feita unicamente para prejudicar os interesses dos operários e para impedir que os próprios trabalhadores decidam dos seus assuntos da forma que melhor lhes pareça.

Por acaso os operários intervêm nos sindicatos e organizações dos capitalistas? Por que os capitalistas e o seu Estado devem intervir na organização sindical dos trabalhadores?

A situação da classe operária é difícil e cada vez mais difícil. A exploração aumenta sem cessar. Para lutar eficientemente por seus interesses, os operários vão compreendendo que uma das primeiras medidas é cortar as amarras que prendem seus sindicatos ao Ministério do Trabalho e que lhes tolhe a liberdade de ação. Os operários não precisam dos burgueses do Ministério para dirigi-los.

Por isso mesmo, contra a Portaria do Ministério do Trabalho que regula as eleições sindicais, deve ser levantado, no seio da classe operária, um amplo e vigoroso movimento de protesto. Nas empresas e nas assembléias sindicais, deve ser debatida essa Portaria. Os operários devem dirigir-se ao govêrno protestando e reclamando eleições realmente livres nos seus sindicatos; que cessem as intervenções ministerialistas. Inclusive na assembléia eleitoral deve ser consignada em ata que é sob protesto que os operários participam dum pleito orientado pelo Ministério do Trabalho e no qual se opõem todas as restrições à vontade soberana dos associados.

Poucos dias faltam para a realização do pleito eleitoral e, dentro desse prazo, o movimento de protesto não poderá alcançar toda sua plenitude. Mas a luta contra a Portaria do Ministério do Trabalho não se limita ao momento atual. Deve prosseguir, mesmo após o pleito, até sua liquidação definitiva.

Nessa luta, não se trata de atacar este ou aquele grupo de operários cujas opiniões divirjam. Isto seria ajudar a divisão almejada pelo Ministério. A luta não é entre os trabalhadores, mas dos trabalhadores contra a interferência ministerialista nos sindicatos, interferência que acarreta prejuizo a todos os operários, indistintamente. Trata-se de conseguir a unidade dos trabalhadores e de isolar os poucos elementos que traem a classe operária, a serviço dos patrões. Independente das preferências eleitorais que os trabalhadores manifestem, todos devem unir-se pelo direito de eleger livremente a diretoria do seu sindicato, de garantir-lhe a posse e a plena realização do seu mandato. A UNIDADE DE AÇÃO em torno desse ponto pode erguer uma barreira às exigências fascistas do Ministério do Trabalho e permitir uma primeira vitória dos operários na luta pela liberdade sindical.

Ao mesmo tempo que combatem a Portaria ministerial e reclamam do govêrno eleições livres, os operários devem participar em massa das eleições já convocadas. Seria um grave êrro ficar apenas no protesto. As amarras do Ministério devem ser cortadas de dentro dos sindicatos e não de fora. Torna-se, assim, urgente organizar chapas unitárias, amplas, capazes de reunir a grande maioria dos sindicalizados. Cada chapa deve ser acompanhada de um programa concreto de reivindicações, programa que os candidatos se comprometam levar à prática. E' necessário popularizar amplamente o programa e a chapa entre as massas e esforçar-se para que o proletariado participe do pleito. A mobilização para a vitória eleitoral e para garantir a posse da diretoria eleita deve ser ao mesmo tempo a mobilização de todos os operários para a luta pelas reivindicações constantes do programa.

E' dessa forma que os trabalhadores travarão um bom combate pela liberdade sindical e por suas reivindicações. E' desta maneira que conseguirão dar um passo importante para arrancar os sindicatos das mãos do Ministério do Trabalho e transformá-lo em organização realmente da classe operária.

O XXX ANIVERSÁRIO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

No dia 25 de março trancorreu o 30.º aniversário de fundação do Partido Comunista do Brasil, o glorioso Partido da classe operária, dirigido pelo chefe querido do povo brasileiro, camarada Luiz Carlos Prestes.

Essa data foi comemorada em todo o país. Durante os meses de janeiro, fevereiro e março, as organizações e a imprensa do Partido realizaram uma vasta campanha cujo objetivo era explicar às massas que o Partido Comunista é o partido que luta consequentemente pela paz e pela independência nacional, recrutar novos militantes, especialmente nas empresas fundamentais e nas concentrações rurais, reforçar as fileiras do Partido e elevar o nível ideológico dos seus quadros. As diversas formas de trabalho de massas utilizadas para este fim foram cartazes, jornais murais, exposições, boletins, assembléias, palestras e comícios-relâmpago nas portas das fábricas e nos pontos de concentração de massa, edições especiais da imprensa democrática, emulação na venda da literatura do Partido e no aumento da difusão dos jornais, palestras e conferências sobre o Partido e sua linha política.

A campanha culminou com grandes atos de homenagem aos trinta anos de árduas lutas sustentadas pelo Partido Comunista, que continua a combater pela causa da paz e da libertação nacional e social do povo brasileiro.

O Partido Comunista do Brasil, que surgiu sob a influência direta da Grande Revolução Socialista de Outubro, mais uma vez proclamou, no dia do seu XXX aniversário sua confiança ilimitada e seu amor à União Soviética, ao Partido Bolchevique e ao porta-bandeira da paz mundial, o camarada Stálin.

O XXX aniversário do Partido Comunista é celebrado num momento em que se agravam extraordinariamente a exploração do povo brasileiro e o perigo de guerra. Em todos os setores da vida do país aprofunda-se o processo de escravização colonial. Sob o pretexto de "defesa do Continente", os monopolistas norte-americanos apoderaram-se de toda a economia brasileira. O govêrno, com sua política de guerra, de fome e de ruina nacional, gasta o dinheiro povo, em proporções cada vez mais monstruosas, em preparar-se para a participação nas aventuras bélicas dos imperialistas ianques. Enquanto isso, dezenas de milhares de camponeses do nordeste do país morrem de fome em consequência da sêca. Movimentos grevistas que se sucedem uns aos outros, manifestações contra a carestia da vida, luta dos camponeses pela terra, campanhas pelas liberdades democráticas e contra os planos de guerra do ditador Vargas, milhões de assinaturas em defesa da paz, por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, luta pela soberania nacional, contra a entrega do petróleo e das demais riquezas nacionais aos trustes norte-americanos e contra o envio de tropas para a Coréia — tal é a resposta do povo brasileiro à política de traição nacional de Vargas.

A política do Partido, formulada no Manifesto de agosto de 1950 e nas resoluções do Pleno de Fevereiro deste ano do C. N. do Partido Comunista do Brasil é apoiada pelas amplas massas que se mobilizam em torno das palavras de ordem de paz e independência nacional, pela formação de uma Frente Democrática de Libertação Nacional.

"O movimento do nosso povo pela libertação nacional — disse o camarada Prestes em seu informe ao Pleno de Fevereiro último do C. N. — acha-se assim indissoluvelmente ligado à luta mundial em defesa da paz. A luta pela paz mundial, contra a política de guerra dos imperialistas americanos e seus lacaios, faz avançar a luta de nosso povo pela libertação nacional, como igualmente é intensificando a nossa luta pela paz e a libertação nacional que daremos a maior contribuição à grande causa mundial da paz. Isto significa, portanto, que a luta pela libertação nacional nós a fazemos hoje com a bandeira da luta pela paz. Este o fato novo que se torna necessário compreender com suficiente clareza para que possamos aplicar com maior firmeza a justa linha política de nosso Partido no momento que atravessamos. Lutar por uma paz sólida e duradoura é o nosso objetivo principal e para alcançá-lo devemos a essa tarefa central do momento subordinar toda a nossa atividade".

(Publicado no n.º 177, de 28 de março de 1952, do semanário "Por Uma Paz Duradoura, Pela Democracia Popular", órgão do Bureau de Informações dos Partidos Comunistas e Operários.)

Novos compromissos de guerra

Novas medidas de preparação de guerra

O govêrno do sr. Vargas deu novos passos no sentido da subordinação do país às imposições bélicas do imperialismo norte-americano e no da preparação da juventude para ser atirada nas "aventuras" dos agressores ianques.

O Tratado Militar negociado pelo antigo partidário de Hitler e Hiroito, e hoje serviçal de Truman, o general fascista Goes Monteiro, assinado pelo sr. João Neves, que o povo já se acostumou a chamar de João Vendilhão, é o resultado dos compromissos colonialistas assumidos pelo govêrno na Conferência dos Chanceleres.

Realmente, além de comprometer o Brasil a participar de ações ofensivas sob o pretexto de "defesa do Hemisfério Ocidental", o Tratado, pelo seu artigo IV, estende ao Brasil a vigência da "Lei de Segurança Mútua" dos Estados Unidos e, pelo seu artigo XII, estabelece que determinadas disposições só poderão ser revogadas *se os dois govêrnos assim o convierem*. Isto significa que, se o Tratado vier a ser ratificado, ficaremos amarrados aos compromissos alí estabelecidos até quando assim o desejar o govêrno dos Estados Unidos, pois muitas de suas disposições não poderão ser denunciadas unilateralmente. E note-se que não são disposições secundárias, mas sim e precisamente as que mais interessam ao imperialismo norte-americano: a que obriga ao fornecimento de informações técnicas (localização de reservas minerais, etc.), a que nega o direito do govêrno brasileiro dispôr das armas que vier a adquirir como bem entender, etc. E' evidente, assim, que não estamos diante de um tratado, resultante de uma negociação entre as duas partes colocadas em pé de igualdade, mas sim do próprio flagrante do crime de abdicação da soberania nacional pelo govêrno do sr. Vargas.

Enquanto o govêrno do México repele um tratado semelhante e o do Chile não ousa assiná-lo, apesar da forte pressão econômica e política exercida pelo imperialismo americano, o do sr. Vargas não vacila em chamar a si a responsabilidade de assinar êsse documento de traição nacional.

E' em nome dêsse tratado — antes mesmo de ser ratificado — que os agentes dos trustes ianques advogam novas medidas de militarização da nossa economia.

Invoca-se o Tratado Militar para justificar o "Plano Lafer" e as medidas recomendadas pelos trustes ianques através de sua chamada "Comissão Mista Brasil-Estados Unidos". Em nome do Tratado Militar, o sr. Bornhausen defende a entrega do potencial da Usina de Paulo Afonso ao truste americano do aluminio. E' evidente, pois, que estamos diante de um perigoso instrumento de reforçamento da dominação e da exploração do imperialismo norte-americano sôbre o Brasil, que aumenta a ameaça que pesa sôbre a mocidade brasileira de ser atirada como carne de canhão na fogueira das guerras de agressão americanas. O dever de todo patriota, de todo democrata, de todo cidadão brasileiro não pode, pois, ser outro senão o de lutar contra êsse tratado infame, de exigir que o Congresso jamais o ratifique.

Essa luta de massas se faz tanto mais necessária quanto outros fatos aí estão a comprovar que não apenas o govêrno brasileiro faz promessas através de tratados, mas também toma medidas concretas no sentido de transformar em ação as promessas alí contidas. A lei do Serviço Militar, recentemente sancionada pelo sr. Vargas, é a melhor prova disso. Fruto da política de militarização do govêrno de traição nacional e das exigências dos generais americanos que desde há muito controlam as fôrças armadas do Brasil, transformando ministros e generais brasileiros em simples marionetes dos componentes das "missões" ianques, essa lei dá poderes ao govêrno para mobilizar, quando bem entenda, desde jovens de 16 anos de idade até cidadãos de 45. Em certos casos êsses limites podem ainda ser ultrapassados. E' evidente que isso não se faria necessário apenas para treinar as fôrças armadas tendo em vista a defesa nacional, mas que se trata da preparação aberta de tropas para serem utilizadas numa guerra de agressão, a serviço do imperialismo.

A responsabilidade de Dutra, que encaminhou o projeto de lei elaborado sob a supervisão de Mullins Junior, a responsabilidade do Congresso, onde os advogados dos trustes o defenderam e aprovaram, a responsabilidade de Getúlio, que o sancionou, serve para que o povo verifique mais uma vez o verdadeiro caráter de guerra, fome e reação dêsse govêrno que aí está, govêrno de latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos monopólios ianques.

Mas os efeitos desta lei, como os do Tratado Militar que foi assinado com os Estados Unidos, podem e devem ser neutralizados por uma vigorosa ação popular. Trata-se de medidas de preparação de guerra e por isso mesmo contra elas podem e devem lutar todos os partidários da paz, as massas de milhões de brasileiros que aspiram à paz e à libertação do país do domínio norte-americano.

Explicar a todos os brasileiros o verdadeiro sentido tanto do Tratado quanto da Lei de Serviço Militar, mostrar que só vigorosos protestos populares poderão impedir que seus efeitos fatais venham a ser sofridos pelo povo brasileiro. E' necessário convocar as massas para exigir do Congresso que não ratifique o Tratado com os Estados Unidos, para exigir a revogação da Lei do Serviço Militar. Tais exigências são aspectos da mesma luta pela paz e contra o imperialismo. A essas reivindicações devem ser ligadas estreitamente a luta pela expulsão dos generais americanos dos ministérios militares e das nossas bases, a luta contra a entrega do petróleo e dos minérios estratégicos, a luta contra a militarização da nossa economia. São tarefas que exigem um amplo esclarecimento de massas. Esse esclarecimento pode ser feito intensamente no processo da coleta de assinaturas para o Apêlo por um Pacto de Paz. Nesse sentido, os comunistas devem ajudar audaciosamente a levar à prática a orientação do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz para cobrir a quota de cinco milhões de assinaturas ao Apêlo por um Pacto de Paz entre as cinco potências no dia 30 de junho.

Importância dos estatutos do Partido

O Partido Comunista rege a sua vida orgânica de acôrdo com os preceitos gerais estabelecidos pelos seus Estatutos, cuja publicação foi levada a efeito com a saida do Partido à vida legal, em 1945. Esses Estatutos do nosso Partido continuam em vigor, apesar de nos encontrarmos na ilegalidade, sendo o seu rigoroso cumprimento obrigatório para todos os organismos partidários e, individualmente, para todos os membros, sem exceção, de cima a baixo.

As circuntâncias da luta ilegal, em que se encontra o Partido, exigem de todos nós o máximo de disciplina, sem a qual é impossível alcançar qualquer êxito sério no combate contra o inimigo de classe. Mas a disciplina, para ser um fato real, não pode ser baseada em normas arbitràriamente inventadas a todos os momentos. A disciplina assenta sôbre normas estáveis e autorizadas, que os Estatutos consubstanciam e às quais dão um caráter de geral obrigatoriedade.

Os Estatutos são, por conseguinte, um documento de primeira importancia para a vida do Partido. Isso algumas vezes tem sido esquecido por militantes e organismos, dando margem ao mau funcionamento de células e organizações intermediárias, ao afrouxamento da disciplina, aos procedimentos incorretos na vida individual e à infiltração, em nossas fileiras, de concepções estranhas à classe operária, com grave dano para a causa do proletariado. Esses casos, embora constituam exceções no seio do Partido, revelam a utilidade e a necessidade da propaganda e do estudo cuidadoso dos Estatutos dentro do Partido, tanto mais se considerarmos que atravessamos uma situação em que infrações de disciplina de aparência insignificante podem produzir, às vezes, os mais graves prejuizos.

Os comunistas não encaram os seus Estatutos à maneira leviana como o fazem muitas entidades, que votam os seus Estatutos e depois os arquivam, passando a infringi-los sem qualquer cerimônia. Os Estatutos de um Partido Comunista, conquanto possam ser modificados pelo órgão autorizado para atender a novas situações, constituem um documento de carater permanente, que deve ser respeitado com intransigência e por cuja aplicação precisam zelar todos os organismos e cada comunista individualmente. Considerar os Estatutos como mera formalidade é próprio de elementos pequeno-burgueses individualistas, que ignoram o caráter de um partido proletário ou que são incapazes de se submeter à sua disciplina, que é férrea porque é consciente.

Se nos voltarmos para a História do glorioso Partido bolchevique — que constitui um modelo para o qual devem tender todos os Partidos Comunistas — verificaremos a importância que Lênin e Stálin sempre atribuiram aos Estatutos e às questões que lhes são inerentes. Basta recordar a extensa argumentação desenvolvida por Lênin em sua polêmica contra o menchevique Martov, em torno do artigo 1.º dos Estatutos, por ocasião do II Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo, em 1903. O que poderia parecer a um observador superficial simples divergência em torno da formulação de um artigo dos Estatutos encerrava, entretanto, uma profunda divergência entre duas concepções sobre problemas orgânicos e, a partir daí, como se constatou pouco depois, também sobre problemas de princípios, de estratégia e de tática. Foi em torno de uma questão de Estatutos que, pela primeira vez, se cindiram bolcheviques e mencheviques. Lênin, que sempre via muito longe, não se deixou iludir pelas aparências se empenhou a fundo nessa questão. Além disso, tomou-a como um dos pontos centrais de sua célebre obra "Um passo a frente, dois atrás", que formulou, pela primeira vez na história do marxismo, os princípios de organização do Partido da classe operária. Também a essa questão dedicou Stálin, então jovem revolucionário na Georgia, o seu notável artigo "A Classe dos proletários e o Partido dos proletários", que está incluido no volume I de suas OBRAS.

Lênin sempre zombou rudemente daqueles que têm mêdo da organização e da disciplina. Chamava a êsse mêdo de "anarquismo senhorial" e dizia ser característico de intelectuais pequeno-burgueses aferroados à mesquinhez de uma concepção individualista. O operário não tem receio da organização porque sabe que ela é sua arma principal na luta de classes. O operário se submete voluntária e conscientemente à disciplina partidária porque compreende que fora daí não é possível pensar na vitória sobre o capitalismo e o latifúndio. Por isso exigia Lênin uma "disciplina severíssima, verdadeiramente férrea", "um disciplina férrea, próxima da disciplina militar". Por isso dizia ainda Lênin em sua famosa obra "O extremismo, moléstia infantil do comunismo": — "Aquele que debilita, por pouco que seja, a disciplina ferréa dentro do Partido do proletariado, (sobretudo na época da sua ditadura), ajuda de fato à burguesia contra o proletariado".

E' evidente que a disciplina só pode ter o máximo de firmeza se fôr consciente, se se basear na aceitação voluntária dos princípios do Partido e na vontade de executar com abnegação as tarefas que o Partido determina. "A disciplina férrea — esclarece Stálin — não exclui, senão que pressupõe a subordinação consciente e voluntária, pois só uma disciplina consciente pode ser verdadeiramente férrea". Assim é que a disciplina partidária pressupõe a livre discussão dentro dos organismos (as discussões de café, à margem dos organismos, não são próprias de comunistas dignos deste título) mas estabelece a submissão da minoria às resoluções da maioria, a subordinação dos órgãos inferiores aos superiores, a aplicação prática, enfim, do centralismo democrático.

São essas verdades elementares que cada comunista deve transformar, por assim dizer, em sua segunda natureza. Para isso é necessário divulgar os nossos Estatutos dentro das fileira do Partido e estimular o seu estudo sistemático, bem como o que é, no caso, o fundamental: a sua rigirosa aplicação prática. Assim os militantes se educarão como verdadeiros revolucionários e o Partido melhor poderá cumprir a sua missão de vanguarda do proletariado.

"Democracia Popular", uma arma poderosa para a formação dos quadros

O conhecimento da situação internacional e o estudo das experiências fundamentais dos partidos irmãos é uma das condições básicas para a formação dos quadros do nosso Partido, para a elevação do seu nível ideológico.

O conhecimento da situação internacional nos permite formar uma justa idéia da verdadeira correlação de fôrças entre os dois campos em que se divide o mundo — o da paz e o da guerra — mostrando-nos objetivamente porque tem sido possível ao campo da paz impedir que os fomentadores de guerra transformem em realidade seus planos monstruosos e demonstrando assim, ainda mais claramente, a tese stalinista de que "a paz será mantida se os povos tomarem em suas mãos a causa da defesa da paz e a defenderem até o fim".

A experiência dos partidos irmãos é, por outro lado, uma ajuda poderosa para todo o Partido.

Fazemos estas considerações para mais uma vez chamar a atenção para a importância de DEMOCRACIA POPULAR, cuja leitura e estudo devem constituir uma preocupação permanente de todos os organismos do Partido e de todos os seus membros.

Foi através de DEMOCRACIA POPULAR que tomamos conhecimento das grandes obras do marxismo criador durante o ano de 1951 — o Programa do P. C. da Grã Bretanha, o Projeto de Programa do P. C. da India e o Novo Programa do P. C. do Japão.

Os editoriais e artigo de DEMOCRACIA POPULAR apresentam orientação segura e balanços profundos, fundamentando teses que interessam ao trabalho diário dos comunistas. Uma rápida análise do sumário dos três últimos números editados deixa isso bastante claro.

No n.º 23, de 1951, encontramos os editoriais "A unidade da classe operária, condição fundamental para uma luta vitoriosa pela paz, pelos interesses vitais dos trabalhadores", "As fôrças da paz triunfarão sôbre as fôrças da guerra" e "Educação marxista-leninista dos novos quadros do Partido". Ainda nêsse número, que trás o "Novo Programa do P. C. do Japão", está um notável estudo de Matias Rakosi sôbre "Questões atuais da Economia Nacional da Hungria"; uma análise das eleições inglesas feita por Palme Dutt; o relato de uma experiência viva da luta dos operários de uma grande emprêsa italiana — a **Reggiane** — apoiados pelos trabalhadores de todo o país; um artigo do presidente do P. C. da Austria, Johann Koplenig, sôbre "A situação política e as tarefas do P. C. da Austria", além de dezenas de outros artigos e notícias dos Partidos Comunistas e Operários.

No n.º 24, de 1951, vêm os editoriais "Dois mundos, dois balanços", "Pelo fortalecimento da luta contra a militarização da economia e contra a pauperização dos trabalhadores nos países capitalistas" e "Elevar a vigilância revolucionária, uma das tarefas mais importantes dos Partidos Comunistas e Operários". Nêle se encontram, ainda, um profundo estudo de Palmiro Togliatti sôbre a marcha dos povos para o socialismo e a experiência da revolução de Outubro — "O único caminho justo para a humanidade"; uma análise do "Quaderno dell'attivista": uma publicação do P. C. da Itália, apresentado sob o título "Um combativo organizador do trabalho dos ativistas do Partido"; um artigo de M. Mitiu sôbre o XXV aniversário da obra de Stálin "Mais uma vez sôbre o desvio social-democrata em nosso Partido"; o trabalho de Clement Gottwald "A propósito de algumas questões internas do P. C. da Tchecoslováquia", em que explica como o Partido conseguiu localizar na pessoa do seu antigo secretário-geral — Slausky — um inimigo da revolução.

No n.º 1-2, de 1952, vêm os editoriais "O triunfo das invencíveis idéias leninistas", "A agitação política, poderosa arma dos comunistas e operários" e "A histórica mensagem de Stálin ao povo japonês". Nêsse número encontramos ainda o informe de P. N. Pospelov sôbre "O XXVIII aniversário da morte de V. I. Lênin", o artigo da Ana Pauker, "Lênin e o intencionalismo proletário", o de Wilhelm Pieck, "Lênin o grande lutador pela paz", além de numerosas outras informações e notas políticas.

Essa breve relação de algumas das principais matérias dos últimos três números de DEMOCRACIA POPULAR dá bem idéia da enorme importância dêste jornal tanto para a formação política como para o melhoramento do trabalho diário dos militantes comunistas. Sua leitura desenvolve o espírito do internacionalismo proletário, o amor para com a U. R. S. S. e para com seu grande dirigente, Stálin, reforça a confiança na vitória dos povos na grande luta em que se empenham. Por todas estas razões devemos prestar uma maior atenção a DEMOCRACIA POPULAR, estudá-la cuidadosamente, divulgá-la com carinho.

CARTA DE S. PAULO

Sôbre a critica de Prestes aos comunistas de S. Paulo

EDUARDO GONÇALVES

O informe do camarada Prestes abre "A luta pela Paz, nossa tarefa central e decisiva", apresentado ao pleno de fevereiro último do Comitê Nacional, não é um informe comum. Não é um informe apenas para atualizar o pensamento do Partido no que se refere à situação política, o que, por si só, já lhe daria importância. O recente informe do camarada Prestes representa muito mais do que isso. Não é vista, sob uma luz poderosa, a significação da luta pela Paz como centro de tôda tática que visa atingir, nas condições atuais, os objetivos estratégicos de libertação nacional e de um govêrno democrático-popular. Também nêle é sistematizada teòricamente a experiência prática dos últimos anos de luta pela Paz, localizando, no quadro dessa notável sistematização, ao lado de aspectos positivos, determinados êrros que vimos cometendo e para os quais o camarada Prestes indica a solução mais eficaz, no sentido de eliminar êsses êrros.

Uma dessas falsas concepções, que o camarada Prestes põe à nú em seu informe, mostrando ainda o quanto é nociva para a aplicação da linha política do Partido, consiste precisamente na opinião que se generalizou no Comitê Municipal de São Paulo sôbre a impossibilidade de ajudar a organizar conselhos de Paz senão nas já existentes células do Partido.

Todos nós, militantes comunistas de São Paulo, devemos agradecer ao camarada Prestes a identificação de tão profundo êrro, que vem impedindo, em nosso Estado, a ampliação do movimento dos Partidários da Paz e o seu revigoramento, que só é possível à base dessa ampliação. Entretanto, não basta agradecer. É necessário que realismos, todos nós, uma séria auto-crítica, condição sem a qual não poderemos avançar. Tentaremos dar aqui uma contribuição a esse indispensável esfôrço de auto-crítica.

É importante, para nós, compreender duas coisas. Em primeiro lugar se a citada crítica do camarada Prestes se dirige especificamente ao Comitê Municipal de São Paulo é que êsse organismo representa a maior concentração proletária do Brasil e também porque foi aí que aquela falsa concepção produziu resultados os mais prejudiciais. Na verdade, porem, podemos dizer que a crítica do camarada Prestes é extensiva a todos organismos do Partido no Estado de São Paulo. Nesse particular, diversos outros comitês em nada ficam a dever ao Comitê Municipal de São Paulo. Em segundo lugar, a crítica do camarada Prestes, aparentemente se refere a uma questão de detalhe, mas só aparentemente. O camarada Prestes ressaltou precisamente aquela questão que melhor pode servir de ponto de partida para todo um processo auto-crítico, cuja honesta realização nos permitirá alcançar êxitos incomparàvelmente superiores aos que até agora obtivemos. O êrro apontado pelo camarada Prestes, isto é, o êrro de julgar que conselhos de Paz só podem ser organizados aí onde já existem células — é dessas as quais se pode aplicar o dito tão perspicaz de que "pelo dedo se conhece o gigante". Trata-se de um êrro que é fruto de todo um modo de pensar e de atuar nocivo à aplicação da linha política do Partido.

O êrro de que estamos tratando decorre, antes de tudo, como nos adverte Prestes, que ainda não compreendemos "a importância e a amplitude que deve e pode ter a luta pela Paz".

A luta pela Paz é decisiva, ensina-nos o informe de Prestes, justam te para garantir o êxito de nossos objetivos estratégicos — a libertação nacional e a conquista da democracia popular. A luta pela libertação nacional nos a fazemos hoje sob a bandeira da luta pela Paz.

O nosso dever de comunistas é, por isso mesmo, apoiar sem reservas o movimento dos partidários da Paz, fazendo todos os esforços para ampliá-lo. Entretanto, se os comunistas de São Paulo, sem dúvida alguma têm se destacado como os mais abnegados partidários da Paz é indispensável reconhecer que a nossa contribuição coletiva para ampliar o movimento, sobretudo no que se refere à sua base de massas, ainda deixa enormemente a desejar. Nem poderia ser de outra maneira, uma vez que ainda não levamos na devida conta que o movimento dos partidários da Paz possui programa próprio, amplíssimo ao qual não nos cabe atribuir características de programa de Partido. Quanto mais intransigentemente respeitarmos o programa do movimento tanto melhores partidários da Paz poderemos ser, tanto mais valiosa será a nossa contribuição para ampliar a luta pela Paz e, com isso, desenvolvê-la, tornã-la de fato a luta de todo o povo brasileiro.

Respeitando, porém, dentro do movimento dos partidários da Paz os adeptos das mais diversas correntes políticas, também do mesmo modo continuamos comunistas. E, do nosso ponto de vista de comunistas, compreendemos que a ampliação e o consequente fortalecimento das fileiras dos combatentes pela Paz é o meio decisivo, no momento atual, para aproximar o povo brasileiro da libertação nacional, da conquista de um govêrno democrático-popular.

O nosso objetivo é unificar o proletariado e forjar uma vasta aliança em que, ao lado do proletariado e aceitando o seu papel principal, formarão os camponeses, a pequena burguesia urbana, a intelectualidade patriótica e a burguesia nacional sem ligação com o imperialismo.

Ora, sabendo que existem diferenças de opiniões mesmo dentro de uma classe tão homogênea como o proletariado, podemos avaliar o quanto são sérias as diferenças de interesses e concepções que existem internamente, nas várias classes e camadas que devemos aliar ao proletariado, como nas suas relações entre si e como o proletariado. Mas, a aliança que devemos forjar é possível, desde já, nas suas linhas mais extensas, em tôrno da causa da Paz. Nenhuma outra causa, no momento atual, permite tanto aplicar a tática de unidade, que Prestes nos aconselha. Unir tôdas as classes e camadas, que, acima de suas inúmeras divergências, possuem interêsse comum em manter a Paz, que constituem a maioria esmagadora da Nação, significa isolar os fautores de guerra, isto é, os latifundiários e grandes capitalistas, agentes do imperialismo norte-americano e inimigos do mais elementar progresso do país.

Podemos perceber, assim, o quanto é verdadeira a afirmação de Prestes de "que é através da luta pela Paz que se vai avançar o movimento de libertação nacional, que é através da luta pela Paz que mais ràpidamente nos aproximaremos de nossos objetivos fundamentais".

A experiência da atuação do Partido em vários municípios e zonas do Estado de São Paulo já nos mostrou como a incompreensão da causa da Paz em seu caráter de principal instrumento para fazer trabalho de massas e cercar o proletariado de aliados, tem levado em bôa parte, não só ao isolamento do proletariado como ao próprio isolamento dos comunistas no seio do proletariado, o que cria sempre circunstâncias as mais favoráveis para os golpes da reação. Não compreendemos, por outro lado, em certos municípios, dotados de indústria desenvolvida, que o pêso da concentração do proletariado não dificulta, mas, muito pelo contrário, facilita a conquista para a causa da Paz dos artesãos, dos pequenos e médios industriais e comerciantes, dos profissionais liberais, etc.

A esta altura, é o caso de perguntar: se não somos capazes de encontrar e ganhar aliados para a causa da Paz, como pensamos encontrá-los para a causa da libertação nacional, para a causa de um govêrno democrático-popular?

É certo que assim não podemos encontrá-los e, já de antemão, nos condenariam ao isolamento.

E que pode significar êste isolamento fàcilmente se compreenderá, recordando o que afirmou, em 1923, o camarada Stálin a propósito da necessidade do apôio das camadas médias do campo e da cidade: "O proletariado inclusive não pode aspirar a sério à conquista do poder se estas camadas não foram, pelo menos, neutralizadas, se estas camadas não tiveram tempo ainda de se afastar da classe dos capitalistas, se ainda constituem, na sua massa, o exército do capital".

Quando atuamos de acôrdo com o pensamento de que é impossível ajudar a construir conselhos de Paz senão aí onde já existem células, estamos, numa cidade de tão vasta massa operária como São Paulo, influindo para restringir a luta pela Paz não só ao círculo do proletariado, como ao círculo mais estreito ainda dos comunistas. Isso explica não só porque, na capital paulista, avança tão lentamente a organização pela base do movimento dos partidários da Paz, como também porque a cobertura da coleta de assinaturas para o apêlo por um pacto de Paz, longe seguer de atingir a cifra de um milhão e cem mil conseguida na campanha do Apêlo de Estocolmo, venha crescendo ainda com tanta dificuldade nos últimos tempos. E que, entre outros motivos, a maioria dos coletores de assinaturas evita sistemàticamente as ruas onde existem casas "mais ou menos", isto é, casas em que residem operários qualificados, pequenos burgueses, etc.

Estamos assim, despresando a necessidade de um paciente trabalho para ganhar as camadas médias. Manifestamos uma falta de confiança absolutamente injustificável na fôrça da causa da Paz para empolgar as energias de todo o povo, para mobilizar o proletariado em aliança com as camadas médias e ganhar os setores progressistas da burguesia. Revelamos, enfim, um pernicioso espírito de seita, que impede ou dificulta a atuação dos nossos camaradas nas organizações de massa, que encerra o Partido nas atividades predominantemente internas e cria tantos obstáculos no trabalho de levar a linha política do Partido às mais vastas massas, que nos leva tantas vezes a trabalhar com a massa com uma atitude de auto-suficiência, sem tomar em conta o seu nível de consciência e frequentemente, nem mesmo a linguagem que essa massa pode entender, sem tomar em conta, por fim, que o método principal no trabalho de massas é a persuasão, é o convencimento das massas pela própria experiência.

Tudo isto não pode deixar de conduzir em muitos casos, ao rebaixamento do papel do Partido, papel que não é o de se substituir às massas, de agir sem as massas, porém o de se colocar à frente das massas e dirigi-las, orientá-las, estimulá-las para a ação, com audácia, flexibilidade e trato paciente. Tudo isso, mais ainda, não pode deixar de prejudicar a construção do Partido, que só avança, com ritmo acelerado, em meio a lutas de massas, como, aliás, a nossa própria experiência positiva tem confirmado, particularmente por ocasião das grandes lutas nos últimos meses do ano passado e princípios deste ano.

Podemos perceber assim, o quanto é urgente eliminar entre nós as tendências que entravam os nossos esforços para ampliar e desenvolver a luta pela Paz. A eliminação dessas tendências nocivas se dará com rapidez na medida em que avançarmos na assimilação do recente informe do camarada Prestes, através do debate intensivo em todos os organismos, através do estudo individual e coletivo. Mas, essa assimilação do informe de Prestes implica, para todos nós, em auto-crítica que se traduza em novo impetuoso impulso da luta pela Paz, bem como das luta específicas pelo pão e pela Libertação Nacional na capital e em todo o Estado.

A assimilação do informe de Prestes não significa por isso, apenas o seu estudo minucioso como também a execução de medidas concretas para cobrir as cotas de assinaturas ao Apêlo por um Pacto de Paz, para fazer intensa agitação e manifestações de massas contra a monstruosa guerra microbiana dos ianques na Coréia, para fortalecer o movimento dos partidários da Paz através da organização de milhares de novos conselhos de Paz com vida permanente que surjam onde há e onde não há células, democràticamente constituídos, executando tarefas as mais variadas, de acôrdo com o seu nível de consciência e fundamentalmente, de acôrdo com o programa do movimento dos partidários da Paz.

A assimilação do informe de Prestes nos deve levar, por fim, à mais rigorosa mobilização de massas contra as redobradas ameaças de envio de tropas para a Coréia ou para qualquer outra parte do mundo, o que podemos impedir, como já o fizemos vitoriosamente até agora, barrando a aprovação do infame "acôrdo militar" com os EE. UU. e impondo a revogação da nova lei do serviço militar sancionada pelo govêrno belicista e de traição de Getúlio Vargas. Impedir o envio de tropas para o exterior é uma importantíssima tarefa especificamente brasileira dentro do quadro geral da luta pela Paz e que já nos deu, em São Paulo, as notáveis experiências da campanha, de tão profunda repercussão, pela liberdade de Eliza Branco.

No que se refere à luta particular pela libertação nacional, cabe-nos agora contribuir com máximo esfôrço para desenvolver a campanha em defesa do petróleo, que está empolgando setores cada vez mais vastos, juntamente indignados com o vergonhoso projeto entreguista de criação da chamada "Petrobrás". Desenvolver a campanha em defesa do petróleo significa assestar um golpe dos mais sérios na política de guerra e colonização do imperialismo ianque. Assim também o desenvolvimento das lutas reivindicatórias do proletariado, dos camponeses e das demais camadas da população, conduz ao debilitamento da política de guerra e fascismo do govêrno de Vargas, cabendo-nos utilizar o método constante da persuasão para elevar essas lutas ao nível da luta pela Paz.

Não resta dúvida que conquistaremos vitórias cada vez mais grandiosas na medida em que aplicarmos com audácia e persistência a tática indicada pelo camarada Prestes: lutar contra os imperialistas americanos e seus lacaios e pela Paz, ligando a luta pela Paz à luta pelo pão, pela terra, contra o fascismo, pela libertação nacional e por um govêrno democrático-popular.

O caráter de massas da linha política do Partido

A luta pela paz é — como acentuou o camarada Prestes no seu informe ao Pleno de Fevereiro: — "a tarefa central e decisiva". A ela está intimamente ligada a luta pela libertação nacional, pois "é intensificando e ampliando a luta pela paz em nossa terra que mais ràpidamente avançaremos no caminho da libertação nacional, que desmascaremos o conteúdo guerreiro, reacionário e colonizador do imperialismo ianque e que conseguiremos isolar seus lacaios mais empedernidos". E o camarada Prestes ainda explica e acentua: "Derrotar a política de guerra é derrotar o imperialismo e seus lacaios, é derrotar o fascismo, é pôr abaixo a cortina de ferro americana que separa os povos, é derrotar a economia de guerra, é abrir, portanto, um largo caminho para o progresso e a felicidade dos povos, para o avanço do nosso povo em sua luta pela libertação nacional e a conquista da democracia popular".

Mas a luta pela paz e a libertação nacional, para ser vitoriosa, precisa ser uma luta das grandes massas. Se o Partido, de cima e baixo, não tiver essa compreensão, não poderá cumprir sua tarefa histórica. A luta pela paz e pela libertação nacional não é sòmente uma luta do Partido, nem sòmente da classe operária, mas de todo o povo brasileiro.

A paz e a libertação nacional são as mais sentidas aspirações do povo brasileiro e por isso mesmo o caminho está aberto para a mobilização de amplas massas para essa luta. Pela paz se vêm batendo desde há muito os comunistas e os trabalhadores mais conscientes, mas a seu lado, lutando pelo mesmo grande objetivo humano, estão elementos de todos os partidos políticos, ministros de diversas religiões, centenas de câmaras municipais e muitas assembléias estaduais, professoras e magistrados, comerciantes e industriais. Todos quantos desejam evitar o crime de uma nova guerra — e são a esmagadora maioria da nação — são aliados potenciais na luta pela paz. O Movimento dos Partidários da Paz se propõe exatamente a atraí-los para suas fileiras, a transformá-los em partidários ativos da Paz. A luta contra o imperialismo, especialmente a luta contra a entrega do petróleo e das riquezas minerais aos trustes americanos, também se amplia dia a dia. Oficiais superiores do exército, deputados e senadores, assembléias legislativas, prefeitos e vereadores, líderes do proletariado e dos camponeses unem-se a organizam-se para a batalha que é um dos aspectos da luta pela libertação nacional.

Mas isto não significa, evidentemente, que tudo já esteja feito, que já tenhamos conquistado a maioria do nosso povo para a luta pela paz e a libertação nacional. Apesar dos êxitos alcançados até agora na luta contra o envio de tropas para a Coréia e contra a entrega do petróleo, a verdade é que não contribuímos ainda na medida do necessário para mobilizar efetivamente as grandes massas para essas campanhas. Isso em grande parte é devido às nossas debilidades na ligação orgânica com as grandes massas. Existem muitos membros do Partido que ainda têm a falsa concepção de que é o Partido sòzinho que vai assegurar a paz para o nosso povo e a liberdade o Brasil do jugo imperialista. E não só transmitem essa errônea concepção às massas como agem de acôrdo com tal compreensão. Precisamos é compreender e mostrar às massas, pela propaganda e pela ação, que a conquista da paz e da libertação nacional e social do povo brasileiro só pode ser obras das próprias massas, dirigidas pela sua vanguarda, o Partido Comunista. Subestimar as fôrças do povo, subestimar a participação das massas na luta pela Paz e a libertação nacional é na prática, subestimar a própria luta, é não desejar sua vitória.

Mas também não basta compreender que a luta pela paz e a libertação nacional deve ter um caráter de massas. Para que possamos chegar a isso é indispensável que o Partido esteja intimamente ligado às massas e para isso é necessário que cada um dos seus militantes esteja em estreito contacto com as massas, é necessário que todos os seus militantes trabalhem nas organizações de massas: nos sindicatos, nos comitês de paz, nas associações camponesas, nas organizações de bairro, nas comissões de reivindicação da empresa, nos clubes, nas associações femininas e juvenis, etc.

Só voltar-se para as organizações de massa, o Partido não deve dispersar suas fôrças em um grande número delas ou na criação de novas.

Isto, ao invés de fortalecer o Partido, o enfraqueceria. O que é necessário é concentrarmos nossas fôrças nas organizações decisivas, aí onde o nosso trabalho possa realmente arrastar as massas, aí onde nos seja possível, lutando com ardor pelas reivindicações das massas, ganhar a sua confiança e arrastá-las final para as posições do Partido.

No trabalho com as massas é preciso não confundirmos os métodos do Partido com os métodos das organizações de massa, trata-se de um sindicato ou de um clube. Nas organizações de massa devemos ser os melhores ativistas, os melhores organizadores, os melhores realizadores do seu próprio programa. Mas ao mesmo tempo, devemos saber lançar as massas palavras de ordem — luta pela paz, em defesa do petróleo contra a lei do serviço militar, etc. — aos problemas locais. As reivindicações imediatas das massas. Os membros de um sindicato em que militamos podem fàcilmente ser levados a tomar posição na luta pela paz se nós soubermos demonstrar-lhes como a militarização da economia, imposta pelo imperialismo, é uma das causas da carestia; uma associação camponesa tomará fàcilmente posição na luta contra o imperialismo na medida em que soubermos explicar a seus sócios a maneira como o imperialismo americano nos oprime e explora, seja provocando a queda do preço do algodão nas safras, seja congelando o preço do café, seja na venda por preços elevados de inseticidas e adubos falsificados. Os jovens de um clube de futebol mobilizar-se-ão para a luta contra a lei do serviço militar na medida em que saibamos explicar-lhes seu verdadeiro significado de lei imposta pelos americanos. Mas ainda aí devemos sempre levar em conta a advertência do camarada Prestes: "Falta também em nossas fileiras e tato e a flexibilidade indispensável para distinguir o nível da luta que pode corresponder a cada organização de massas e que só pode ser avaliado pela medida em que as lutas sirvam efetivamente para reforçar a unidade e ganhar novas fôrças para a organização das grandes massas do nosso povo."

Nas atuais circunstâncias, devemos nos voltar audaciosamente para as grandes massas, particularmente para a classe operária. Há tôdas as condições para a rápida organização e unificação da classe operária, e não menores são as que existem em relação às massas camponesas, à pequena-burguesia urbana, às mulheres, aos jovens, aos intelectuais, etc. E os comunistas certamente serão capazes de realizar esta tarefa, especialmente na medida em que estejam profundamente convencidos de que a luta pela paz e a libertação nacional, em todo o seu desenrolar, será sempre uma luta de massas. Mesmo simples movimentos de resistência no campo só terão êxito quando forem o fruto da vontade deliberada das massas e quando estiverem ligados ao movimento de massa nas cidades. E, finalmente, só a fôrça das massas é, portanto sua organização, poderá conduzir a vitórias duradouras.

Ao-freitamente ligados às massas sòlidamente apoiados nas organizações de massas, devemos marchar cada vez com maior audácia no sentido da aplicação da linha do Partido, tendo em vista libertar o país do jugo norte-americano e conquistar um govêrno democrático-popular.

ORGANIZAR E CONTROLAR O ESTUDO INDIVIDUAL

Como consequência das históricas resoluções do Pleno de fevereiro de 1951 do Comitê Nacional, o Partido deu alguns passos importantes no sentido da elevação do nível dos seus quadros, do seu próprio reforçamento orgânico, político e ideológico. Mas isto não significa que o objetivo traçado pela direção do Partido já tenha sido alcançado, mas sim que nos colocamos em situação vantajosa para avançar mais rapidamente no mesmo sentido. E é precisamente para isso que se faz necessário dar uma maior atenção ao estudo individual.

O método individual de estudo é o método básico de formação dos quadros do Partido. Os cursos e as conferências, a ajuda dos dirigentes e dos instrutores visam sempre colocar cada membro do Partido e da Juventude Comunista em condições de estudar por si mesmo, orientados nos seus esforços, mas não podem substituir esse esforço individual.

O estudo individual também não deve ser feito anarquicamente ou apenas de acordo com a vontade de cada membro do Partido. As direções devem dirigi-lo de maneira a que dêem os melhores resultados.

O QUE DEVE SER ESTUDADO

A obra básica para a autoformação de todo comunista é a *História do P. C. (b) da URSS*. Ela deve constituir o fio condutor de todo estudo individual. Mas os documentos centrais do Partido constituem também precioso instrumento de auto-formação dos comunistas e por isso mesmo não devem ser tomados apenas como indicações de tarefas práticas.

Para sua utilização como guias de estudo, têm sido dirigidos alguns roteiros e outros mais detalhados ainda podem ser elaborados pelos organismos dirigentes. Tudo deve ser feito para aproveitar as lições teóricas que contêm pois são justamente as que mais interessam para a atividade do Partido. Os últimos informes dos camaradas Prestes e Arruda, por exemplo, ao Pleno de fevereiro deste ano, constituem um guia seguro já para o estudo das questões fundamentais da revolução — as da luta pela paz e pela libertação nacional —, já para uma melhor compreensão da importância do trabalho de massas ou para o estudo dos temas fundamentais de organização.

A PLANIFICAÇÃO

O fato de método básico de estudo ser o individual não significa que sejam menores as responsabilidades dos organismos dirigentes e intermediários diante dos militantes do Partido, nem que esse estudo deva ser feito ao arbítrio de cada companheiro interessado. Os organismos dirigentes devem traçar planos para ajudar a todos os militantes, seja individualmente, seja através de conferências e sabatinas, fazendo ao mesmo tempo o controle dos resultados obtidos. Sem esse estímulo e essa ajuda, os militantes poderão capitular diante das primeiras dificuldades e os organismos dirigentes não terão meios de verificar se sua orientação está ou não sendo levada à prática.

A planificação e o controle de estudo dos membros do Partido devem constituir uma tarefa permanente de todos os organismos. Sua realização efetiva contribuirá para uma mais rápida elevação do nível ideológico dos quadros, fato que se refletirá rapidamente na elevação do nível político e de organização de todo o Partido.

Recrutar para reforçar o Partido

Construir e reforçar o Partido é uma tarefa permanente de todos os militantes. Nesta grande e importante tarefa destaca-se o aspecto que diz respeito ao recrutamento, que deve hoje merecer a nossa mais séria atenção. A linha política atual do Partido, baseada na luta de classes, reclamando militantes combativos, livres do oportunismo, militantes verdadeiramente de vanguarda, favorece o recrutamento nas empresas, onde a luta de classes é direta e mais acirrada. Temos como tarefa agora, recrutar novos militantes forjados nas lutas diárias dentro das empresas em defesa dos interêsses das massas trabalhadoras, a fim de fortalecer o nosso Partido no seio da classe operária. Êsse recrutamento deve ser planificado e organizado. O recrutamento nas empresas é possível, desde que nos lancemos a êle com audácia. Vejamos algumas experiências de recrutamento levadas a efeito em vários Estados nestes últimos meses.

Numa empresa de Estado do Rio, durante a preparação da luta pelas reivindicações de massa, os companheiros do Partido planificaram, entre outras tarefas, a de fazer um bom recrutamento. Terminada uma reunião da "Comissão de Reivindicações", onde haviam comparecido dezenas de operários, nossos camaradas convidaram oito elementos de massa dos mais combativos, cuja vida na fábrica conheciam, para outra reunião, a fim de expor o que era o Partido e convidá-los a nêle ingressar. A reunião realizou-se e sete dos presentes tornaram-se membros do Partido.

Numa fábrica, também no Estado do Rio, foi igualmente planificado no curso de uma luta o recrutamento de novos membros para o Partido. Os "pelegos" tentaram infiltrar-se nas duas reuniões preparadas com êsse fim, mas os responsáveis pela sua convocação tiveram bastante vigilância para não permitir a presença de traidores da classe operária. Oito novos membros entraram para o Partido. No desenrolar da luta a reação despediu vinte operários, principalmente os que figuravam nas "Comissões de salários", mas o Partido, embora atingido com a demissão de vários comunistas, se manteve e se reforçou na empresa.

Em Minas Gerais, durante uma greve ali realizada, houve uma reunião de massa especialmente convocada para recrutar novos membros para o Partido. Apareceram dezenas de operários de uma só vez. Os companheiros do Partido fizeram uma exposição sôbre o desenvolvimento da greve, comparando a posição de traição aos interêsses dos trabalhadores dos partidos das classes dominantes e dos jornais da reação, com a atitude do Partido Comunista e dos seus jornais que, apesar de perseguidos, foram os maiores defensores dos grevistas. Explicaram de maneira simples e accessível o que é o Partido Comunista, como luta e por que luta. Uma vez feito o convite aos trabalhadores para ingressar no Partido, a própria massa começou a apontar quais os que deviam ou não ingressar no Partido. Dezenas de novos militantes foram recrutados para as nossas fileiras.

Em outra empresa, do mesmo Estado, o assistente do Comitê Estadual, ao discutir a preparação da luta, propôs também como tarefa o recrutamento. Aceita a proposta, o assistente instruiu os nossos militantes na emprêsa para que convidassem para participar de uma reunião especial, onde explicaria o que era o Partido, os elementos de massa mais destacados, que, segundo as informações, mereciam confiança — ao todo uns 10. Ao chegar à reunião, o assistente encontrou algumas dezenas de operários que desejavam saber o que era o Partido.

O assistente realizou sua exposição e em reunião posterior, mais reduzida, realizou o recrutamento.

Estas experiências mostram que existem condições para recrutar com audácia novos membros para o Partido nas emprêsas. Estas experiências nos ensinam que não só podemos como devemos recrutar antes, durante e depois das lutas, os melhores lutadores da classe operária, formando fortes células nas emprêsas fundamentais.

Em nosso trabalho de recrutamento, é preciso evitar qualquer esquematismo, pois os métodos de recrutar são os mais diversos. Ainda um fato é evidente: é indispensável planificar o recrutamento. No entanto, deve-se ter sempre em conta a segurança dos organismos, que varia de acôrdo com as condições existentes em cada local.

Lutando e recrutando, recrutando e lutando, o Partido se fortalecerá nas emprêsas, se ligará estreitamente às massas e poderá realizar as suas tarefas à frente da classe operária do nosso país, na luta pela paz e libertação nacional e por um govêrno democrático-popular.

DERRUBAR OS FASCISTAS E OS CAPITULADORES

"A classe operária é, com a sua vanguarda comunista, a defensora mais resoluta e consequente da paz. Sendo isto não quer dizer, de modo algum, que seja partidária de uma paz adquirida a qualquer preço, que seja partidária de entregar o seu povo e o seu país à voracidade fascista "no interêsse da paz". Quem desejar que se estabeleça uma paz efetiva e sólida deve lutar com tôdas as suas fôrças e por todos os meios contra os usurpadores e os opressores fascistas, derrubando resolutamente os cúmplices do fascismo e os capituladores que enganam o povo com mentirosas prédicas fascistas".

(De um artigo de Dimitrov em novembro de 1938).

Ganhemos os soldados para a causa do povo

Tem sido observada uma crescente intervenção das Fôrças Armadas, sobretudo do Exército, na repressão movida pelo govêrno de traição nacional de Vargas, contra os últimos movimentos de massas, greves e lutas pela paz realizados no país. Já na última greve dos trabalhadores da E. F. C. B., em Minas Gerais, há mais de dois anos, ainda sob a ditadura de Dutra estações, oficinas e outras dependências da emprêsa foram ocupadas por tropas do Exército para intimidar os trabalhadores. E mais recentemente, há poucos mêses, em Pernambuco, o Serviço Secreto do Exército teve a ousadia nazista de invadir residências particulares, fazer prisões de militares e civis, inclusive mulheres, sob pretexto de combate ao comunismo. No Rio de Janeiro sucedem-se inúmeras prisões ilegais e violentas de militares pela polícia do Exército, em estreita ligação com a polícia política. O govêrno de Vargas tenta expurgar as Fôrças Armadas dos patriotas, democratas e nacional-libertadores e transformar as Fôrças Armadas em um bando de janízaros, criando corpos de polícia no Exército, na Marinha e na Aeronáutica que se especializam em torturar patrícios com ou sem farda.

A causa dessa intervenção das Fôrças Armadas na repressão às lutas operárias e populares está na política de militarização e de preparação guerreira do govêrno de Vargas. Tentando desencadear uma guerra de agressão contra a União Soviética e os países de democracia popular, o imperialismo ianque procura garantir sua retaguarda e para tanto ordena aos seus lacaios da América Latina que empreguem, no esmagamento dos movimentos populares pela paz, pela liberdade, contra o imperialismo, contra a miséria e a fome, não sòmente os recursos usuais a polícia, a justiça de classe, etc., mas todo o aparelho de repressão do Estado feudal-burguês. Esperam os generais ianques utilizar-se das nossas Fôrças Armadas não só como carne para canhão numa guerra de rapina, como também na tarefa não menos degradante de policiamento da retaguarda. E a preparação para a guerra que explica a tentativa de impor ao país uma ditadura fascista ainda mais sanguinária que a atual, onde terão papel cada vez mais destacado os generais fascistas, os brigadeiros americanizados e os elementos integralistas.

Enganam-se, porém, os generais "gravatas de couro" e os imperialistas ianques quando pensam que podem transformar o nosso Exército num destacamento de "capitães do mato". Os soldados, marinheiros e oficiais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica fazem parte do povo brasileiro, nada têm a ver com meia dúzia de generais nazistas, antigamente condecorados por Hitler e hoje comprados pelos dólares de Truman e por isso lutam em defesa da soberania da Pátria, contra a dominação norte-americana. Como afirmou o camarada Prestes em recente entrevista: "a maioria dos militares brasileiros — oficiais e soldados — não se prestarão a tão indigno papel, e, daí a necessidade da intimidação que, como não podia deixar de ser, é feita sob a bandeira do anti-comunismo, da luta contra a "infiltração comunista nas Fôrças Armadas". Os soldados e a maioria dos oficiais das nossas Fôrças Armadas são homens do povo, saídos do proletariado, das massas camponesas e da pequena-burguesia urbana. Quem forma a quase totalidade dos nossos corpos de tropa, senão soldados de origem operária e camponeses, que conhecem intimamente a situação de miséria das grandes massas trabalhadoras e cujos interêsses só podem, portanto, coincidir com os das camadas mais oprimidas e exploradas do nosso povo? Os praças e os oficiais das nossas Fôrças Armadas também conhecem as privações impostas ao povo brasileiro pelo govêrno anti-nacional de Vargas e pelo imperialismo americano. Mesmo o aumento de vencimentos, há tempos concedido aos militares, devido à pressão das massas, foi vantajoso apenas para as altas patentes.

Além disso, os homens que juraram defender a pátria contra qualquer agressor estrangeiro não podem deixar de estar na primeira linhá da luta contra os assaltantes ianques e os traidores a seu serviço entre os quais se encontram vários generais, almirantes e brigadeiros indignos das fardas que vestem. Os sentimentos anti-imperialistas da grande maioria do nosso Exército, contra a dominação do país e das Fôrças Armadas pelos magnatas e generais norte-americanos, estão patentes nas vigorosas manifestações de centenas de oficiais contra a entrega do petróleo brasileiro à Standard Oil, atitude patriótica que desmascarou a vergonhosa traição de oficiais americanizados como Juarez Távora, Eduardo Gomes e Juraci Magalhães. Esse sentimento de ódio aos imperialistas norte-americanos aumenta nas Fôrças Armadas diante da insultuosa penetração dos militares ianques, que têm Missões instaladas nos Ministérios da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica e já estão ostensivamente no comando das nossas tropas e ocupando nossas bases militares.

Tudo isso revela que, se os soldados, sargentos e oficiais das nossas Fôrças Armadas forem paciente, efetiva e tenazmente esclarecidos o govêrno de traição nacional não poderá contar com êles para perseguir o povo, para reprimir os grevistas e partidários da paz, para fazer a guerra ao lado dos imperialistas ianques. A disposição dos elementos militares, de resistir às ordens fascistas dos seus superiores, sua simpatia pelas lutas populares e pelos trabalhadores grevistas já têm sido manifestadas em algumas ocasiões.

E' preciso, portanto, que os operários grevistas, os lutadores anti-imperialistas e democratas, os partidários da paz, dirijam apêlos aos soldados, principalmente quando êstes são mandados para reprimir suas lutas conclamando-os a se colocar ao lado do povo e do proletariado, contra o govêrno de traição nacional de Getúlio e o imperialismo norte-americano. Devem ser aproveitadas tôdas as ocasiões para confraternizar com as tropas, conversar pessoalmente com os soldados e distribuir entre êles boletins, visando esclarecê-los sôbre os verdadeiros objetivos das greves e das lutas populares, desmascarando as provocações dos oficiais fascistas e das autoridades reacionárias, etc. Nêsse trabalho de esclarecimento e de confraternização com as tropas, um papel muito importante está reservado às mulheres, que têm mais possibilidade de se aproximar dos soldados e de levar-lhes a mensagem fraternal dos seus companheiros.

Dêsse modo, os soldados das nossas Fôrças Armadas compreenderão que as armas a êles confiadas pela Nação não devem ser empregadas contra as massas populares, mas sim para defender a paz, a independência nacional e a liberdade do povo brasileiro contra o assalto do imperialismo americano e dos seus agentes nacionais, o que só pode ser conseguido com a substituição pelas massas da ditadura de Vargas por um govêrno democrático popular.

CALENDARIO

MAIO

INTERNACIONAL

1.º—1886— Os operários de Chicago celebram, pela primeira vez, o Dia do Trabalho, realizando manifestações pela jornada de oito horas.

—1919— Grandes manifestações em tôda a Europa pela jornada de oito horas e contra a intervenção imperialista na U.R.S.S.

3—1886— Greve dos operários da fábrica Mc Cormick, Chicago. Provocação policial de que resultam numerosos mortos.

4—1886— Os operários de Chicago se reunem na Praça do Haymarket para protestar contra os atentados aos grevistas da Mc Cormick. Provocação policial com o lançamento de uma bomba. Forja-se um processo-farsa, que levaria à fôrca cinco líderes sindicais.

5—1818— Nasce Karl Marx, em Treves, na Alemanha.

8—1945— Rendição incondicional da Alemanha nazista às Nações Unidas.

15—1943— Dissolução da Internacional Comunista, por deliberação de seu Comitê Executivo.

21|28—1871— *Semana Sangrenta*, na França. Os exércitos de Versalhes penetram em Paris e, após uma semana de luta de barricadas, é esmagada a Comuna. Cêrca de 30 mil comunardos são trucidados.

29—1919— Fundação do Partido Comunista da Bélgica.

NACIONAL:

1.º—1895— O Centro Socialista de Santos comemora o 1.º de Maio. O Centro edita nessa época um quinzenário — "A Questão Social". Funda-se, em São Paulo, um partido operário.

—1901— O Clube Internacional Socialista Filhos do Trabalho, de São José do Rio Pardo, lança um manifesto socialista que foi redigido por Euclides da Cunha.

—1925— Circula, no Rio, o primeiro número de "A Classe Operária", orgão do Partido Comunista.

—1950— A polícia de Dutra e Jobim chacina, na cidade de Rio Grande, Angelina Gonçalves, Osvaldino Correia, Honório Pôrto e Euclides Pinto.

7—1947— Cassação do registro eleitoral do P. C. B. pelo T. S. E.

10—1930— Morte de Siqueira Campos.

11—1938— Golpe nazi-integralista fracassado contra o govêrno brasileiro.

13—1888— Abolição da escravatura após memorável campanha.

16—1925— Reune-se, no Rio, o II Congresso do Partido Comunista do Brasil.

22—1945— Circula, no Rio, o primeiro número do diário "Tribuna Popular", editado por iniciativa de Prestes.

23—1945— Prestes fala pela primeira vez ao povo, no comício de São Januário.

23—1946— A polícia chacina o povo, no Largo da Carioca, por ocasião de um comício convocado pelo Partido Comunista; há quatro mortos e numerosos feridos.

JUNHO

INTERNACIONAL

10—1920— Fundação do Partido Comunista dos Estados Unidos.

20—1933— Morte de Clara Zetkin, líder comunista alemã.

22—1941— Invasão da U. R. S. S. pelas hordas hitleristas.

NACIONAL:

6—1871— Morte de Castro Alves.

12—1817— Fuzilamento de Domingos José Martins, padre Miguelinho e José Luís de Mendonça, líderes da revolução pernambucana de 1817, de caráter republicano.

18—1946— Prestes pronuncia, na Assembléia Constituinte, seu famoso discurso sôbre o problema da terra.

EXPERIENCIAS DA LUTA PELO ABONO DE NATAL

A greve dos operários de Rio Tinto

A Companhia de Tecidos Rio Tinto é uma das maiores emprêsas do Brasil e a segunda, pelo número de trabalhadores, desde o Espírito Santo para o Norte. Mas outras razões aumentam ainda mais a sua importância. É que ela está encravada num enorme latifúndio de 3.600 quilômetros quadrados, dentro dos quais os Lundgren exploram não só os operários das diversas fábricas que constituem o conjunto denominado Companhia de Tecidos de Rio Tinto, mas também milhares de trabalhadores do campo, em suas extensas plantações. Aqui a exploração é ainda maior: os assalariados agrícolas ganham entre Cr$ 6,00 e Cr$ 10,00 por dia, enquanto para a "apanha" do feijão, do milho e dos legumes são contratados crianças e moças que recebem uma verdadeira miséria.

Graças a êste sistema medieval, os Lundgren tiram o máximo de proveito da fusão da economia capitalista com as formas semi-feudais de exploração: com os trabalhadores agrícolas mantêm uma reserva permanente de "pessoal de emergência" — que é o nome dado, na própria fábrica, aos trabalhadores sem especialização — e assim exercem pressão para manter baixos todos os salários. Por outro lado, proprietária de tão vasta área, a emprêsa exerce abertamente o poder político em todo o município de Mamanguape: prefeitos, delegados e juízes só são nomeados para ali por indicação direta dos Lundgren. O govêrno do Estado também é um fiel servidor dos interêsses da emprêsa: através dos seus advogados e prepostos, bem como do "adiantamento" dos impostos estaduais, os Lundgren têm em suas mãos o govêrno de José Américo.

Sob tal proteção, os donos dêsse vasto latifúndio exploram da maneira mais brutal os 25.000 habitantes da Vila de Rio Tinto, além de uma grande população do campo. Mas isto forma um terreno bastante propício ao desenvolvimento da consciência revolucionária das massas e ao estabelecimento de uma aliança entre os trabalhadores do campo e os da fábrica.

FORMAS DE EXPLORAÇÃO

Na Fábrica imperam as mais variadas formas de exploração, ao mesmo tempo que se procura dividir a massa com a diferenciação da forma de pagamento (salários diferentes para as mulheres que trabalham em tecidos finos e as que trabalham em outros tipos de tecidos). A isto devem se acrescentar as multas pelo defeito no tecido, o roubo na medição, etc. Entretanto, os "mais explorados são os "banqueiros", que constituem a maioria do pessoal da fábrica, e o "pessoal da emergência", que trabalha na limpeza, na lenha e em outros serviços não especializados.

Um corpo de capangas, conhecido pelos trabalhadores como as "caveiras", mantinha a massa aterrorizada. Mas êsse fantasma dissipou-se com a greve de maio de 1951, quando a massa despertou e compreendeu sua imensa fôrça, "esbagaçando" com a polícia interna da fábrica.

COMBATIVIDADE DA MASSA — A GREVE DE MAIO

O proletariado de Rio Tinto é muito combativo. Através de duras lutas no passado conseguiu conquistar reivindicações sentidas e impôr o reconhecimento de alguns de seus direitos. A massa também se mobilizou para a luta contra o integralismo e o nazismo, encarnados pelos seus próprios patrões. Para isso, a atuação do Partido teve uma influência decisiva. Em uma denúncia publicada por "A Classe Operária", já em... 1938, sob o título "Rio Tinto, fóco de provocação nazista no nordeste", indicava-se a necessidade de os trabalhadores da emprêsa ligarem a luta pelas suas reivindicações à luta contra o fascismo.

A greve de maio de 1951 marcou um novo despertar do proletariado de Rio Tinto. Em dois dias de luta não apenas foi conquistado um aumento de 50%, mas também conseguiu-se a reabertura do sindicato, fechado há anos, e isso na base de grandes concentrações e de atitudes enérgicas em relação ao gerente da fábrica e ao delegado do trabalho, que foram expulsos a empurrões e ponta-pés quando pretendiam fazer com que a massa voltasse ao trabalho sem conquistar suas reivindicações.

A LUTA DE DEZEMBRO

Animados com o resultado positivo da luta de maio, os trabalhadores orientados pelo Partido e conduzidos pela sua organização sindical, começaram a reivindicar o abono de Natal desde o começo do mês de Dezembro. Pleitearam o equivalente a 15 dias de trabalho. No dia 19, uma grande comissão de "banqueiros" dirigiu-se à diretoria a fim de pedir uma solução para o seu pedido. A direção ficou de resolver em Paulista, pedindo que esperassem mais um pouco. No dia 21, animados com centenas de boletins que haviam sido espalhados pela vila e com as pinturas que cobriam os principais muros — algumas saudando o aniversário de Stálin, outras exigindo o abono — voltaram os operários à diretoria, a uma hora da tarde. Não obtendo a satisfação imediata do seu pedido, a massa foi-se aglomerando no portão e resolveu desde logo entrar em greve, conclamando as demais turmas a fazerem o mesmo. Isso não aconteceu sem que o diretor levasse uns empurrões e se visse obrigado a trancar-se em um grande armário para fugir à revolta da massa. A intervenção de um pelotão da polícia, comandado pelo capitão Cesarino, não demoveu a massa de sua atitude, tendo mesmo sido atirado ao chão o cabo Enéas, que tentava dissolver a concentração diante do escritório.

ESTENDE-SE A GREVE

A turma de "banqueiros" que devia entrar no trabalho às seis da tarde declarou-se também em greve e em seguida comissões numerosas puzeram-se a percorrer as diversas dependências da emprêsa, conclamando a massa à greve. O apôio foi total, e uns poucos fura-greves, como o traidor Augusto Rodrigues, ficaram totalmente isolados. Nêsse mesmo dia, uma comissão enviada à Fábrica Regina, situada a três quilômetros de distância, já a encontrou parada. No dia seguinte, 22, aderiram a serraria, as oficinas, a olaria e outras secções menores, paralisando-se totalmente as atividades de Rio Tinto. A direção da emprêsa comprometeu-se desde logo a pagar seis dias de abono, dizendo que estudaria ainda a possibilidade de pagar mais seis na primeira semana de Janeiro. Mas apesar disso, a massa recusou-se a voltar ao trabalho antes do dia 26, não se deixando absolutamente impressionar com o aparato bélico encomendado pelos Lundgren.

No dia 27 uma comissão da mesma turma de banqueiros que liderou o movimento resolveu cobrar da diretoria sua promessa de pagamento dos seis dias, sendo ali informada que haviam voltado atrás e que nenhum abono seria concedido. Diante disso, os operários, indignados, voltaram à greve geral. Tornaram a aparecer os caminhões carregados de soldados, apontando metralhadoras para a massa e ameaçando-a com bombas de gás. Mas esta não se deixou abater. Esclarecida por um manifesto do Comitê Estadual do Partido e pelos debates que se travavam no sindicato, repeliu a proposta da diretoria de voltar apenas com o pagamento dos dias de greve, ao mesmo tempo em que vaiava estrondosamente o chefe de polícia, Rômulo de Almeida, que ousara advogar os interêsses dos Lundgren diante dos trabalhadores, numa assembléia realizada no sábado.

O FIM DO MOVIMENTO

No domingo, entretanto, os trabalhadores foram vítimas de uma cilada. Como nada tivesse ficado resolvido no sábado, uma assembléia estava convocada para as duas horas da tarde. Realmente, a essa hora a séde se encontrava superlotada. Mas, exatamente nêsse instante, o presidente do Sindicato foi chamado para discutir o assunto com a diretoria. Diante da demora, uma grande parte dos trabalhadores retirou-se para suas residências, de maneira que quando o presidente voltou, acompanhado do representante do govêrno e de oficiais da polícia, e trazendo a proposta da emprêsa para voltar ao serviço no dia 2, com pagamento integral aos dias de greve, o assunto nem sequer foi discutido, sendo logo dado por aprovada a proposta e encerrada a assembléia.

Embora não tenham conquistado tudo o que pleiteavam, os operários de Rio Tinto forçaram a emprêsa a pagar sete dias de greve, além dos domingos e feriados, e principalmente darem uma prova de sua capacidade de união e de luta. Os operários souberam manter uma moral elevada, desde o começo até o fim do movimento, não permitindo que a greve fosse furada e isolando totalmente os delatores e traidores. Os operários sentiram sua imensa fôrça, pois apesar da intervenção policial, o contrôle de Rio Tinto ficou em suas mãos; só com o visto da Comissão se podia entrar ou sair da Vila. E enquanto Getúlio e José Américo se desmoralizavam e eram vaiados pela massa, o prestígio do Partido cresceu, suas palavras de ordem foram inteiramente aceitas, numerosos operários procuraram o Partido e inscreveram-se em suas fileiras.

VIDA DO PARTIDO

(Conclusão da 2.ª página)

O C. E. tudo fará no sentido de salvaguardar a unidade do nosso glorioso Partido, lutando pelo seu contínuo fortalecimento ideológico, político e orgânico, lutando sem quartel contra o oportunismo em nossas fileiras, lutando contra as manobras do inimigo de classe que procura infiltrar-se em nossa organização afim de entravar o desenvolvimento da luta de nosso povo pela paz, a independência nacional e a democracia popular.

Viva o camarada Stalin, o guia genial dos povos; porta-bandeira da paz para a humanidade!

Viva o nosso grande e querido camarada Prestes!

Viva a direção nacional de nosso Partido, "a direção mais provada que já teve o nosso Partido"!

Pela Paz, a Libertação Nacional e a Democracia Popular!

Minas Gerais, Fevereiro de 1952.

O C. E. de Minas Gerais do PCB."

*

O C. E. DE S. PAULO EXPULSA O TRAIDOR E DELATOR FREDERICO BONIMANI

O Comitê Estadual de São Paulo do P.C.B. depois de examinar as atividades anti-partidárias e provocadoras de Frederico Bonimani, resolve expulsá-lo das fileiras do Partido Comunista do Brasil.

"Frederico Bonimani capitulou diante dos interrogatórios policiais ao ser prêso em 1941, delatou os companheiros do Partido e procurava desencorajar os camaradas que tinham posição firme diante da reação. No Presídio Político da Ilha Grande, em 1942-1943, Bonimani lançou-se juntamente com José Maria Crispim a atividades liquidacionistas contra o Partido, lutando abertamente contra a sua existência e caluniando a direção nacional do P.C.B.

"Pôsto em liberdade em 1945, Bonimani fingiu reconhecer seus erros para voltar a atuar nas fileiras do P.C.B., onde desenvolveu uma atividade de intrigas e de luta contra a aplicação da linha do Partido.

"Recentemente, ligou-se ao traidor Leonardo Roitman e outros renegados expulsos do Partido e transformou-se em ponto de apoio do trabalho grupista e fracionista do traidor José Maria Crispim.

"Expulsando Frederico Bonimani como delator e traidor do Partido, fracionista e caluniador, o Comitê Estadual de São Paulo do P.C.B. chama todos os militantes e organismos do nosso Partido a reforçar a vigilância revolucionária, a levantar cada vez mais alto a bandeira de Prestes, lutando sem desfalecimentos à frente do nosso povo para aplicar a linha do Manifesto de Agôsto, levar avante a luta pela paz, o pão, a terra, contra o fascismo, pela libertação nacional, por um govêrno democrático popular.

São Paulo, fevereiro de 1952.

O Comitê Estadual de S. Paulo do P.C.B.

NOTA SÔBRE OS PRIMEIROS PARTIDOS OPERÁRIOS NO BRASIL

RODRIGO GONÇALVES

Nota da redação — O artigo abaixo, como poderão comprovar os leitores, foi inspirado pela aplicação do "Roteiro Cronológico para a História do P.C.B.", que divulgamos em nosso número anterior. Trata-se de uma apreciável contribuição para o estudo da história do movimento operário no Brasil, mais mesmo do que da História do P.C.B., que nasceu sob a influência direta da grande Revolução Socialista de Outubro. Mais uma vez solicitamos a todos os companheiros que nos mandem notas, colaborações, documentos, etc., sôbre a história do movimento operário e sôbre a história do P.C.B.

Os primeiros passos do movimento operário do Brasil estão ainda muito mal estudados. Entretanto, será impossível escrever a história do P.C.B. e a da República sem um conhecimento adequado daquele movimento. Os arquivos, as bibliotecas públicas e particulares e a tradição oral de velhos militantes sindicais guardam, sem dúvida, informações preciosas que urge conhecer e analisar.

Ao que parece, a última década de 90 foi particularmente importante na formação do movimento operário brasileiro. Isso se liga ao fato de ser êsse período assinalado por certo desenvolvimento industrial, tendo sido fundadas, entre 1890 e 1895, 452 fábricas. Os jornais operários começaram, então, a se fazer frequentes, no Rio como em alguns Estados, e acentuaram-se as tendências de a classe operária organizar-se contra o jugo do capital. A propaganda operária, viva em 1890, levou, ainda em 1891, à tentativa de formação de um partido da classe operária e à reunião de um congresso operário, no Rio de Janeiro. Sôbre o assunto, nada mais sabemos adiantar do que êsses parcos dados colhidos no "Roteiro cronológico para a história do P.C.B.", recém-publicado pela "A Classe Operária".

Há indicações de que, após o impulso tomado em 1890-1891, o movimento proletário entrou em descenso, por motivos diversos. A organização em clubes, usual naquêle período, era evidentemente primária, se comparada às necessidades de organização sindical e política.

Em 1895, entretanto, quando de novo impulso na propaganda proletária, surgem alguns partidos operários de cunho socialista, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Neste Estado foi a data da festa operária — o 1.º de maio — a escolhida para o lançamento do *Partido Operário de Santos*, cujo programa, publicado na fôlha *"O Primeiro de Maio"*, editada em São Paulo, foi reproduzido no *Gil Blas*, "diário da tarde, social, artístico e mundano", do Rio, a 5 de maio.

O programa do Partido Operário de Santos é de feição nitidamente socialista. Após os considerandos de que constam, entre outros argumentos, "que os produtores não serão nunca livres enquanto não estiverem na posse dos meios de produção (terras, oficinas, navios, bancos, crédito, etc.)"; que a "apropriação coletiva não pode sair senão de uma ação revolucionária da classe produtora ou do proletariado organizado em partido político distinto", proclama-se que "os trabalhadores socialistas, tendo por alvo de seus esforços a expropriação política e econômica da classe capitalista e o regresso à coletividade de todos os meios de produção, decidiram, como meio de organização e de luta" participar de tôdas as eleições com programa independente.

Esse programa ao lado de pontos errôneos que apresenta, fruto da influência do anarquismo, levanta preciosas reivindicações políticas e econômicas, onde se incluem: "abolição de tôdas as leis sôbre a imprensa, reuniões e associações, e, em especial, a associação internacional dos trabalhadores; supressão dos artigos do código que estabelecem a inferioridade do operário em face do patrão e inferioridade da mulher diante do homem; supressão da dívida pública; abolição dos exércitos permanentes e armamento geral do povo; repouso semanal, salário mínimo fixado cada ano segundo a região e o custo de vida; salário igual para trabalho igual, sem discriminação de sexo; abolição de todos os impostos indiretos e a instituição de um imposto progressivo sôbre a renda; jornada de oito horas de trabalho para os adultos, e de seis para os trabalhadores de 14 a 18 anos; supressão das multas patronais; anulação de todos os contratos que hajam alienado a propriedade pública (bancos, caminhos de ferro, minas, etc.); manutenção dos velhos e dos inválidos do trabalho, pelo Estado; instrução gratuita de tôdas as crianças, etc.

Como se vê, muitas das reivindicações nêle contidas permanecem atuais. Esse partido, não apresenta no próprio texto programático a necessidade da conquista do poder político, mas êsse objetivo é claramente enunciado nas considerações preliminares. Por outro lado, a atuação eleitoral é apresentada apenas como "meio de organização e de luta" ressaltando-se a necessidade de empregar, para a organização, "todos os meios de que o proletariado dispõe".

Representa, portanto, o Partido Operário de Santos um passo à frente no movimento do proletariado e não foi por acaso que surgiu naquela cidade onde, na época, ia mais forte a propaganda socialista, graças à existência do Centro Socialista de Santos e do quinzenário *"A Questão Social"*, por êle editado.

O mesmo ano de 1895 viu surgir, no Rio, o *Partido Operário Socialista*, no mês de setembro. Dêle dá notícia o jornal "O Operário", dirigido por Mariano Garcia.

Este partido, considerando que a burguesia é a classe dominante porque tem os instrumentos de trabalho e que "a poderosa alavanca com que o operário há de destruir os obstáculos que a sociedade nos tem colocado é o Poder Político, do qual se vale a burguesia para impedir a reivindicação dos nossos direitos", postula como dever: "conquista do Poder Político pela classe operária"; "a transferência da propriedade individual às cooperativas e os instrumentos de trabalho (terra, minas, transporte e viação, fábricas, máquinas, etc.) em propriedade coletiva social comum"; "organização da sociedade sôbre as bases da federação econômica, usofruto dos instrumentos do trabalho por coletividades operárias, garantindo aos seus membros o produto total do seu trabalho e a proteção geral científica a cada profissão e a todos os operários de ambos os sexos". Um longo programa com reivindicações políticas e econômicas e o estatuto organizativo do partido foram publicados pelo mesmo jornal.

No mesmo ano e também no Rio fundou-se o Partido Operário Progressista, do qual só conhecemos o nome.

Vê-se, pois, que o movimento operário, nessa época atravessa uma fase em que a organização da classe operária em partidos surge em mais de uma ocasião e que tais partidos foram lançados em bases e com programas de tipo social-democrático. Tal fato é da maior importância, principalmente se considerarmos que há evidente influência marxista nos programas e em suas fundamentações teóricas, embora sejam assinaláveis, fàcilmente, fórmulas e objetivos que não se poderiam enquadrar naquela doutrina.

Por que não vingaram essas primeiras tentativas de formação de partidos operários? E' evidente que as condições daquela época não estavam suficientemente maduras para a criação de um autêntico partido do proletariado. O estudo e as pesquisas das fontes históricas do movimento operário no Brasil revelarão que o anarquismo, que dominou o movimento operário nas décadas posteriores, teve uma influência nefasta nêsse movimento e foi grandemente responsável pela falta de continuidade daquelas tentativas de criar um partido político operário que só se concretizaram quando, sob a influência da Revolução de Outubro, o proletariado pôde livrar-se da influência estranha daquela ideologia pequeno-burguesa e forjar sua arma de libertação, o Partido Comunista do Brasil.

AMPLIAR E MELHORAR A IMPRENSA COMUNISTA E DEMOCRÁTICA PARA REFORÇAR A LUTA PELA PAZ

Dia a dia amplia-se a luta pela paz em nosso país. 4.000.000 de brasileiros já apuseram sua assinatura ao Apêlo do Conselho Mundial da Paz para a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências. Cresce a resistência popular aos planos do govêrno de traição nacional de Vargas de arrastar o Brasil a uma nova guerra. Aumentam os protestos contra o Tratado Militar Brasil-Estados Unidos, contra a nova lei do serviço militar e contra a criminosa guerra bacteriológica. Desenvolve-se com ímpeto a luta contra a entrega do petróleo.

Nêsse quadro, que bem reflete o esfôrço do nosso povo para preservar a paz e conquistar a libertação nacional, a imprensa democrática e comunista tem um papel destacado. Os jornais democráticos e comunistas têm sido um fator essencial de mobilização das fôrças populares para tôdas as justas campanhas em que se vêm elas empenhando. Noticiando e levando a verdade ao povo, a imprensa comunista e democrática ao mesmo tempo orienta-o, conclamo-o a organizar-se e estimula suas lutas.

Enquanto isso, a imprensa da reação, subvencionada pela embaixada ianque e pelas emprêsas imperialistas, intimamente ligada aos grandes capitalistas e aos grupos de negocistas, desenvolve uma furiosa atividade em favor da guerra, prega a fascistização do país e a entrega das nossas riquezas minerais aos americanos. Através de sua cadeia de jornais, Chateaubriand defende cinicamente a tese de que devemos passar a constituir um protetorado americano e prega o envio de soldados brasileiros para a Coréia e para o Viet-Nam. Orgãos como o 'Correio da Manhã', "O Globo", etc., além de se constituirem em porta-vozes de tôdas as mentiras do imperialismo, defendem a teoria da "guerra preventiva", colocam-se ao lado de tôdas as teses entreguistas do petróleo, reclamam abertamente a instauração de regimes de fôrça e a repressão aos movimentos reivindicatórios das massas. Não podendo negar o encarecimento constante do custo da vida, mentem consciente e cinicamente ao afirmar que a alta dos preços dos gêneros de primeira necessidade é consequência dos aumentos de salários, quando todo mundo sabe que os aumentos dos salários e ordenados nem sequer de longe têm conseguido acompanhar os aumentos dos preços das mercadorias essenciais, aumentos êsses determinados pela incapacidade do regime em aumentar a produção e pela militarização da nossa economia, ao lado da tremenda sêde de lucros das classes dominantes e dos grupos imperialistas que aqui agem. A imprensa da reação é a imprensa da guerra, da colonização do país, da opressão do povo, da defesa dos interesses dos trustes imperialistas e dos grandes capitalistas seus aliados. A imprensa da reação é a imprensa da demogogia e da calúnia, a imprensa da mentira. O povo brasileiro constata assim o quanto é objetiva a definição que Lênin deu da liberdade de imprensa no regime capitalista — "a liberdade que os ricos e capitalistas têm de subornar os jornais, a liberdade de que os capitalistas gozam de comprar centenas de jornais e assim forjar a chamada **opinião pública**".

Ao contrário, a imprensa comunista e democrática é a imprensa da paz, é a imprensa da luta pela independância nacional, pela liberdade, pelos direitos e reivindicações dos trabalhadores e do povo, é a imprensa da verdade. Por isso ela é bem recebida pelo povo, mas daí também o maior interesse do imperialismo e das classes dominantes em impedir que ela atinja as grandes massas. Sob o govêrno de Getúlio, como sob o de Dutra, a reação, procura, pela violência, impedir a circulação dos órgãos democráticos, assaltando redações e oficinas, como aconteceu em Belo Horizonte e no Pará, apreendendo edições de jornais, como tem acontecido no Rio, realizando prisões em massa de redatores e forjando processos, como aconteceu em São Paulo. E isso sem contar as violências diárias contra jornalistas e funcionários de jornais, o roubo de jornais nos correios e nas cidades do interior, a atemorização dos jornaleiros, etc.

Mas, não se limita a isso o esfôrço da reação para impedir a circulação dos órgãos da imprensa democrática e comunista. Ela também procura esmagá-los sob o pêso dos encargos financeiros, com a alta do papel e de todas as demais matérias primas, e com medidas ilegais, como a de que foi vítima A CLASSE OPERÁRIA, com a suspensão do seu direito de utilizar papel importado.

A êsse esfôrço da reação para liquidar nossa imprensa, é preciso que os comunistas saibam opôr uma campanha tenaz e permanente, não apenas para manter o que já existe, mas também para desenvolver a nossa imprensa, para melhorá-la, para aumentar sua circulação. Será tanto mais difícil à reação atacar a nossa imprensa quanto mais lida e querida fôr ela pelos operários, pelos camponeses, quanto mais o povo se acostumar a lê-la diàriamente. Para uma tal campanha devemos utilizar toda a rica experiência que já possuímos e criar coisas novas. Comandos nas fábricas e nos bairros, boletins e cartazes de propaganda, postos de venda e vendedores especiais, a compra de vários exemplares do jornal para revender alguns, são detalhes que não podem ser esquecidos.

A campanha de ajuda financeira deve ser incentivada, deve constituir uma tarefa permanente de todos os militantes. Mas a questão da necessidade de ajuda está intimamente ligada à da circulação. Isso se torna evidente ao considerarmos que o aumento das tiragens faz diminuir o preço de custo de cada exemplar e, consequentemente, baixar os deficits que afogam a maioria dos nossos jornais. Por outro lado, o aumento da circulação é, por si mesmo, um fator seguro da mobilização de um maior número de ajudistas.

O melhoramento do conteúdo e da apresentação gráfica dos jornais, bem como medidas eficazes das administrações para assegurar que cheguem a tempo e hora às mãos dos leitores, são fatores da maior importância nesta campanha. Nossos jornais precisam dedicar uma maior atenção aos problemas do povo, devem refletir os sentimentos das massas e responder a todas as questões que preocupam os leitores. Os redatores precisam apresentar as matérias de maneira cada vez mais leve e accessível. Mas isto não significa que devamos fazer concessões ao sensacionalismo da imprensa "sadia"; ao contrário, uma melhor apresentação das matérias deve ter sempre em vista tornar mais accessível às grandes massas a orientação central do Partido, a divulgação das experiências das lutas, infundir nas massas confiança em suas próprias fôrças, esclarecê-las e orientá-las. Isto significa que as redações devem ter sempre presentes os objetivos fundamentais do Partido, que devem estudar mais aprofundadamente os informes e os documentos centrais do Partido, que devem prestar uma maior atenção ao órgão do Bureau de Informações. Isso significa que as direções e as redações dos jornais devem trabalhar sempre na base de planos concretos, que não devemos esquecer nem por um minuto as tarefas políticas centrais do Partido. Isto significa que as redações devem fazer um maior esfôrço para aumentar a sua capacitação política e seus conhecimentos gerais.

Condição fundamental para o êxito desta campanha é que as redações e direções dos jornais dêem a elas a maior atenção, que saibam reforçar a ligação dos jornais com os seus leitores e com a massa, que saibam atrair milhares de elements não partidários para a realização destas tarefas. A organização de debates periódicos com leitores e amigos do jornal é uma das experiências mais positivas neste terreno. Além de críticas vivas, recebemos assim sugestões preciosas, podemos ter uma idéia concreta de quais as seções e assuntos que estão despertando maior interesse.

Por outro lado, é imprescindível o estabelecimento de um rigoroso contrôle do cumprimento destes planos. Com espírito de contrôle e disposição de vencer as dificuldades, a vitória poderá ser assegurada.

E' enorme a responsabilidade dos comunistas e dos organismos do Paritde diante da tarefa do reforçamento da imprensa comunista e democrática. Ela deve começar pela liquidação de toda subestimação da imprensa pelos próprios organismos do Partido, por se dar uma maior atenção ao semanário central e à "A CLASSE OPERÁRIA". A leitura do editorial e das principais matérias do semanário central, o estudo e a utilização dos argumentos em torno das campanhas fundamentais do momento, que vem em sua quinta página, a leitura e o estudo de A CLASSE, bem como do seu suplemento de AGIT-PROP, devem constituir matéria obrigatória para todo membro do Partido. As tarefas de imprensa devem constituir a preocupação permanente não apenas dos **classops** — que devem ser mantidos e reforçados, porque é a êles que cabe diretamente a obrigação de se ligarem com os jornais — mas de todos os membros do Partido, de todos os organismos, pois os jornais não são apenas os impulsionadores da agitação e propaganda, mas também de todas as demais tarefas, são fundamentalmente os impulsionadores das lutas de massas para as quais todo o Partido deve estar voltado.

Dedicar atenção aos problemas da imprensa comunista e democrática, ligá-la vivamente com as massas é uma das condições para que possamos levar à prática as resoluções do Pleno Fevereiro do Comitê Nacional e realizar as grandes tarefas políticas que êle traçou para o Partido; é uma das condições essenciais para conquistarmos novos êxitos na luta pela paz e pela independência nacional.

APLICAR OS PRINCIPIOS
Básicos de organização do Partido

Acabamos de comemorar com a firme convicção na vitória da causa do proletariado, o 30º aniversário do Partido Comunista do Brasil. Em 30 anos de lutas abnegadas, desenvolveu-se nosso Partido, de um punhado de militantes para a grande organização que, dirigida pelo camarada Prestes, empunha com firmeza a bandeira da classe operária, bandeira do internacionalismo proletário e da libertação nacional, bandeira da paz, da democracia e do socialismo.

Sob tão gloriosa bandeira militam organizadamente milhares dos melhores filhos da classe operária e de nosso povo.

Isso exige de nós todos, militantes do Partido, um maior e mais rápido fortalecimento da vanguarda do proletariado, a fim de que o P.C.B. desempenhe com fôrça crescente o seu papel histórico de dirigente da ampla frente de classes e camadas sociais que há de realizar a revolução agrária e anti-imperialista e instaurar um govêrno democrático popular que colocará definitivamente o nosso país no campo da paz e da democracia, liderado pela gloriosa e invencível União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

E' o que nos ensina o camarada Prestes em seu informe ao Pleno do C. N. de fevereiro de 1952:

> "Precisamos agora fazer novos e maiores esforços no sentido da efetiva aplicação da justa linha política do Partido. Mas, para tanto, é indispensável que simultâneamente saibamos avançar na realização prática das Resoluções que tomamos em fevereiro de 1951 a respeito do reforçamento orgânico, político e ideológico de nosso Partido. Trata-se de colocar o Partido na altura de sua linha política."

Essa magistral orientação do secretário geral do P.C.B. deve ser por todos nós assimilada uma vez que a realização da tarefa histórica do proletariado brasileiro só pode ser levada a cabo sob a direção do nosso Partido. Essa é uma grande contribuição que podemos dar à causa da paz mundial.

O nosso Partido se fortalece através de uma luta encarniçada pela aplicação da sua justa linha política em tôdas as frentes de trabalho, levando-a com abnegação para o seio das massas trabalhadoras e populares.

O Partido se reforça ao aplicar justos métodos de organização decorrentes da sua linha política. O Partido avança e se fortalece ao se estruturar nas grandes concentrações proletárias das cidades e dos campos, ligando, assim, orgânicamente o Partido ao proletariado, no que tem de fundamental, melhorando cada vez mais a sua composição social e elevando o seu nível político e ideológico.

O Partido se fortalece ao aplicar de maneira inflexível os princípios de organização leninistas-stalinistas consubstanciados em nossos Estatutos.

E' sob êsse aspecto que precisamos aprofundar a nossa compreensão.

Depois de colocado na ilegalidade, o Partido se temperou politicamente na luta pela aplicação de uma orientação política acertada e através de duros combates contra a reação. Os membros do Partido demonstram cada vez mais audácia, firmeza e abnegação no curso das lutas de massas e em todo o trabalho partidário. Aumenta o sentimento de responsabilidade e a disciplina consciente de nossos militantes e organizações. Todavia, o ritmo de crescimento e fortalecimento do Partido ainda não é satisfatório. Muitos êrros ainda são cometidos, em boa parte por não termos assimilado inteiramente o rico conteúdo dos princípios básicos de organização do Partido.

Apesar dos progressos que temos realizado, a verdade é que ainda se fazem sentir deformações na aplicação do centralismo democrático, princípio diretor de tôda a nossa vida orgânica.

Diz o artigo 27 de nossos Estatutos:

> "O princípio diretor da estrutura orgânica do Partido é o centralismo democrático, que significa:
>
> a) Caráter eletivo, sem exceção, de todos os órgãos dirigentes do Partido;
>
> b) Obrigação dos órgãos dirigentes do Partido de prestarem periòdicamente informações sôbre sua atividade e conduta ante as respectivas organizações do Partido;
>
> c) Disciplina estrita de Partido e subordinação da minoria à maioria;
>
> d) Respeito e subordinação incondicional, por parte dos organismos inferiores às resoluções dos organismos superiores;
>
> e) Crítica e auto-crítica de todos os órgãos e organizações do Partido.

Eis o esquema do centralismo democrático. Centralismo sôbre bases democráticas e democracia sob direção centralizada.

O centralismo é baseado na democracia porque as direções devem ser eleitas pelas bases, democràticamente, gozam da sua confiança e, por isso mesmo, exprimem a participação das bases nas direções, através da eleição dos seus melhores representantes para as direções. A autoridade de um órgão dirigente lhe é conferida pelas bases que lhe são diretamente subordinadas e por isso êle exprime o pensamento da maioria das organizações subordinadas. E' subordinação incondicional da minoria à maioria, dos organismos inferiores aos superiores, expressa em nossos Estatutos, que efetiva o centralismo.

A democracia, por sua vez, é centralizada porque todos os membros do Partido, sem exceção, estão sujeitos aos mesmos Estatutos e à mesma disciplina, porque todo o Partido é dirigido por um centro único, o Comitê Nacional do P.C.B.

A aplicação do centralismo democrático une estreitamente a direção à massa dos membros do Partido. Mas, nesse sentido, ainda verificamos deficiências em nosso Partido. As Conferências Estaduais, Municipais e Distritais para a eleição dos respectivos Comitês não se realizam normalmente. Elas, no entanto, devem constituir uma norma geral na medida em que as condições de cada Estado, Município ou Emprêsa o permitirem.

Desta fórma fortaleceremos a democracia interna que é um fator decisivo de reforçamento e consolidação do Partido.

Segundo o camarada Liu Shao-Tchi, membro do secretariado do Comitê Central do P. C. da China, "sòmente através de uma genuína ampliação da democracia interna do Partido, pode a disciplina voluntária do Partido ser fortalecida, sòmente assim pode o centralismo interno ser estabelecido e consolidado e os órgãos dirigentes exercer uma direção correta."

E logo em seguida, acrescenta:

"Levar a plena prática um alto grau de democracia interna não significa, de modo nenhum, o enfraquecimento do centralismo interno do Partido. Pelo contrário, um alto grau de centralismo se exerce simultâneamente à base de um alto grau de democracia. Ambas as coisas estão estreitamente ligadas entre si e não se opõem uma à outra. Sòmente através da prática de um amplo grau de democracia pode-se chegar a um alto grau de centralismo de direção baseado na democracia, pode prevalecer um alto grau de democracia. Afirmar que a centralização da direção pode ser enfraquecida pela prática de um alto grau de democracia é errôneo."

A aplicação crescente do centralismo democrático reforçará a unidade do Partido, a disciplina consciente de seus membros e organizações.

Segundo Zhdanov, os princípios orgânicos fundamentais da estrutura do Partido são os seguintes:

> "um centralismo severíssimo na atividade das organizações do Partido, disciplina interna consciente, unidade de vontade e unidade de ação, inadmissibilidade de frações e grupos, cuidadosa seleção dos novos filiados ao Partido, defesa do Partido contra os elementos oportunistas pequeno-burgueses, preocupação constante por intensificar a atividade dos membros do Partido e desenvolver a democracia no seio do mesmo. Estes princípios plasmados nos Estatutos do Partido constituem seu fundamento inabalável."

Nos Estatutos de nosso Partido estão contidos êsses princípios de organização bolcheviques, mas só poderemos levá-los inteiramente à prática, se assimilarmos o seu espírito, o seu conteúdo essencial, fruto da sistematização da experiência de dezenas de anos de lutas heróicas do proletariado, principalmente, do proletariado da União Soviética dirigido pelo glorioso Partido Bolchevique, a estrêla-guia dos trabalhadores de todos os países.

EDITORIAL DO "PRAVDA"

A extraordinaria força e vitalidade do marxismo criador

O Partido Bolchevique conduz a nossa Pátria pelo caminho do comunismo, inspirando e organizando o povo soviético na realização de proesas no trabalho criador. O Partido deve as suas históricas vitórias na luta pelo comunismo ao fato de orientar toda a sua multiforme atividade pela todo-poderosa doutrina do marxismo-leninismo. A teoria marxista-leninista ajuda o Partido a conhecer o presente de maneira justa e a prever o futuro, o que dá às massas clareza de perspectivas e certeza da vitória.

Por motivo dos debates que se travaram há um ano sôbre os problemas de linguística a nossa imprensa publicou o trabalho de J. V. Stálin "Respostas aos Camaradas". Caracterizando a significação do marxismo, o camarada Stálin afirma:

"O marxismo é a ciência das leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade, a ciência da revolução das massas oprimidas e exploradas, a ciência da vitória do socialismo em todos os países, a ciência da construção da sociedade comunista".

Desde os primeiros dias de sua existência o Partido de Lênin e Stálin elevou bem alto a bandeira do marxismo criador e armou e continua a armar de maneira persistente os quadros e todos os membros do Partido com a teoria revolucionária mais avançada. Considerando a teoria marxista-leninista como um guia para a ação, o Partido soluciona com êxito os mais complexos problemas da luta revolucionária e da transformação da sociedade segundo os princípios comunistas.

Os trabalhos de Lênin e Stálin, fundadores e chefes do Partido Bolchevique, são um modêlo de desenvolvimento criador do marxismo. Lênin e Stálin enriqueceram a teoria marxista com novas e grandes descobertas e com novas conclusões e teses que generalizam a experiência mundial e histórica da luta revolucionária do proletariado e a experiência da construção vitoriosa do socialismo na U.R.S.S. Conhece-se a imensa significação da teoria leninista da revolução socialista, a teoria da possibilidade da vitória do socialismo primeiramente em um só país considerado isoladamente. Orientando-se por essa teoria, o Partido Bolchevique chefiou a classe operária e as massas trabalhadoras do campesinato na luta pela derrubada do capitalismo e pela construção do socialismo em nosso país. Sob a direção do Partido de Lênin e Stálin o povo soviético edificou a primeira sociedade socialista do mundo, demonstrando na prática que a obra realizada na União Soviética pode ser empreendida com êxito igualmente nos demais países.

A teoria leninista da revolução socialista desenvolvida pelo genial continuador da grande obra de Lênin, J. V. Stálin, ilumina ao povo soviético o caminho para o triunfo do comunismo.

Em sua obra "Resposta aos Camaradas" J. V. Stálin nos apresenta, como um dos exemplos do desenvolvimento criador do marxismo, a elaboração do problema dos destinos do Estado socialista. O camarada Stálin friza a extraordinária significação da conclusão teórica dos marxistas soviéticos sôbre a necessidade de se fortalecer por todas as formas o Estado socialista nas condições do cêrco capitalista. O Partido Bolchevique lutou firmemente contra os eruditos destituídos de espírito crítico e os talmudistas que exigiam que se tomassem medidas para se abolir o nosso Estado o mais depressa possível.

"... Os marxistas soviéticos, — afirma o camarada Stálin — na base do estudo da situação mundial em nossa época, chegaram à conclusão de que, em vista da existência do cêrco capitalista, em que a vitória do socialismo se verificou num só país e em todos os outros países domina o capitalismo, o país da revolução vitoriosa não deve enfraquecer e sim fortalecer o seu Estado por todos os meios, os órgãos do Estado, os órgãos de segurança e o exército, se êsse país não quizer ser destruído pelo cêrco capitalista".

Explicando o problema dos destinos do Estado na época do comunismo, J. V. Stálin demonstra que o Estado desaparecerá e se tornará desnecessário se o cêrco capitalista for liquidado e for substituído pelo cêrco socialista. O Estado continuará a existir também no comunismo se o cêrco capitalista não for abolido e se não desaparecer o perigo de ataques militares do exterior.

A genial conclusão de Stálin estimula os povos soviéticos a continuar fortalecendo o Estado socialista como instrumento principal da construção do comunismo.

A doutrina do camarada Stálin sôbre o Estado socialista arma os Partidos Comunistas e Operários dos países de democracia popular em sua luta pelo fortalecimento do regime de democracia popular que exerce as funções da ditadura do proletariado.

O marxismo-leninismo exerce uma poderosa influência em todos os setores da vida social e dos conhecimentos humanos. A publicação das obras de V. I. Lênin e J. V. Stálin e do trabalho do camarada Stálin "O Marxismo e os Problemas de Linguística" ergueram a um nível mais elevado todo o trabalho ideológico do Partido.

Inspirada pelas idéias de Lênin e Stálin a ciência soviética aprofunda cada vez mais os seus conhecimentos das leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade, servindo ativamente à causa da construção do comunismo. O Partido conclama os nossos sábios a dominar criadoramente a teoria marxista-leninista e a impulsionar a ciência. A crítica e a autocrítica bolcheviques representam um importante meio de se desenvolver com êxito a ciência. O camarada Stálin nos ensina que nenhuma ciência pode se desenvolver e florescer sem a liberdade de crítica, sem a luta de opiniões.

As tarefas de construção do comunismo apresentam exigências cada vez mais elevadas a nossos quadros e a todos os trabalhadores. A educação marxista-leninista de numerosos quadros de todos os setores do trabalho estatal e partidário possui uma grande significação para a solução acertada dessas tarefas.

Em seu histórico informe apresentado ao XVIII Congresso do P. C. (b) da U.R.S.S. o camarada Stálin afirmou que os êxitos de todo o nosso trabalho estatal e partidário dependem em primeiro lugar do levantamento do nível teórico e político dos quadros, de sua habilidade em se orientarem na situação interna e externa e de sua capacidade em solucionarem sem sérios êrros os problemas de direção do país.

O Partido Bolchevique aperfeiçoa continuamente o trabalho de educação marxista-leninista dos quadros, elevando sem cessar a consciência comunistas das massas trabalhadoras.

A educação comunista dos trabalhadores assume uma significação decisiva no período da passagem gradual do socialismo ao comunismo. E' dever dos organismos do Partido educar todos os trabalhadores no espírito da ideologia marxista-leninista e no espírito de uma dedicação sem limites à causa do comunismo. E' tarefa básica de todos os organismos do Partido elevar o nível do trabalho ideológico e levar às massas trabalhadoras as grandes idéias do marxismo-leninismo.

A vitoriosa construção do comunismo na União Soviética e os êxitos que os trabalhadores dos países de democracia popular conquistam na luta pelo socialismo representam um triunfo do marxismo-leninismo e constituem uma brilhante demonstração de sua grande fôrça e vitalidade. A doutrina do marxismo é todo-poderosa porque é verdadeira. Como ciência o marxismo não para e sim se desenvolve e se aperfeiçoa, se enriquece com novas experiências, com novos conhecimentos, com novas fórmulas e conclusões que correspondem às novas tarefas históricas.

Ao dominarem a teoria marxista-leninista e ao aplicá-la de maneira criadora à atividade prática, os nossos quadros, milhões de homens soviéticos, realizam com êxito, sob a direção do Partido de Lênin e Stálin, as grandiosas tarefas de construção do comunismo. Os partidos comunistas e operários dos países de democracia popular constróem o socialismo sob a bandeira do marxismo-leninismo. O movimento comunista e operário de todos os países se intensifica, se fortalece e conquista contínuas vitórias sob essa grande e vitoriosa bandeira.

("Pravda")

O Trabalho ideológico do Partido e a luta contra a propaganda guerreira

A expansão agressiva do imperialismo ianque se realiza, como já nos advertira o saudoso camarada Zhdanov, em tôdas as direções. Ao tempo em que persegue objetivos políticos, econômicos e militares, todos coordenados no plano de preparação de uma nova guerra mundial, o imperialismo ianque não economiza dólares para financiar a sua ofensiva no terreno ideológico. Este aspecto da penetração dos belicistas norte-americanos não deve ser descurado, particularmente num país como o Brasil, que é conduzido pelas suas classes dominantes no sentido da colonização completa pelo "colosso do norte".

A propaganda ideológica do imperialismo ianque visa, precisamente, apresentar essa colonização sob um aspecto lisongeiro e inofensivo, como se fôsse, por assim dizer, uma "ajuda" absolutamente "desinteressada", ao nosso país. Este o sentido, por exemplo, das sensacionais e sucessivas matérias custeadas pela Standard Oil e demais emprêsas imperialistas nos principais órgãos da imprensa vendida. Mas o centro da campanha ideológica do imperialismo ianque consiste em forjar tôda espécie de calúnias contr na União Soviética e as democracias populares, contra os comunistas brasileiros, e em preparar psicològicamente um ambiente favorável à guerra.

Essa campanha é levada a efeito de modo sincronizado, pelos jornais da "sadia", pelas emissoras radiofônicas, inclusive do govêrno, pelas revistas e suplementos de todo tipo, e ainda, como argumento de última instância, pelos policiais que empunham metralhadoras para empastelar jornais populares e silenciar os lutadores da democracia, da libertação nacional e da paz. Em busca de novos quadros, o imperialismo ianque tem recrutado não só os criminosos comuns da polícia, como também uma chusma de intelectuais de verniz esquerdista, socialista e cristão-ocidentais ansiosos por se venderem em grosso e a retalho.

A propaganda guerreira do imperialismo ianque se reveste de variados aspectos. Ao internacionalismo proletário ela opõe o nacionalismo burguês elevado ao gráu do mais exasperado chovinismo. Ao mesmo tempo, um pôdre cosmopolitismo prega a "alienação da soberania nacional", em benefício, está claro, da "super-soberania" norte-americana. Torrentes de tinta vêm sendo utilizadas para caluniar a democracia soviética e os regimens populares da Europa centro-oriental, onde os trabalhadores são, pela primeira vez, donos dos seus destinos, enquanto a "democracia" dos monopólios dos gangsters e dos linchadores de negros é apresentada como a insuperável perfeição social.

A fim de afastar as massas católicas da aliança fraternal com os comunistas, na luta por suas reivindicações comuns, a alta hierarquia da Igreja é utilizada e emprêga, auxiliada pelos torturadores da polícia política, o instrumento medieval da excomunhão. Os louvores do rádio, do cinema e da imprensa "sadia" focalizam, com igual carinho, o "trabalhismo" de Atlee, o clerical-fascismo de Franco e Salazar e a traição dos renegados trotskistas da Yugoslavia. Nos meios intelectuais, são incentivadas a teoria do formalismo na arte, o existêncialismo na filosofia, a pregação anti-comunista sistemática e a "neutralidade" criminosa diante das massas populares e das lutas cheias de abnegação e de heroísmo.

Aos comunistas cumpre não recuar uma só polegada diante da chantage ideológica do inimigo, assumindo, em cada passo, uma posição ofensiva implacável. Nêsse particular, é necessário desenvolver incansavelmente o trabalho ideológico do Partido, dando-lhe um nível cada vez mais elevado. E' necessário que todo comunista esteja apetrechado com um arsenal de argumentos, que lhe permitam passar do terreno da simples agitação para o de um esclarecimento profundo e eficaz no setor em que atúa, sem abandonar o trabalho de agitação, que é sempre indispensável.

Tal necesidade se faz notar muito especialmente, na luta pela paz, a fim de desbaratar o imperialismo ianque no centro da sua campanha ideológica, que é a propaganda guerreira. Tem sido até agora bastante insuficiente o nosso esfôrço no sentido de achar os argumentos que armem ideològicamente o Partido e as massas na luta pela paz. As causas profundas da guerra, os planos de hegemonia mundial do imperialismo ianque e as suas táticas de colonização, particularmente no Brasil, a submissão das classes dominantes do país aos interêsses de Wall Street, o que significa a guerra para o proletariado e o povo, porque é grave o perigo de guerra, porque é possível evitar o seu desencadeamento, os objetivos imediatos e estratégicos do Partido — todos êsses temas estão a exigir dos comunistas, sobretudo daquêles que trabalham no setor da propaganda, o necessário esfôrço para procurar argumentos e divulgá-los entr as grandes massas.

Mas, para enfrentar e vencer o inimigo no plano ideológico é imprescindível aprender a manejar cada vez melhor a grande e invencível arma do marxismo-leninismo-stalinismo. Sem se desviar o militante da atividade de prática, é necessário completá-la com a educação marxista, organizando o estudo, individual e coletivo, dos materiais teóricos, principalmente da "História do PC (b) da URSS". Cada militante se encontrará, assim, suficientemente armado para reconhecer e desmascarar a ideologia do inimigo de classe e agir com espírito ofensivo no seio das grandes massas, mobilizando-as para a luta pela paz, pela independência nacional, por um govêrno democrático popular.

Para a educação teórica dos comunistas, em estreita ligação com as tarefas do momento, o informe político apresentado pelo camarada Prestes à última reunião do CN constitui um material de excepcional valor, que deve ser aproveitado para o estudo de acôrdo com o plano publicado na "Voz Operária" de 15 de março de 1952, n.º 147.

Se fores preso, camarada...

Nas linhas que se seguem chamamos a atenção de todos os militantes comunistas para o problema muito sério e muito importante do comportamento pessoal de cada um frente à polícia em caso de prisão.

A prisão não é senão um dos múltiplos aspectos da luta que sustentamos, mas é também a oportunidade que se apresenta a cada militante para provar sua fidelidade à Revolução e demonstrar que jamais se esquece ser seu dever contribuir sempre para o fortalecimento do Partido, defendendo a sua organização e o seu prestígio.

E' dever de cada militante do Partido, em caso de prisão, ter na polícia uma conduta irrepreensível, o que significa portar-se com dignidade e recusar-se honradamente a fazer declarações que de qualquer forma possam vir a prejudicar o Partido.

Os comunistas brasileiros devem para tanto ter sempre em mente o exemplo do camarada Prestes, cujo comportamento, ao ser preso em março de 1936, e em seguida, durante os nove anos de sua prisão, é um modêlo de dignidade revolucionária, internacionalmente conhecido e admirado.

A PRISÃO SE ENFRENTA COM CORAGEM — É UM POSTO DE HONRA PARA O MILITANTE REVOLUCIONÁRIO

(Resumo de um documento editado pelo Comitê Nacional do P. C. B.)

PRECEITOS GERAIS EM QUE SE BASEIA A ATITUDE DO MILITANTE DIANTE DA POLÍCIA

Antes de tudo é indispensável compreender que a reação na sua luta por quebrar o movimento operário e revolucionário visa fundamentalmente o nosso Partido, porque bem compreende e avalia a importância decisiva do seu papel dirigente de vanguarda combativa do proletariado e cabeça da Revolução. O objetivo fundamental da reação é liquidar a organização e para tanto emprega todos os recursos e se utiliza de todos os processos. Estes processos vão da violência à provocação política que assume as mais variadas formas, das mais rudimentares até as mais refinadas e sutis, por meio das quais a burguesia trata de infiltrar seus agentes no Partido para tentar desagregá-lo, liquidá-lo por dentro.

E' com idêntico objetivo que a reação não deixa jamais de utilizar-se da prisão de cada militante do Partido para prová-lo em sua firmeza, em suas convicções e em seu espírito de sacrifício. A reação tudo faz para desmoralizar a cada militante, para liquidar moralmente a cada quadro do Partido, porque sabe que é dessa maneira que mais sèriamente e de maneira prática pode golpear a organização e penetrar em seu seio.

E' o que fundamentalmente precisamos compreender. Que ao prender um militante a polícia vai empregar todos os recursos para pôr à prova suas qualidades de combatente da revolução, que tudo fará, desde a violência até a tentativa de subôrno, para desmoralizá-lo, para transformá-lo em reles delator e em traidor da classe operária.

Como evitar que isso aconteça? Qual a atitude que devemos assumir em caso de prisão?

Não cair em pânico — Antes de tudo, não cair em pânico, saber conservar o sangue-frio, enfrentar a prisão como um acidente sempre possível na vida de um revolucionário. Efetivamente, a prisão não deve constituir uma surprêsa para nenhum militante, que para tal emergência já deve estar há muito tempo suficientemente preparado. E' certo que a polícia empregará todos os recursos para assustar e aterrorizar, mas justamente por isso precisamos, para enfrentá-la, de tôdas as nossas qualidades, de tôda a nossa capacidade de pensar e de discernir, qualidades tôdas que são completamente anuladas no indivíduo que se deixa surpreender e cair em pânico.

Para evitar o pânico cabe não esquecer jamais o militante sua qualidade de soldado da revolução que não pode temer quaisquer violências policiais. Para tanto, ter sempre presente que ao sermos presos estamos nas mãos do inimigo de classe e que a prisão não é um acontecimento individual, mas um golpe contra o Partido, um acontecimento político que exige do prêso, para ser bem sucedido, agir igualmente de maneira política contra o inimigo de classe. A prisão significa para o militante comunista um novo pôsto que passa a ocupar na linha de frente da guerra de classes. Seu dever é ocupá-lo com honra pondo em tensão tôdas as suas qualidades pessoais para tirar da situação o maior proveito para o Partido e para a revolução.

Dignidade e firmeza — Mas, se é indispensável estar prevenido contra o pânico, é também necessário que o militante comunista ao ser preso saiba impor-se ao respeito do inimigo, mantendo em quaisquer circunstâncias uma atitude firme e digna, atitude de perfeito equilíbrio, que exige, antes de tudo, uma luta contra si mesmo. O militante revolucionário nem desce à posição humilhante de um contraventor qualquer que pretende justificar seus "crimes", nem se deixa arrastar pelo ódio para esbravejar ou debater-se como um energúmeno. Equilíbrio é indispensável mesmo no protesto contra a prisão e as violências de que fôr vítima.

A falta de equilíbrio denota desespero, falta de contrôle pessoal, e a polícia sabe que em geral aquele que muito esbraveja de início não é um homem bastante forte para resistir até o fim, não é em geral um bom combatente, vê na prisão uma questão pessoal, acabará derrotado e humilhando-se diante do inimigo.

O militante comunista ao ser preso se mantém por isso sereno, digno e firme. Principalmente o quadro dirigente, conhecido como tal, jamais tenta inventar histórias ou justificativas para suas atitudes anteriores. O que não quer dizer, no entanto, que isto não possa ser feito pelo militante de base, quando as circunstâncias o permitam e desde que o alibi ou justificativa não possa de forma alguma comprometer a organização, nem a dignidade do militante. E' método que pode às vezes dar resultado, quando o militante é desconhecido da polícia ou, mesmo, pouco conhecido, como militante revolucionário.

Atitude de protesto — A prisão deve ser sempre encarada pelo militante revolucionário como um ato arbitrário e violento das classes dominantes contra o qual é seu dever lutar e, na medida do possível, desmascarar diante das massas. Não é admissível que um comunista aceite conformado e passivamente, sem protesto claro e veemente, a arbitrariedade do tira que pretende arrastá-lo para a prisão ou jogá-lo violentamente numa viatura policial. A atitude de protesto no momento da prisão sempre serve para despertar as massas contra a polícia e, no mínimo dificulta sua ação repressora, obrigando-a a uma dispersão de fôrças cada vez maior.

A atitude de protesto sempre é possível e permite muitas vezes ao comunista dirigir-se ao povo em comício provocado pela própria polícia.

Essa atitude de protesto deve prosseguir dentro da polícia, na sala de detidos e na prisão. Preso, o militante comunista deve continuar lutando pelos seus direitos, contra as arbitrariedades policiais, e saber sempre colocar-se como combatente de vanguarda na primeira linha de tôdas as ações de massa e movimentos de solidariedade. No início, porém, essas ações não podem, em geral deixar de ser individuais, porque a polícia procura sempre infiltrar seus agentes entre os presos para colher informações. Cabe, no entanto, a cada militante, especialmente aos mais responsáveis ou aos mais esclarecidos e experientes, tomar a iniciativa no sentido de procurar orientar aos demais, ensinando a todos, na medida do possível, a como proceder para manter uma posição firme e digna.

Mais tarde, já na prisão, cabe a cada militante tomar a iniciativa de organizar os demais camaradas presos em coletivo que discutir os problemas práticos e oriente a todos no sentido de sustentarem uma posição firme e de manterem um procedimento uniforme frente à polícia, ajudarem os camaradas menos experientes, sustentarem moralmente os mais fracos, corrigirem fraternalmente os que tenham errado ou vacilado, e desmascararem os traidores e provocadores.

Não conversar com a polícia — Digno e firme, sem esquecer por um só momento que está diante do inimigo de classe, o militante comunista não pode admitir nenhuma intimidade nem aceitar favores dos tiras e delegados ou comissários. Qualquer atitude conciliatória será sempre um êrro que pode constituir o primeiro passo no caminho perigoso das concessões ao inimigo e que levará inevitàvelmente à capitulação e à traição.

Por isso mesmo, o militante comunista não conversa com a polícia, jamais discute política ou aceita debate sôbre qualquer problema. Sua atitude é sempre a de um cidadão que protesta contra a violência de que é vítima e que por isso responde apenas, de maneira sêca e lacônica, às perguntas que lhe forem feitas. Mas, mesmo isto, só deve ser feito no momento da inquirição oficial e à autoridade encarregada do inquérito — delegado ou juiz — e nunca a qualquer policial ou tira que pretenda arrancar-lhe confissões.

Não dizer nada sôbre organização — E' preceito básico nada dizer sôbre organização. A atividade de cada militante no Partido, célula ou organização a que pertence ou pertenceu, tudo que sabe sôbre o Partido constitui segrêdo inviolável que seria um crime revelar. Não cabe, de forma alguma, a cada militante saber o que pode ou não pode ser conhecido por terceiros da organização partidária. Neste terreno, qualquer informação à polícia é sempre prejudicial ao Partido e constitui a pior das traições qualquer concessão, por menor que seja, e por mais justificáveis que possam parecer no momento os motivos para serem feitas.

A polícia procura arrancar de cada militante uma informação sôbre a organização, porque é desta maneira, pela apreciação crítica das diversas informações obtidas, que seus técnicos podem chegar às conclusões que lhe permitam melhor orientar seus golpes contra o Partido. Além disto visa também a polícia, como já o dissemos acima e convém sempre repetir, dobrar a vontade de cada militante, desacreditar e desagregar tôda a organização por meio da desmoralização sistemática de seus quadros, que a polícia tudo faz para reduzir a farrapos humanos, a delatores de seus próprios camaradas, a traidores da revolução e renegados do proletariado.

Não acreditar em promessas nem se deixar enganar — Para tanto, a polícia não emprega sòmente a violência e o terror, não se limita jamais às torturas físicas que sabe muito bem que por piores que sejam não são capazes de dobrar a vontade de um militante digno. A polícia explora tôdas as fraquezas humanas, excita todos os sentimentos, inclusive os mais vis, recorre a tôdas as mentiras, a todos os meios enfim.

E' indispensável compreender que tôda promessa da polícia é uma armadilha. Não se salva o parente ou o amigo, dizendo-se à polícia o que se sabe. Ao contrário. Quem assim proceder, acreditando na promessa da polícia, fornece a esta as provas que ajudarão a condená-lo mais severamente ainda. O militante que entrega à polícia, documentos do Partido, ou uma máquina de escrever, um mimeógrafo ou qualquer outra coisa que tenha escondido, na esperança de conseguir assim salvar o seu parente ou amigo, engana-se redondamente, porque na verdade fornece simplesmente à polícia as provas para condená-lo.

O militante que vacila ou se deixa enganar pela polícia acaba sempre reduzido a um sêr vil, a um delator e traidor da classe operária. E, muitas vezes, o prêso que assim procede agrava mesmo sua própria situação, porque a polícia promete a liberdade em troca de uma indicação útil e, obtida esta, nela baseia o processo contra o "ingênuo" que se deixou lograr.

Para fazer falar os militantes presos, trata a polícia de impressioná-los com o pouco que sabe a fim de tentar convencê-los da inutilidade de sua recusa em responder. Ela se faz de muito bem informada, joga com suposições, lança verdes para colhêr maduro, e desta maneira consegue muitas vezes confissões que lhe são úteis, ou a confirmação daquilo que constituía suposição apenas. Procura impressionar também o prêso inexperiente, citando nomes de militantes conhecidos e responsáveis que diz já estarem presos, informa que "fulano já falou, contou tudo, etc." e pretende dessa maneira abalar a confiança e a firmeza de quem se recusa a falar. Os processos variam, mas o objetivo é sempre o mesmo — enganar para conseguir a capitulação e a traição ao Partido.

Só a recusa total de dizer, seja o que fôr, pode salvar o militante comunista de cair em armadilhas dessa espécie.

Não falar — Outra arma da polícia é a insistência, a persistência com que procura desencorajar o prêso e vencer sua resistência. Algumas vezes, tenta a polícia jogar o militante contra a direção do Partido, experimenta verificar se há dúvidas ou ressentimentos que possa explorar entre o militante de base e seus dirigentes, diz ao prêso comunista que está sendo explorado, que lhe mandam fazer ligações ou distribuir volantes ou pregar cartazes, enquanto os "chefes" não se deixam prender, vivem em segurança e à tripa forra, etc. "E' preciso que você seja besta — diz o policial — para se deixar prender, enquanto que seus chefes ficam escondidos e não se expõem a nenhum perigo". Diante disso, o militante consciente deve intimamente se sentir orgulhoso de se expor para servir o seu Partido. O comunista sabe melhor do que ninguém que os dirigentes do seu Partido estão sempre na primeira linha de luta, e que a segurança dêles é determinada pelo próprio Partido, que não mereceria êste nome se não fosse capaz de poupá-lo à sanha do inimigo.

Para fazer falar o preso, a polícia sabe sempre combinar e alternar a violência, a mais brutal, com favores e cuidados de tôda espécie. Deixa o acusado por dois ou três dias sem comer para depois adulá-lo, oferecer-lhe um almoço, cigarros, para elogiá-lo pela sua coragem e resistência, etc. Faz, por vezes, verdadeiras encenações, isola os presos uns dos outros e utiliza cada palavra dita por um para fazer falar os outros. Para frustrar esses meios, a regra é sempre a mesma — não falar. Ou então, quando a situação se torna perigosa devido à fraqueza ou vacilação de algum camarada, o militante revolucionário saberá sempre aproveitar o ensejo para gritar bem alto para ser ouvido pelos demais presos: — "Eu não lhe digo nada e não lhe respondo nada!"

Equivocam-se por completo aqueles camaradas que, para se livrarem das violências a que estão sendo submetidos, se dispõem a adiantar pequenas informações, pensando assim evitar o prosseguimento das violências.

Esta é ainda a regra, a maneira mais acertada de proceder frente a documentos apreendidos pela polícia e sôbre os quais esta exige explicações, quer saber a origem ou a procedência. Já constitui um êrro, deixar-se o comunista prender com documentos comprometedores. Mas, se isto nem sempre é possível evitar, falar sôbre tais documentos já pode constituir um crime contra o Partido porque, por menos que diga, a polícia se utiliza, como sempre, de tais confissões para tentar desmoralizar a organização, criando a desconfiança em suas fileiras e liquidando pràticamente o militante que falou. O comunista que, ao ser prêso, tiver em seu poder documentos ou quaisquer papéis comprometedores, jamais dirá à polícia onde os recebeu nem de quem. Indicar um endereço ou citar o nome de qualquer pessoa é cometer um êrro grave, quaisquer que sejam as consequências, é descer o militante preso ao papel de delator e, na prática, ajudar a polícia na sua principal tarefa de desmoralizar e desprestigiar o Partido diante das grandes massas. Como confiar em quem informa o inimigo, seja por que motivo fôr, da atividade da organização?

De qualquer maneira, é inadmissível que um militante revolucionário fale, cometa um crime contra o seu Partido e a classe operária, sob o pretexto de não resistir aos golpes da polícia. O caminho mais fácil e melhor para defendermos o Partido é o de nada dizer à polícia.

Não discutir política — As discussões políticas também são comumente provocadas pela polícia que tenta assim ganhar a confiança do prêso, levá-lo pela vaidade ou pelo caminho da loquacidade a afirmações e confissões que lhe possam dar novos pontos de partida, para exigir em seguida pela violência, confissões mais extensas e importantes.

As autoridades policiais procuram arrastar especialmente os quadros mais responsáveis e aqueles companheiros de maior prestígio junto às massas a tais discussões, não só na esperança de que na palestra se revelem novas pistas, como também para fotografá-lo de surpresa, o militante prêso em "colóquio amistoso" com a autoridade e tentar criar no meio da massa um natural sentimento de descontentamento. O militante responsável não deve por isso aceitar de forma alguma essas "palestras amistosas", fazendo questão de cortá-las secamente e dispondo-se sòmente a responder com laconismo às perguntas que lhe forem feitas.

Não temer as ameaças à família — Outro ponto fraco que a polícia não deixa jamais de explorar, é [illegible] numa falsa compreensão do amôr à família, muito comum ainda em nosso meio, entre os camaradas ideològicamente, mais fracos. Já em 1935, quando da onda de terror que se seguiu à derrota da revolução, conseguiu a polícia quebrar a vontade de muitos militantes, fazendo ameaças de perseguições a pessoas de sua família, especialmente a companheira e filhos.

Sabemos muito bem o que isto significa, mas é claro que um revolucionário deve estar sempre preparado para tais provocações. A ternura normal que sente um comunista pela sua mulher e seus filhos não pode de forma alguma justificar a traição à classe operária e ao seu Partido.

Os comunistas amam a sua família, mas sabem colocar os interêsses da humanidade e do Partido acima dos seus próprios interêsses.

O militante comunista utiliza seu amor e dedicação à família para prepará-la para tôdas as provocações, a fim de que seja sempre uma família digna de seu chefe, que participe ainda da luta contra o inimigo de classe e que o apoie com firmeza em quaisquer circunstâncias, sentindo-se todos — pais, mulher e filhos — orgulhosos das perseguições e torturas que lhe sejam infligidas pelos cães da reação capitalista.

ALGUMAS REGRAS PRÁTICAS

Enfim, procurando resumir e sistematizar, vejamos quais são os preceitos fundamentais, ditados pela longa experiência do proletariado, em que se deve basear cada militante a fim de traçar com segurança a atitude a assumir frente à polícia em caso de prisão.

Antes de tudo — acentuamos mais uma vez — não cair em pânico, conservar o sangue-frio. Um militante não esquece jamais que um dia pode ser prêso e que a prisão não pode, portanto, constituir surprêsa.

Se o militante é conhecido da polícia, se esta já possui provas de sua participação no trabalho clandestino, ou se é um quadro responsável amplamente conhecido, precisa basear sua atitude, em caso de prisão, nos seguintes preceitos.

1.º — Manter uma atitude digna e firme. Não discutir com os tiras. E' preferível guardar no momento um mutismo absoluto (o que não impede, se fôr prêso em praça pública, de protestar e de manifestar em voz alta, e de maneira audaciosa e atrevida, quais as causas da prisão).

2.º — Diante da autoridade policial — delegado ou comissário — não responder senão ao interrogatório de identificação, sem bravatas ou qualquer arrogância inútil, mas firmemente como um homem ou mulher digno do título de comunista. Quanto às demais perguntas, dizer desde logo que só responderá depois de ouvir um advogado e que tudo quanto tem a dizer no benefício de sua defesa o fará perante o juiz competente.

3.º — Ao responder ao interrogatório de identificação não fornecer qualquer endereço, mesmo o local de sua residência ou de sua família a não ser que esteja bem seguro que isso não possa acarretar novas prisões ou a agravação de seu próprio caso, pela descoberta de documentos ou materiais comprometedores.

4.º — Como regra e por princípio, não deve o comunista na polícia assinar qualquer documento, seja de qual fôr, mesmo o mais fiel depoimento, pois que a polícia, conseguida a assinatura do prêso, pode perfeitamente introduzir nos espaços em branco declarações falsas e comprometedoras.

5.º — Previna sua família e seus amigos da prisão, mas sòmente no caso de que esteja bem seguro que isto não pode acarretar novas prisões. Um comunista não tem o direito de comprometer amigos ou simpatizantes, escrevendo-lhes da prisão, sob o pretexto de pedir que lhe socorram a família, ou qualquer outro. Mas, de outro lado, deve sempre fazer os maiores esforços para não permitir que a sua prisão permaneça em segrêdo. Insista para tanto no pedido de um advogado, e escreva você mesmo ao seu advogado ou ao presidente da Ordem dos Advogados.

6.º — Desde o primeiro momento do encarceramento deve lutar firme e intransigentemente por todos os seus direitos — contra a prisão em comum com ladrões e mendigos contra quaisquer medidas vexatórias, em defesa dos demais camaradas presos, contra espancamentos e arbitrariedades de que estejam sendo vítimas, por socorro médico para os doentes e feridos, contra a má qualidade da alimentação, etc. E' esta a melhor maneira de apoiar a luta que seja feita pela sua libertação.

Se, no entanto, não é conhecido da polícia, ou, se não existe nenhuma prova contra você, não se deixe enredar em discussão sôbre política em geral e política do Partido em particular. Responda com simplicidade que ignora o assunto ou que não se interessa por política. Mas recuse assinar qualquer documento, seja o que for, condenando e desaprovando o Partido. Não assine também declarações contra ou a favor da União Soviética. Responda sempre com naturalidade que ignora tudo a êsse respeito e que, portanto nada pode aprovar ou desaprovar, nessa ou naquela política. Lembre-se sempre que sua assinatura em tais documentos, ou constitui uma traição que a classe dominante saberá utilizar contra o Partido, ou então, no caso contrário servirá de base para sua inculpação e posterior condenação.

Ainda uma observação: é indispensável acabar em nossas fileiras com a tendência "legalista" que leva muitos militantes conhecidos como tal a se apresentarem à polícia espontaneamente, quando simplesmente chamados ou notificados. O militante comunista não atende a tais chamados. Comunica-os à direção do Partido e, em determinados casos, conforme as circunstâncias, deve tomar imediatamente as medidas práticas para evitar a prisão. Isto não justifica, a não ser em casos muito especiais, que se abandone o trabalho na frente legal. Um comunista pode negar-se a atender à notificação policial, mas não tem o direito de abandonar sua atividade legal sem ordem do Partido. Saberá aguardar no seu posto a ação policial.

Finalmente, como a prisão é um acontecimento sempre possível, simples episódio na luta de classes que sustentamos, cada militante comunista tem a obrigação de estar sempre preparado e não se deixar surpreender. Isto diz respeito, fundamentalmente, no cuidado que se deve ter com todos os documentos do Partido que possam de qualquer forma comprometer a organização. Constitui por isso falta das graves andar um militante com documentos da organização, endereços, nomes, locais, horas de encontro etc., ou guardá-los em lugar pouco seguro, em linguagem clara. No caso de prisão tem ainda o militante o dever de empregar todos os esforços para inutilizar qualquer documento da organização que tenha em seu poder.

LUTAR PELA ELEVAÇÃO DO NÍVEL IDEOLÓGICO

O conhecimento dos preceitos gerais de caráter prático, que acabamos de assinalar e que se baseiam na experiência de nosso Partido e na experiência internacional do proletariado revolucionário, é sem dúvida alguma de grande importância para cada militante comunista e servirá para alertá-lo e preveni-lo contra debilidades e erros em que, como combatente de vanguarda, não deve de forma alguma e jamais incorrer. Mas é claro que a aplicação dêsses preceitos exige de cada militante a coragem e a vontade firme que só uma profunda convicção revolucionária pode de fato assegurar. Esse problema do comportamento do militante comunista diante da polícia, não é assim, um problema prático somente, mas, antes de tudo e fundamentalmente, um problema ideológico.

E' incontestável que depende essencialmente da formação ideológica, da consciência de classe, da convicção científica adquirida pelo estudo da teoria revolucionária do proletariado, a firmeza e a serenidade com que cada militante enfrenta nas piores condições o inimigo de classe e é capaz de utilizar os recursos de que possa dispor, em qualquer emergência, sempre em proveito do Partido, da causa do socialismo e da vitória da revolução.

Ao traçarmos pois, as presentes diretivas sôbre o que deve ser o comparecimento de nossos militantes diante da polícia, não nos esqueçamos de acentuar o quanto é necessário liquidar em nossas fileiras o atraso teórico. Isto pode e deve ser feito através do estudo persistente, coletivo e individual, particularmente dos clássicos do marxismo-leninismo, Marx, Engels, Lênin e Stálin, e, antes de tudo, através do estudo sistemático da "História do Partido Comunista (bolchevique) da U. R. S. S.", que é uma arma teórica insubstituível para ajudar a cada militante a conhecer os métodos bolcheviques e a compreender, à luz da experiência do Partido de Lênin e Stálin, o desenvolvimento do movimento revolucionário de nosso próprio país, suas peculiaridades e suas perspectivas.

NENHUMA CONDESCENDÊNCIA COM OS TRAIDORES

Enfim, como dissemos de início, a prisão é uma grande prova, é a prova decisiva para cada militante da Revolução. Sob os golpes da reação, cada um é obrigado a mostrar o que vale. Mas, de outro lado, é na luta, é ao atravessar êsses momentos decisivos que cada um de nós efetivamente se educa, vencendo com a dignidade, a firmeza e a consciência do dever de classe qualquer vacilação ou fraqueza. Para tanto, não esquecer jamais que um minuto de desfalecimento mancha para sempre a mais bela vida de um revolucionário.

Um minuto de desfalecimento nas mãos da polícia significa bandear-se para o inimigo de classe, passar de militante da revolução para a torpe categoria de esbirro da burguesia. Delatar companheiros é um gesto vil e covarde, um crime sem remissão contra a solidariedade e a fraternidade operária e revolucionária, que é a mais nobre e elevada fôrça da classe operária. Informar a polícia sôbre qualquer detalhe da organização é descer, quaisquer que sejam as circunstâncias ou os pretextos que possam ser apresentados, à categoria de renegado, de traidor da revolução, do proletariado e do seu Partido.

Cada membro do Partido deve saber que, se ao ser prêso, diz à polícia o que não deve e não pode dizer, se desce assim à categoria do prêso que "fala", transforma-se imediatamente e automàticamente em auxiliar da polícia, é um traidor de sua classe, que como tal será considerado e julgado pelo povo e pelo seu Partido.

Nas fileiras de nosso Partido não podemos admitir neste terreno qualquer vacilação ou condescendência. Para os traidores e delatores não pode haver justificativas, e é inadmissível qualquer apêlo a um sentimentalismo pôdre: "Ele falou porque apanhou, porque é velho, estava doente, é inexperiente, etc." Nem por inexperiência, nem por fraqueza física, nem por motivo algum, nem sob nenhum pretexto, é admissível a traição em nossas fileiras. O mínimo que a classe operária e o Partido exigem do militante é a lealdade e a fidelidade à causa da revolução. Qualquer homem ou mulher digno sabe que é preferível a morte física à morte moral, é mil vezes melhor morrer como revolucionário sob os golpes da reação do que degradar-se, descer ao papel repugnante e desprezível de delator e traidor, renegado de sua classe e de seu Partido.

Nas fileiras de nosso Partido não há lugar para traidores. Nem é admissível que membros do Partido possam manter relações com inimigos do proletariado. Aquele que "fala", entrega-se à polícia e pode em seguida ser obrigado por ela prosseguir no caminho da traição. Procurará então manter contacto com o Partido, fará o possível para convencer outros militantes, seus antigos amigos e camaradas mais próximos, dir-lhes-á que, apesar de expulso, continua digno da confiança dêles, que o que se passou foi uma fraqueza passageira de que se sente agora arrependido, etc. Os camaradas que se deixarem levar por semelhantes histórias mentirosas poderão, assim, facilitar o trabalho da polícia. Nêsse terreno não pode haver meio têrmo, nem qualquer concessão sentimental — com o elemento expulso, o militante do Partido rompe definitivamente e não admite mais nenhum contacto ou qualquer relação de amizade ou camaradagem.

Estamos em plena guerra de classes que se aguça e aprofunda cada vez mais. Em nossas fileiras é indispensável uma disciplina de ferro, muita vigilância e rapidez de ação. Cada organismo do Partido deve por isso estar sempre bem informado do comportamento de cada um de seus membros na prisão e exigir de cada militante que é pôsto em liberdade um relatório circunstanciado de seu comportamento. A expulsão dos traidores deve ser imediata e amplamente divulgada para conhecimento de todo o Partido e da classe operária.

CONCLUSAC

Êste documento deve ser discutido e bem estudado em tôdas as organizações do Partido e conhecido de todos os seus membros. Evidentemente, salvo os princípios fundamentais a que fizemos referências, nos preceitos acima expostos cada militante não deve ver senão regras gerais, que convém conhecer e estudar. Cada um, em cada momento, conforme a situação concreta variável e diferente, deve saber como agir, tendo sempre em conta os interêsses da luta e do Partido.

Camaradas! Estudai bem, cada um de vós, o que deve ser o comportamento de um militante comunista em caso de prisão e sede dignos dos ensinamentos de Lênin e Stálin, sede dignos de todos aqueles que, membros de nosso Partido, souberam dar suas vidas pela causa da revolução.

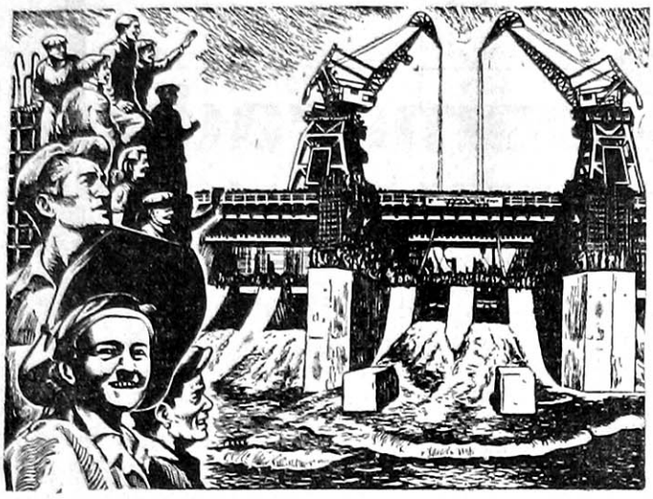
Diante dos policiais, diante dos juízes das classes dominantes, um comunista *não deve dizer nada* que possa prejudicar ao Partido, à classe operária, à luta contra o imperialismo e seus lacaios.

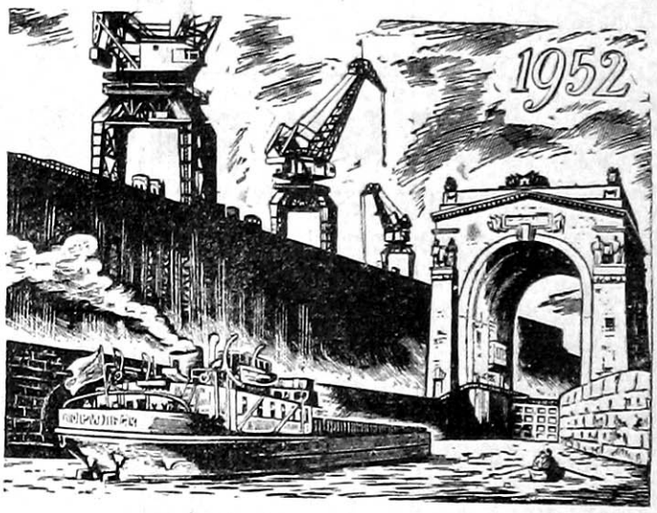
Militantes! Não esqueçei jamais que um minuto de desfalecimento pode manchar para sempre a vossa vida de combatente revolucionário. Diante do inimigo de classe, haja o que houver, é preciso *não dizer nada*.

O inimigo de classe, que não é sòmente a ditadura de Vargas mas igualmente o imperialismo ianque, dispõe de todos os meios do aparelho coercitivo do Estado. O terror e a traição, a provocação e a espionagem, tudo é posto em ação contra as massas que se radicalizam. Entretanto nós é que venceremos, é a nós que pertence o futuro.

Camaradas! Saibamos cumprir o nosso dever de comunistas, quaisquer que sejam as circunstâncias, com simplicidade e naturalidade, com dignidade e firmeza e provemos sempre, na prática, com a nossa atitude diante do inimigo de classe que, armados com a doutrina do proletariado, com a nossa consciência de classe, mesmo algemados e nos cárceres da reação, somos mais fortes e poderosos do que êles, porque representamos o socialismo que nasce contra o capitalismo que morre. Façam o que fizeram os cães de fila do imperialismo, a vitória é sempre nossa.

Que cada comunista esteja sempre em condições de poder repetir as palavras de Edgar André diante dos carrascos do nazismo: "Militante vivi, militante morrerei, gritando ainda uma última vez: Viva o comunismo!"





ESTAS SÃO DUAS DAS GRANDIOSAS obras stalninas do comunismo. A primeira (à esquerda) é a represa de Tsimlianskaia, inaugurada recentemente; a segunda é a majestosa entrada do canal Volga-Don, por onde trafegarão grandes navios, cortando terras que até ontem eram semi-desérticas

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 1 DE JUNHO DE 1952

O Trigésimo Aniversário Do Partido Comunista do Brasil

A. SIVOLOBOV

(Publicado no "Pravda" de 26-3-1952)

A 25 de março dêste ano o Partido Comunista do Brasil completou 30 anos.

O Partido Comunista do Brasil nasceu no fogo da luta de classes que se desenvolveu em 1920-1922, anos de ascenso revolucionário provocado pela vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro. O Partido Comunista do Brasil se desenvolveu ideológica, política e organicamente no processo da luta contra os oportunistas de direita e de "esquerda" e já nos anos da década de 30 se tornou a vanguarda de luta da classe operária, um autêntico partido do povo brasileiro que chefiava uma ampla frente democrática anti-imperialista e antifeudal.

Quase tôda a história de 30 anos do Partido Comunista do Brasil acha-se estreitamente ligada ao nome de seu dirigente, Luiz Carlos Prestes.

Em 1934 desenvolveu-se um poderoso movimento grevista sob a direção do Partido Comunista do Brasil. As lutas revolucionárias de novembro de 1935, ocasião em que houve levantes armados numa série de cidades, são o ponto mais alto do movimento revolucionário no Brasil.

Pela primeira vez na vida política do país, o proletariado, unificado sob a direção do Partido Comunista, numa ampla frente única com outras forças anti-imperialistas, se levantou de armas na mão contra o imperialismo e seus lacaios brasileiros. Nos dias gloriosos de novembro de 1935 a classe operária, à frente das forças anti-imperialistas do país, inaugurou uma nova etapa da luta do povo brasileiro pela libertação nacional, através da criação de uma ampla frente única.

Após a derrota da revolução de novembro de 1935, sobreveio um período de reação e de perseguições. Prestes, dirigente do Partido, foi preso e condenado a 30 anos de encarceramento. O Partido Comunista passou novamente à ilegalidade.

Os pesados golpes não conseguiram, porém, vencer o Partido Comunista. Êste reorganiza suas fileiras, se fortalece organicamente combinando habilmente a sua atividade nas organizações legais e ilegais e exerce a sua influência sôbre amplas massas de trabalhadores. Sob a pressão do movimento popular de massas que se verificou em 1945, os círculos governantes foram forçados a legalizar o Partido Comunista. Prestes, seu dirigente, foi libertado da prisão após uma detenção de nove anos.

O apoio das massas populares permitiu ao Partido Comunista conquistar consideráveis êxitos durante as eleições parlamentares de após-guerra. Apesar dos obstáculos opostos pela reação o Partido Comunista obteve nas eleições de 2 de dezembro de 1945 cêrca de 600 mil votos, num total de cinco milhões de eleitores, obtendo 17 cadeiras no Congresso. Uma quantidade considerável de comunistas foi igualmente eleita para as câmaras municipais. Durante os dois anos de sua existência legal o número de membros do Partido Comunista aumentou de maneira significativa.

Em maio de 1947, por ordem de Washington, o govêrno fascista de Dutra proibiu novamente a atividade do Partido Comunista e instaurou um processo judicial contra Prestes e outros dirigentes do Partido.

Nas condições de uma profunda ilegalidade, o Partido Comunista do Brasil chefia a luta das massas pela paz, pela democracia e pela independência nacional. Pela voz de seu chefe Luiz Carlos Prestes, o povo do Brasil declara que nunca lutará contra a União Soviética e os países de democracia popular. A luta pela paz e pela liberdade abrange amplas camadas da população do país e assume formas as mais diversas: a coleta de assinaturas ao Apêlo do Conselho Mundial da Paz para a conclusão de um Pacto de Paz, já assinado por quatro milhões de brasileiros, as manifestações e comícios contra a remessa de forças brasileiras para a Coréia, as greves de operários que exigem melhoria de condições de vida, choques armados de camponeses contra a polícia e soldados, comícios e conferências em defesa da paz e das riquezas nacionais do Brasil.

A luta pela paz se amplia no campo. Os camponeses e os assalariados agrícolas reconhecem que a luta pela paz se acha estreitamente ligada à luta pela terra. Por iniciativa do Partido Comunista os camponeses fundam ligas e comitês para conquistar as suas reivindicações imediatas. No Estado do Paraná, em São Paulo e no nordeste do país os camponeses pobres lutam de armas na mão contra os latifundiários e os plantadores americanos.

A classe operária do Brasil, chefiando o povo em sua luta pela paz e pela independência nacional, trava grandes lutas, apesar do terror policial e das providências do govêrno que restringem a atividade sindical. Só em 1951 realizaram-se no país mais de 300 grandes greves. A maior delas foi a greve dos operários da indústria metalúrgica no centro industrial do país — São Paulo — que começou com uma manifestação de massas sob as seguintes palavras de ordem: "Exigimos a Paz, "Não Iremos para a Coréia", "Fora com os americanos!"

As repetidas tentativas do govêrno brasileiro no sentido de cumprir as exigências de Washington sôbre o envio de forças para Coréia chocam-se contra a resistência tenaz e sempre crescente da classe operária unificada na Confederação dos Trabalhadores do Brasil.

Por iniciativa do Partido Comunista do Brasil cria-se no país uma ampla frente democrática de liberação nacional. O programa da Frente Democrática, formulado no Manifesto de Agôsto de 1950 por Prestes, apresenta como tarefa básica a luta pela paz, pela democracia e pela independência nacional, exige o confisco dos capitais dos monopólios americanos e das terras dos grandes latifundiários e a criação de um govêrno democrático-popular composto de representantes dos operários, dos camponeses, das classes médias e da burguesia nacional que luta contra o domínio, no país, dos monopólios americanos. O Manifesto de Agôsto se tornou a bandeira da Frente Democrática de Libertação Nacional que se organiza sob a direção do Partido Comunista. Em tôrno do Partido Comunista unificam-se amplas massas de trabalhadores, todos os verdadeiros patriotas e democratas, todos os brasileiros que anseiam pela paz, pela independência e pelo progresso de sua Pátria.

Já hoje, não só a classe operária e o camponês reconhecem que o verdadeiro inimigo do Brasil é o imperialismo americano que se esforça por arrastar o país às suas aventuras de rapina. A compreensão dêsse fato se torna um patrimônio das amplas camadas da população, entre as quais a classe operária dia a dia encontra um número cada vez maior de aliados para a luta contra a reação imperialista e a reação nativa. Aumentam o interêsse e a simpatia os trabalhadores brasileiros pelo país do socialismo — a União Soviética — e resoa cada vez mais alto no Brasil a exigência do estabelecimento de relações amistosas com a U. R. S. S.

A resistência do povo brasileiro, chefiada pelo proletariado e seu glorioso Partido Comunista, representa um sério obstáculo no caminho da realização dos planos dos imperialistas americanos que visam escravizar o Brasil e transformá-lo em praça de armas e fornecedor de matérias primas e de carne de canhão. O Partido Comunista indica à classe operária e ao povo do Brasil que só a luta ativa pela paz, contra a miséria e a fome, contra a submissão do país ao imperialismo americano e pela imediata expulsão das forças americanas e dos agentes americanos pode fazer fracassar êsses planos criminosos e conduzir à vitória a frente democrática anti-imperialista e anti-feudal.

Os povos soviéticos constroem a era da abundancia para todos

A SIGNIFICAÇÃO EXTRAORDINÁRIA DAS GRANDES OBRAS DO COMUNISMO — ATÉ 1957, A CONCLUSÃO DAS MAIS ARROJADAS CONCEPÇÕES DA TÉCNICA MODERNA — O HOMEM DOMINA A NATUREZA E PÕE SUAS FORÇAS A SERVIÇO DA FELICIDADE E DO PROGRESSO

Reveste-se de imenza significação as grandes obras que estão atualmente em curso na União Soviética. Até 1957 será construído todo um sistema de obras numa vasta área que vai desde o Amu Daria, nas proximidades do Afganistão, até a bacia do Dnieper, no coração da Ucrânia. Essas obras, de uma envergadura sem igual, resolverão em larga escala pelo menos quatro problemas fundamentais: energia barata em quantidade, irrigação de imensas áreas desérticas ou pouco produtivas, comunicações e abastecimento dágua para a população, as usinas, as minas e a agricultura. Quando terminarem as obras, a U. R. S. S. contará com mais 20 milhões de kilowatts-hora de energia elétrica, mais 2.000 quilômetros de canais navegáveis e com uma nova superfície irrigada e aprovisionada de água de 28 milhões de hectares.

Algumas dessas gigantescas construções já estão terminadas, como o canal Volga-Don, que ligará Moscou e o Norte do país ao Mar Cáspio, e o centro hidrotécnico de Tsimlianskaia, sôbre o rio Don. Tal centro compreende uma imensa represa, a formação de um verdadeiro mar com uma superfície de.... 2.600 quilômetros quadrados e uma central elétrica com uma potência de 160.000 Kw. Outras estão ainda em construção, como as barragens sôbre o Dnieper, o Volga, o Amu-Daria e sôbre os canais igualmente em construção. Somente as duas centrais localizadas no Volga, a de Kuibichev e a de Stalingrado, terão uma potência de cêrca de 3.700.000 Kw. A construção de cada uma delas durará apenas 5 anos, enquanto que as duas maiores centrais hidrelétricas dos Estados Unidos, por exemplo, com muito menor potência, foram construídas em 30 anos, a Grad-Coulee Dam, e em 20 anos, a Boulder-Dam.

As GRANDES OBRAS DO COMUNISMO, como está sendo chamado todo êsse conjunto de trabalhos, compreendem ainda a construção de milhares de quilômetros de canais de irrigação e abastecimento dágua, portos e estações de bombeamento, barragens e pontes, franjas florestais e gigantescos condutos dágua e energia elétrica. Dentre essas obras, porém, destacam-se pelas suas proporções o Grande Canal da Turcmenia: Esse canal ligará o rio Amu-Daria, na altura da cidade de Nukuss, a Krasnovodsk, pôrto do Mar Cáspio.

O GRANDE CANAL DA TURCMENIA

O Grande Canal da Turcmenia terá 1.100 quilômetros de extensão; será, assim, o maior canal jamais projetado pelo homem. Partindo das cercanias de Nukuss, no Amu-Daria, o canal atravessará o imenso deserto de Kara-Kum. Em seu trajeto o canal evitará a depressão de Sarykamych, que em tempos remotos era cheio de água, mas que hoje é um vasto mar de sal, porque se teria de consumir 15 anos no mínimo para encher essa depressão novamente de água. Depois, o Grande Canal enveredará pelo antigo leito do rio Uzboi, por onde outrôra, segundo os geólogos, fluía o Amu, e daí seguirá por um leito artificial até as margens do Cáspio.

Para se ter uma idéia da envergadura dessa obra soviética, damos aqui um quadro comparativo:

Nome do canal	*Comprimento em Kms.*
Grande Canal	1.100
Canal Báltico Mar Branco	227
Canal Moscou-Volga	128
Canal de Suez	164
Canal do Panamá	81

Volume de terra removida	*Duração das obras*
300 milhões m. c.	7 anos
21 milhões m. c.	1 ano e 5 m.
154 milhões m. c.	4 anos e 8 m.
75 milhões m. c.	10 anos e 11 m.
160 milhões m. c.	29 anos

É difícil imaginar tôdas as consequências benéficas que terá a construção dêsse canal. Serão edificadas 3 estações hidrelétricas: uma no Amu-Daria e duas outras ao longo do próprio canal, no trecho do antigo leito do Uzboi. Essas estações terão uma potência total de.... 100.000 Kw. Através de uma completa rêde de canais de irrigação e de aprovisionamento será beneficiada diretamente uma área de 8.300.000 ha. Num território de cêrca de 12 milhões de hectares se produzirão maravilhosas metamorfoses em virtude da construção do canal. Num dos maiores desertos do planeta, o Kara-Kum, a vida florescerá com um vigor incomparável. Devido à grande riqueza das águas do Amu-Daria, nas áreas irrigadas a Turcmenia produzirá 7 a 8 vezes mais algodão do que hoje. Os campos darão duas colheitas de trigo por ano. As pastagens poderão alimentar duas ou três vezes mais gado do que atualmente. Arvores frutíferas farão sua aparição no deserto. Franjas florestais surgirão às bordas do canal, dando ao viajante a impressão de estar em plena selva. A Turcmenia terá, inclusive, boa madeira de construção, à razão de 1.000 metros cúbicos por hectare, cada a 25 anos.

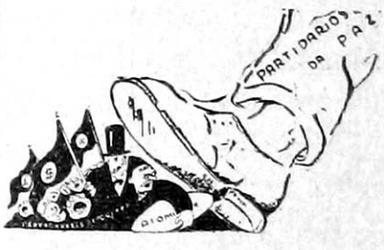
Não serão menores os benefícios do canal como meio de transporte. O carvão, o trigo, o petróleo, o algodão, etc. da Turcmenia poderão ser transportados diretamente por via "marítima" até Moscou. Por outro, das grandes cidades chegarão, com facilidade, as máquinas, os automóveis, os tratores.

A ERA DO COMUNISMO À VISTA

Tôdas essas construções gigantescas, para serem realizadas nos curtos prazos previstos, exigem uma nova técnica e novos métodos de trabalho, que só o proletariado que construiu o socialismo é capaz de criar. Daí as escavadeiras gigantes, que levantam 15 metros cúbicos de cada vez, daí as usinas elétricas de cimento para o fornecimento dos 2 milhões e meio de metros cúbicos exigidos pelas obras do Grande Canal. Assiste-se, assim, a um verdadeiro domínio da natureza, nossa era stalinlana em que os geólogos, como diz M. Ilin, passam a contar o tempo por dezenas de anos ou simplesmente por anos.

Esse quadro maravilhoso, justamente por ser absolutamente real e concreto, forma um contraste chocante com o que se passa nos domínios do capitalismo, onde as classes dominantes só pensam na guerra e na destruição e onde os desertos — sejam os da África, sejam os dos EE. UU. ou dos do Brasil — permanecem sem vida e as secas se alastram como flagelos incontroláveis.

Sob a sábia direção de Stálin e do glorioso Partido Bolchevique, os povos soviéticos dominam os elementos, para criar, assim, a abundância necessária ao comunismo e demonstra de forma eloquente, seu empenho na manutenção da Paz mundial.



A CAMPANHA DOS 5 MILHÕES

Tarefa de todos os comunistas

A Campanha dos 5 Milhões de Cruzeiros, lançada pela "Voz Operária", está destinada a consolidar e fortalecer a todos os órgãos da imprensa popular do país. Trata-se de uma tarefa da maior importância para a luta de nosso povo pela Paz e pela libertação nacional, pois a imprensa comunista e os jornais populares são justamente os principais instrumentos para a propaganda e a organização das lutas da classe operária e do povo contra o govêrno de traição nacional de Getúlio, contra a carestia, pela elevação dos salários, pela conquista da terra para os camponeses, pela libertação do país do jugo do imperialismo ianque, em suma, pela construção da Frente Democrática de Libertação Nacional e a vitória do Programa de 9 Pontos. Assim, trata-se de uma campanha na qual está vitalmente interessado todo o Partido e à qual devem se dedicar todos os organismos do Partido, nacionalmente.

Em cada Estado, em cada município, em cada emprêsa, os órgãos do Partido estão obrigados a ajudar ativamente as comissões que se formarem para levar a cabo as tarefas da Campanha, devendo funcionar como seus verdadeiros impulsionadores. Nessa campanha, os comunistas devem dar prova do maior espírito de iniciativa, promovendo e estimulando a emulação pela conquista dos prêmios instituídos pela Comissão Nacional, as Comissões Estaduais e pelas comissões locais que se formarem.

Os comunistas devem compreender que esta campanha não se reduz a um simples trabalho de fazer finanças ou a um trabalho comum de ajuda aos jornais. Através dessa campanha devem se movimentar todos os militantes, inclusive aqueles companheiros que, por um motivo ou por outro, estiverem na passividade. Devem ser consolidados e ampliados os organismos através dessa campanha e mobilizados todos os amigos do Partido, da imprensa popular e da causa da Paz e da Libertação Nacional.

Para isso se exige, porém, não sòmente grande capacidade de iniciativa com a promoção de rifas, festas, leilões, etc., não sòmente um intenso trabalho de propaganda, através de palestras, reuniões, volantes, jornais murais e outros recursos, como também o mais completo ESPÍRITO DE ORGANIZAÇÃO, a fim de que as tarefas não fiquem no papel, não se percam em resoluções formais e se transformem em trabalho vivo. Sem essa compreensão por parte dos comunistas a campanha dos 5 milhões não poderá ter o êxito necessário.

Não há dúvida de que se os comunistas compreenderem tôda a importância política dessa campanha, tôda a sua significação para um novo auge nas lutas da classe operária e do povo brasileiros, a Campanha dos 5 Milhões será plenamente vitoriosa. As grandes campanhas já realizadas com pleno êxito pelo P. C. B. no passado são uma prova disso.

TUDO, POIS, PELA REALIZAÇÃO VITORIOSA DA CAMPANHA DOS 5 MILHÕES!

ARQUIVO ASTA 1970-1995